

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO
DO RIO GRANDE DO SUL

II TRIMESTRE

ANNO I

COMISSÃO DE REDACÇÃO:

Arthur Candal — J. B. Hafkemeyer —
Leonardo Truda — Lindolfo Collor

PORTO ALEGRE — 1921

Livraria do Globo — Barcellos, Bertaso & Cia. — Porto Alegre

Filiaes: Santa Maria, Cruz Alta, Uruguayana e Pelotas

Cartas de D. Feliciano

Annotadas por Alfredo Barbosa Nogueira

Meus amaveis e bem lembrados compadres⁽¹⁾ — Rio de Janeiro, 18 de Maio de 1853.

Com muita razão deverão ter dito: ora esta, meu compadre por quem lamentamos a sua ausencia, com provas de lagrimas, escreve a todos e a nós não. Estão enganados se assim julgão, devemos contentar primeiro os de fóra e então entraremos pelos de casa, como os considero, portanto se tiver tido alguma negligencia minha não he por desconhecer os seus amores e amizade, mas sim por cumprir o dever prim.^o aos de fóra, não deichando²⁾ sempre de lembrar-me com saudações saudosas em todas as cartas que para minha Mana e sua comadre escrevo.³⁾ Agora pois se bem que muito occupado em preparativos a minha sa-gração que he daqui a 4 dias, Domingo da Trindade, ter de aproveitar o correio do dia 20 que sae, e tambem em exercicios sanctos, jejuando, rezando, oraçoens mentaes, estudando cousas, e respostas de cór, ainda mais as desciplinas, tudo não me faz deichar de enviar-lhe estas poucas regras para assim mostrar o dever de meu reconhecimento e muita amizade, e carinho com que sempre me obsequiaraõ. Será escusado narrar-lhes como tenho por aqui pa-çado porque a Mana lhe terá communicado, como lhe tenho

1) A presente carta de D. Feliciano Prates foi dirigida a Antonio Nogueira de Amorim e Genoveva Maria de Oliveira, avós maternos do sr. Alfredo Barbosa Nogueira, juiz districtal da Encruzilhada (séde).

2) Conservamos a orthographia da carta.

3) D.^a Feliciano de Carvalho Prates, irmã de D. Feliciano e que com elle residia na chacara ora de propriedade do ministro Pedro Mielli, a uma legua desta villa.

feito ver: porem comtudo direi que os ares de Andarai, ⁴⁾ as bôas aguas, o excellente trato que minhas Patronas me fazem, ⁵⁾ estou mais bonito do que era, mais alvo, porque me livro do sol, que faz mal para a febre amarella, ando em carrinhos dourados ⁶⁾ e não a pé como lá, estou já com as maons lizas que nem camurça; já não tenho terra medida nas unhas, ⁷⁾ estou creando já uma barriguinha, não porque me supponha prenho, ⁸⁾ mas sim do bom passadio. Sabem de quem sempre me lembro he do meu companheiro o visinho Tavares, ⁹⁾ para ver se se fartava de enxer as algibeiras e precisão vaquianos e cançar o **Bate-Bate** com os fragmentos que sobram da mesa desta casa. ¹⁰⁾ Será para mim de prazer que todos dessa casa gosem saúde para ainda ter a gloria de os abraçar e beijar. Só para o dia 20 do que vem, poderei daqui sair e achar-me na Provincia pelos fins do mesmo, e portanto pouco tempo nos restará para os ir visitar. ¹¹⁾ Recommende-me as minhas amadas Afilhadas e mais os seus dignos filhos e filhas. Me fará ¹²⁾ uma visita a minha cômadre D. Generosa, Sra. D. Anna

4) Esta palavra deve ser — **Andarahy**.

5) Foi omitida a locução adverbial — **em consequencia** — ou locução prepositiva — **por isso**.

6) Não se sonhava, então, com automoveis.

7) E' sabido que o então padre Feliciano Prates (informam muitas pessoas que o conheceram) ia para as suas lavouras e trabalhava juntamente com os seus escravos, repartindo, depois, todas as colheitas que fazia, com os seus compadres e afilhados, que eram em grande numero, e com os pobres em geral.

8) O virtuoso prelado, a alma bondosa e bemfazeja, que foi D. Feliciano Prates, não deixava de ter um espirito um tanto ou quanto humorístico, como se vê da passagem acima.

9) Francisco Nunes Tavares, mais conhecido pela alcunha de **Baetão**, visinho da chacara onde residia o padre Feliciano Pontes e, hoje, como já ficou dito á nota 3, de propriedade do sr. ministro Pedro Mibielli. **Baetão**, que tocava rabeca, acompanhava sempre o padre Feliciano em varias solennidades religiosas. Era um typo de muita "verve", de quem ainda hoje se repetem muitos ditos chistosos. Nesta villa ainda existe um preto, de nome Candido, já em avançada idade, e que foi escravo de **Baetão**. Falleceu tambem, ha cêrca de dois annos, nesta localidade, um filho do mesmo **Baetão**, de nome Bronduzio Tavares, que era veterano do Paraguay.

10) Não comprehendemos bem o sentido deste trecho, que, entretanto, como se vê, está no original. **Bate-Bate**, era um cavallo da montaria de **Baetão**, ao qual dera esse nome. Existem aqui pessoas como o coronel Juvenio Fontoura, que precisa até o pello do referido animal.

11) Creio que D. Feliciano Prates, depois de sagrado Bispo, ainda veiu uma vez á Encruzilhada, o que transparece, mesmo, desta passagem de sua carta.

12) Emprego do pronome obliquo no começo da phrase.

Barreto, minha comadre D. Nuncia,¹³⁾ minha comadre Maria de Almeida, minha comadre D. Ricarda, e esta não lhe custará por estar na vizinhança: ¹⁴⁾ outra visita também perto a minha comadre D. Florinda, Esposa do compadre Eneas, a minha comadre Felicidade do compadre Mauricio,¹⁵⁾ e basta e pelo que lhe ficarei obrigado e a quem todos dirá que goso saúde e de cada vez mais forte e teso, athe que admirão os que me veem nesta Côrte, ter a idade de 72 annos e ainda frescalhão. Aceitem finalmente o saudoso coração

De seu amante e grato compadre

Feliciano José Roiz Prates

NB. — Como também na vizinhança, outra visita a minha Afilhada Aucta, Esposa do Sr. Vianna e a sua digna Mãe minha comadre venerada D.^a Fausta.¹⁶⁾

Prezado Comp. e Am.^o 1)

Ontem pelo p.^o desta, que he meu compadre Luiz Severino, he que me certifiquei estar Vm. preso nessa cadeia, vindo de Porto Alegre. Queira conhecer o quanto me tem incommodado, conhecendo a sua pureza de coração e bons sentimentos, mas onde está o homem ahi está o perigo.

Queira igualmente avisar-nos em que circumstancias se achão seus suppostos crimes e receber por visita minha a Pessoa de meu compadre, emquanto pessoal não vou.

13) D.^a Nuncia Pinheiro, esposa de Marianno José Pinheiro. Este que era um pratico em medicina, e homem muito humanitario, foi assassinado pelos proprios filhos(excepção de alguns que não tomaram parte no crime), mais ou menos, no anno de 1871 ou 1872, sendo esse um crime que abalou a sociedade daquella época.

14) D. Ricarda Bicca, virtuosa senhora, de quem existem muitos descendentes neste municipio.

15) Mauricio da Costa Nunes e D. Felicidade da Costa Nunes, casal que deixou grande descendencia neste municipio da Encruzilhada e do qual existem ainda muitos netos. Mauricio da Costa Nunes foi, durante muitos annos, professor publico nesta villa. O autor destas ligeiras notas ainda o conheceu e frequentou sua escola.

16) D.^a Aucta Corrêa (antes Aurea Corrêa), ainda existe nesta villa, contando idade muito avangada. O sr. Possidonio Barreto de Azambuja, ha pouco fallecido nessa capital, foi casado em primeiras nupcias com uma filha da referida sra. O dr. Arminio Silveira, intendente deste municipio, é casado com uma neta da mesma, filha do sr. Possidonio Azambuja acima alludido.

1) Era dirigida a Antonio Nogueira de Amorim, avô materno do juiz districtal da Encruzilhada, Alfredo Barbosa Nogueira, quando aquelle, que era **legalista**, se achava preso na hoje cidade de Rio Pardo, devido a perseguições politicas, em 1835.

O meu pouco prestígio e poucos interesses estão a disposição de meu amável compadre. Será de meu maior gosto ter meios de mostrar a minha amizade. Se deste lugar necessitar alguma coisa para o seu commodo melhor nessa villa ²⁾ avise-nos e occupe a mim, e sua comadre, que igualmente se mostra a Vmce. pezarosa e offerece seus prestígios. ³⁾ Tenha resignação aos trabalhos, que os nossos desgraçados tempos nos offerecem, e mande com franqueza a quem eternamente será

De Vmce.

Comp.^o e am.^o agradecido

Feliciano José Roiz Prates

Capivary, 26 de Maio de 1835.

Comp.^o e am.^o ¹⁾

Espere-me na Igreja cedo na Quarta-feira que lá me eide achar, quando assim queira, e quando não será aqui a Missa que pede. ²⁾ Volta a esmola, por isso que as Missas gratuitas tem maior merecimento. ³⁾ Se quizer lá a Missa não he preciso aviso e se quizer aqui então necessitarei para meu governo; na intelligencia que em não vindo aviso, já sei que quer lá, para evitarmos esse encommodo; e quando minha comadre tambem quizerá assistir e portanto julgo melhor lá. Recommendo-nos no geral.

Seu muito amante e grato Comp.^o

Feliciano José Roiz Prates

2) Rio Pardo era, então, uma das villas da Provincia do Rio Grande do Sul.

3) D.^a Felicidade Prates, irmã de D. Feliciano Prates. Esta carta é mais uma prova evidente do grande coração do virtuoso prelado.

1) O mesmo Antonio Nogueira de Amorim, a que se referem as outras cartas.

2) Esta carta foi escripta da chacara, onde residia D. Feliciano e onde, como parochio, tambem celebrava em uma capella que ainda hoje ali existe, muito bem cuidada. A chacara é, actualmente, propriedade do Dr. Pedro Mibielli, ministro do Supremo Tribunal. Vê-se bem, pelos termos da carta, que o virtuoso sacerdote ponderava que a missa pedida, tanto podia ser celebrada na capella existente em sua chacara, como na egreja parochial, desta villa. E devolvía a esmola porque entendia elle que as missas gratuitas tem maior merecimento...

Organisação do 18.º Districto Telegraphico

1.º do Rio Grande do Sul

(Capitulo II do relatorio de 1920)

Attendendo, em parte, a algumas das considerações desta Chefia em carta de 31 Outubro 1919 ao Dr. Sub-Director Technico (carta transcrita no meu relatorio anterior), por aviso n. 575, de 23 Dezembro desse anno, o Sr. Auxiliario Technico communicou-me, de ordem daquelle, que em 1.º Janeiro seguinte entraria em vigor a nova divisão deste e do 19.º districtos, approvada por vós. Mas, em vista das minhas ponderações em telegrammas ns. 1164 e 1171, respectivamente de 24 e 29 daquelle mez, o Sr. Dr. Sub-Director Technico, por aviso n. 614, de 31, fez alterar a primitiva organização constante do citado aviso n. 575, estendendo este 18.º Districto até Montenegro, inclusive a estação, ficando tambem nelle incluídas as de S. Borja e Passo de S. Borja, de accordo com o seu citado aviso n.º 1171.

Mesmo assim, porém, tal divisão e tal modificação absolutamente não attenderam ás necessidades do nosso serviço, nem ás deste Estado. A respeito, devo transcrever as observações precisas que expendi sobre essa medida nos meus telegrammas ns. 1128, de 10 e 1164, de 28 Dezembro 1919, observações que podem ser severas e até impertinentes, porem que não significam critica negativa e, menos, desatenção a actos superiores.

“Pleno accordo passagem linha P. Alegre — Cachoeira — Rozario — Alegrete — Uruguayana, peço ponderar não seja truncado circuito P. Alegre — S. Paulo, sob pena mesmos inconvenientes e prejuizos causados divisão circuito Bayres. Além desse circuito depender essencialmente de P. Alegre, até remessa papeis estações será demorada e difficil, pois regiões colonial e nordeste Estado só teem communicações faceis com esta Capital. Penso decimo-nono deverá ficar com linha Cachoeira — Passo Fundo e ramaes della partem, comprehendendo seguintes estações: Colonia,

(Capitulo II do relatorio de 1920)

Santa Maria, Julio de Castilhos, Tupaceretan, Cruz Alta, Carasinho, Silveira Martins, S. Pedro, S. Vicente, Jaguary, Boqueirão, S. Francisco Assis, Ijuhy, Santo Angelo, Comandahy, S. Luiz Missões, S. Nicoláo, Palmeira, Campo Novo, Alto Uruguay. Ficarei com restantes, porque serviço Repartição não me peza.”

“Peso permissão ponderar respeitosamente que nova divisão districto, como a anterior, não attende necessidades administrativas nem facilidades trafego. Decimo nono intromette-se zona ex-rede estadual, com qual não tem ligações directas, trafego mesma zona devendo continuar ser feito exclusivamente intermedio P. Alegre, que pertence outro districto, e reproduzindo-se, portanto, inconveniencias e irregularidades primeira divisão. Alem disso, toma conta circuito S. Paulo, que depende essencialmente de P. Alegre, e cujos fios do rio Cahy para esta Capital correm nos postes da linha da campanha. Unica divisão logica seria a indicada meu aviso 1128, de 10 (o anterior), que discrimina perfeitamente regiões telegraphicas e mantem condições topographicas favoraveis. Modo contrario, seria então preferivel deixar um só districto. Como já disse, trabalho não me atemoriza. Lamento que indicações, ponderações, em bem serviço, nada pesem, nada valhem Mappa districto justificará plenamente estar razoaveis observações, que entrego vosso tino administrativo, vossa dedicação Telegrapho, para quaes appello confiante. Não me guia despeito ou vaidade, orienta-me apenas amor Repartição. Aguardo vossa solução, afim organizar novo districto.”

Mas, posto que, em aviso n.º 1369, de 29 do citado mez de Dezembro, em resposta ao meu atraz transcripto, o Dr. Sub-Director Technico me affirmasse prestar attenção ás minhas vistas, foi mantida a primitiva organização, constante do aviso 575, apenas modificada do modo explicado no começo deste capitulo.

De sorte que, assim constituido, o 18.º Districto (1.º do Rio Grande do Sul) comprehende: na grande **linha-trengo**, que acompanha, em geral, o littoral do Brazil, os trechos de Torres (S. Domingos das Torres), extremo norte, a Conceição do Arroio, de Conceição do Arroio a Viamão, de Viamão a Porto Alegre e de Porto Alegre a Pedras Brancas, com uma extensão, em linha de postes, de 205808 metros, e um desenvolvimento, em conductores, de 617424 metros, e no novo traçado (ou **linha auxiliar**), somente entre Torres e Conceição do Arroio, uma extensão e um desenvolvimento de 98000 metros, ou seja, na citada **linha-**

tronco, uma extensão total de 303808 m. e um desenvolvimento total de 715424 m.; no **circuito internacional** (de Porto Alegre a Buenos Ayres) os trechos de Porto Alegre a Triumpho, de Triumpho a Margem, de Margem a Santo Amaro, de Santo Amaro a Rio Pardo, de Rio Pardo a Cachoeira, de Cachoeira a Caçapava, de Caçapava a S. Gabriel, de S. Gabriel a Rosario, de Rosario a Alegrete e de Alegrete a Uruguayana, com uma extensão, em linha de postes, de 690686 m. e um desenvolvimento, em conductores, de 2175166 m.; no **circuito S. Paulo — P. Alegre** os trechos de P. Alegre a Passo do Cahy (posto telephonico) e de Passo do Cahy a Montenegro, com uma extensão, em linha de postes (estes communs, até Passo do Cahy, aos do circuito internacional), de 61027 m. e um desenvolvimento, em conductores, de 1222054 m.; no **1.º circuito interior** (de Porto Alegre a Florianopolis) os trechos de P. Alegre a S. Leopoldo, de S. Leopoldo a Cahy e de Cahy a Montenegro (todos da ex-rêde estadual), com uma extensão, em linha de postes, de 81151 m. e um desenvolvimento, em conductores, de 162302 m.; nos **ramaes**, os trechos de Conceição do Arroio a Tramandahy (estação balnear, periodica, e linha cedida á Intendencia Municipal de Conceição do Arroio, a titulo precario); de P. Alegre a S. João e á Varzêa (estações urbanas) e de S. João a Gravatahy; de Passo do Cahy (posto telephonico) a Triumpho (postes communs aos do circuito internacional), de Triumpho a S. Jeronymo e a Taquary, de Taquary a Estrella e de Estrella a Lageado; de Rio Pardo a Santa Cruz e de Santa Cruz a Candelaria e a Venancio Ayres; de Caçapava a S. Sepé; de Alegrete a Quarahy e a Mariano Pinto, (posto telephonico), de Mariano Pnto a Itaquy e a S. Borja e de S. Borja a Passo de São Borja (na margem do rio Uruguay); de Uruguayana a Itaquy (nos postes da E. F. Brazil Great Southern Railway e por esta conservados); de S. Leopoldo a Novo Hamburgo, de Novo Hamburgo a Taquara (do Mundo Novo) e de Taquara a Santo Antonio (da Patrulha) e a S. Francisco de Paula (de Cima da Serra), todos com uma extensão, em linha de postes, de 858540 m. e um desenvolviment, em conductores, de 1139780 m.; nas **ligações com as Republicas Argentina e Oriental do Uruguay**, para o serviço internacional, os trechos de Uruguayana e de Itaquy ao rio Uruguay e de Quarahy a Artigas (antigo Santo Eugenio), com uma extensão, em linha de postes, de 3594 m. e um desenvolvimento, em conductores, de 5754 m.; e, emfim, nas **ligações com a Viação Ferrea do Rio Grande do Sul**, para o serviço de trafego

mutuo telegraphico, em P. Alegre, Margem, Rio Pardo, Cachoeira, S. Gabriel, Rosario, Alegrete Uruguayana e S. Leopoldo, e com a **Brazil Great Southern Railway Company Limited**, em Itaquy, S. Borja e Uruguayana (esta commum á da Viação Ferrea), trechos com uma extensão, em linha de postes e um desenvolvimento de conductores, de 13417 m.

De sorte que, em resumo, actualmente, a extensão total da linha de postes deste Districto é de 2012223 m. e o seu desenvolvimento, em conductores, é de 4333897 m.

Estas quantidades, porem, não podem ser rigorosamente exactas, não só pela deficiencia de dados difficilmente obtidos, como tambem por constantes alterações em diversos traçados, que deverão figurar quando fôr feito o levantamento geral das linhas desta região, ha pouco ainda profundamente modificada em sua estrutura organica.

Esta rêde comprehende 7 secções e 48 trechos, pela maneira seguinte:

- 1.^a — De Torres a Conceição do Arroio, de Conceição a Viamão, de Viamão a P. Alegre, de P. Alegre a Pedras Brancas, a Varzêa e a S. João (urbanas) e á Viação Ferrea do Rio Grande do Sul, de S. João a Gravatahy e de Conceição a Tramandahy (ramal, para estação balnear, periodica, cedido á Intendencia Municipal de Conceição do Arroio, a titulo precario), com 363998 m. de extensão, 775614 m. de desenvolvimento e 9 trechos, séde em P. Alegre;
- 2.^a — De P. Alegre a Triumpho, de Triumpho a Margem, a S. Jeronymo e a Taquary, de Taquary a Estrella, de Estrella a Legeado e de Margem á Viação Ferrea, com 271803 m. de extensão, 604570 m. de desenvolvimento e 6 trechos, séde em Triumpho;
- 3.^a — De Margem a Santo Amaro, de Santo Amaro a Rio Pardo, de Rio Pardo a Cachoeira e a Santa Cruz, de Santa Cruz a Candelaria e a Venancio Ayres e de Rio Pardo á Viação Ferrea, com 239377 m. de extensão, 663061 de desenvolvimento e 7 trechos, séde em Rio Pardo;
- 4.^a — De Cachoeira a Caçapava, de Caçapava a S. Gabriel, de S. Gabriel a Rosario, de Caçapava a S. Sepé e de Cachoeira, S. Gabriel e Rosario á Viação Ferrea, com 276539 m. de extensão, 724483 m. de desenvolvimento e 7 trechos, séde em S. Gabriel;
- 5.^a — De Rosario a Alegrete, de Alegrete a Uruguayana e de Uruguayana a Itaquy, a Libres (até a margem

esquerda do Rio Uruguay) e á Viação Ferrea, com 341636 m. de extensão, 786498 m. de desenvolvimento e 6 trechos, séde em Alegrete;

6.^a — De Alegrete a Itaqui, Quarahy e Ibicuihy (Mariano Pinto, posto telephonico, entroncamento das linhas de Itaqui e S. Borja), de Itaqui á E. F. Brazil Great Southern e de Quarahy a Artigas (antigo Santo Eugenio), com 314726 m. de extensão, 494376 m. de desenvolvimento e 6 trechos, séde em Alegrete;

7.^a — De Porto Alegre e S. Leopoldo, de S. Leopoldo a Cahy, a Montenegro e a Novo Hamburgo, de Novo Hamburgo a Taquara, de Taquara a S. Francisco de Paula (de Cima da Serra) e a Santo Antonio (da Patrulha), e de S. Leopoldo á Viação Ferrea com 204144m. de extensão, 285295 m. de desenvolvimento e 6 trechos, séde provisoria em P. Alegre, definitiva em S. Leopoldo.

Por officio n. 193, de 19 Março, vos propuz, apoz a minha inspecção á linha internacional até Rosario, a subdivisão, em tres, dos dois trechos entre Caçapava e S. Gabriel, terreno de serra, em parte, a accidentadissimo e cheio de arroinos e banhados perigosos, invadeaveis no inverno, em outra parte. Esta proposta, approvada por aviso n. 292, de 9 Abril, da Sub-Directoria Technica, não foi executada durante o anno por falta de um inspector na importante 4.^a secção; sanada tal falta em Dezembro ultimo, em breve será effectuada a util medida, de conservação e fiscalisação de linhas, ao mesmo tempo, pela montagem de um apparelho telephonico no "Passo dos Freires", extremo do primeiro trecho, a partir de Caçapava, e em comunicação com esta estação.

Entregues a este Districto, em 2 Setembro, os dois conductores que a Viação Ferrea ainda possuia nos nossos postes entre P. Alegre e Barreto (Margem), patenteou-se logo depois a necessidade da installação de um posto telephonico em Passo do Cahy, meio do trecho entre esta Capital e Triumpho e ponto de entroncamento da linha do circuito S. Paulo — P. Alegre (ao qual ficavam pertencendo aquelles dois conductores) que vêm de Montenegro.

Suggestido este melhoramento pelo Sr. inspector-ajudante do Districto, por officio n. 569, de 15 Setembro, fiz a respectiva proposta ao Sr. Sub-Director Technico, e por portaria de 8 Novembro mandastes installar, por conveniencia do serviço, o posto telephonico do citado Passo do Cahy.

As 7 secções discriminadas ligam entre si 37 estações telegraphicas, pela maneira seguinte, conforme a especie de cada linha e na ordem das respectivas secções:

Tronco — Torres, Conceição do Arroio, Viamão, Porto Alegre e Pedras Brancas (5);

Circuito internacional — P. Alegre (já nomeada), Triumpho, Margem, Santo Amaro, Rio Pardo, Cachoeira, Caçapava, S. Gabriel, Rosario, Alegrete e Uruguayana (10);

Circuito S. Paulo — P. Alegre — P. Alegre, Triumpho (já nomeadas) e Montenegro (1);

1.º Circuito interior — P. Alegre (já nomeada) S. Leopoldo, Cahy, e Montenegro (esta já nomeada) (2);

Ramaes — S. João e Varzêa (urbanas de P. Alegre), Gravatahy, S. Jeronymo, Taquary, Estrella, Lageado, Santa Cruz, Candelaria, Venancio Ayres, S. Sepé, Quarahy, Itaquy, S. Borja, Passo de S. Borja, Novo Hamburgo, Taquara, Santo Antonio e S. Francisco de Paula (19).

Segundo sua importancia em relação ao trafego e á quantidade de serviço, calculada esta pela media do numero de telegrammas transmittidos mensalmente, estas 37 estações estão assim grupadas:

Principal — P. Alegre (1);

1.ª classe — Alegrete e Uruguayana (2);

2.ª classe — Cachoeira e S. Gabriel (2);

3.ª classe — S. Leopoldo e Triumpho (2);

4.ª classe — Caçapava, Itaquy, Quarahy, Rio Pardo, Rosario, Santa Cruz, S. Borja, Taquara e Varzêa (9);

5.ª classe — Candelaria, Conceição do Arroio, Estrella, Gravatahy, Lageado, Margem, Montenegro, Novo Hamburgo, Passo de S. Borja (urbana de S. Borja), Pedras Brancas, Santo Amaro, Santo Antonio da Patrulha, S. Francisco de Paula, S. Jeronymo, S. João (urbana de P. Alegre), S. Sebastião do Cahy, S. Sepé, Taquary, Torres, Venancio Ayres e Viamão (21).

Além destas 37 estações telegraphicas, possúe o Districto 6 postos telephonicos para o serviço de conservação de linhas:

Passo da Lagôa, entre Torres e Conceição do Arroio, e **Estiva**, entre Conceição do Arroio e Viamão, ambos na 1.^a secção (linha tronco); **Passo do Cahy**, entre P. Alegre e Triunpho, na 2.^a secção (circuito internacional); **Capella de Saycan**, entre Rosario e Alegrete e **Ibirocay**, entre Alegrete e Uruguayana, ambos na 5.^a secção (circuito internacional); **Mariano Pinto** (Ibicuhy), entre Alegrete, Itaquy e S. Borja, no ponto de entroncamento de conductores, 6.^a secção.

Amaro Baptista

Memorias de Francisco Pedro de Abreu

(Barão de Jacuhy)

(Conclusão)

44.

No mes de Abril de 1840, Hove concelho militar no Quartel General do Exercito no Cahy, aonde se deliberou de contrapassar as forças da cavallaria ao mando do Brigdro Caldeirão, e do TenCor Francisco Pedro de Abreu. o báu do Rio Taquary, e seguirem a distancia de mais de 8 legoas a Monte Alegre, a bater as forças inimigas, ao mando do Gen. Netto, Crecencio, e João Antonio, e outros officiaes, o q' sendo executado com bastante trabalho e destreza, com tudo quando se viu no acampamento de Monte Alegre do inimigo, só se encontrou os fogões, por serem avizados na vespera, e por isso teve de se retirar as forças legaes para Taquary, ficando ahy como dantes as forças do TenCor Francisco Pedro de Abreu, e seguindo as forças do Brigdro Caldeirão (acampar-se em St. Cruz, daonde tinha sahido porem as forças do Brigdro Caldeirão), por ordem do General. Logo marcharão a reunir-se ao exercito no Cahy, em distancia de 8 legoas, com o destino de fazer maior barreira a passagem do exercito inimigo, ordenando-se ao mesmo tempo ao TenCor Fr. Pedro de Abreu, que emediatemente com sua força viesse ocupar o acampamento de St. Cruz, distante de Taquary mais de 5 legoas, o qual TenCor sahiu emediatemente deixando o Cappam Rafael Vianna com 20 homens, com ordem de aparentar a força inteira athe a tarde afim de dar lugar a se reunir o Cappam Antonio Israel de S^a q' guarnecia hum paço de cima de Taquary, para não ser surpresa do inimigo ao mando de Netto e q' tendo-se aquelle reunido, com toda a presteza, se lhe fossem reunir em St. Cruz no Azevedo; com effeito no seguinte dia de tarde se lhe forão reunir.

hum força de mais de 5000 homens, se fez conselho de consulta, se o exercito legal debia seguir o inimigo, ou se devia encaminhar de noite a esquerda para o Rincão do Bernardo, na costa do Rio Jacuhy; de seguir o exercito legal para o Rincão do Bernardo muitos eram de parecer; Mas o TenCor Francisco Pedro de Abreu, conhecendo q' ali ficava o exercito isolado, e sem suficientes meios de ser fornecido a carne, e que o inimigo naquelle lugar o havia de consumir, muito se oppoz a esta deliberação do qual foi vencido. Mas como o dº Abreu andava sempre na vanguarda do exercito, para onde corria perigo, depois da consulta, dando-se ordem de o exercito se aprontar a marchar para o Rincão do Bernardo, e prompto as 10 horas da noite do dia 1 de Maio de 1840, se poz em marcha, hindo na rente o TenCor Fr. Pedro de Abreu, e quando este passou pelo caminho q' tomava a esquerda para o Rincão do Bernardo, parece que se fez esquecido, e caminhou direito ao Taquary, e vendo o Ajudante General Gabriel, que já se tinha marchado muito, e q' ainda não apparecia o Rincão do Bernardo, se encaminhou a saber do TenCor Abreu, o motivo de ainda não ter chegado; Respondeu-lhe o dº Abreu, que a marcha de hum exercito, com tropas a pé, peças de carretas, carretas de fornecimento q' tudo isto junto marchava de vagar, com esta resposta se retirou o Ajudante General mas dahi a seu tempo, voltou o segundo de ordem do Gen. em cheffe Mº Jorge Roiz, então lhe respondeu o TenCor Francisco Pedro, Diga ao Sr. General q' eu cansado e transnortado, quando passei pelo caminho q' tomava para o Rincão do Bernardo, parece q' vinha dormindo q' não dei por elle, mas q' quando amanhecer o dia, todo o exercito legal ha de estar em seu postos na melhor posição em Taquary; o q' muito ha de succumbir o inimigo; e como é facto assim aconteceu; q' quando o Quartel General Rebelde de manhã, de hum alto tal viu, logo se abismarão do General velho Roiz os enganar, e jamais querião saber de ataque, e sim de passarem o báu do Rio Taquary, para seguirem a campanha, erão 2 de Maio de 1840, em q' assim se encontrarão os dous exercitos em Taquary, e nesse mesmo dia se fez conselho, em q' propoz o TenCor Abreu, que naquella noite, muito convinha de hum força legal passar báu do Rio Taquary atacar a passagem do inimigo para a campanha, o q' elle para isso já trazia secretamente bombeiros em observações; a esta proposição do TenCor Abreu, houve muita opposição dizendo que não tinha lugar de tal se fazer, pois como era possivel de força nenhuma passar pela frente de hum exercito sem

Tendo nesse mesmo dia o TenCor Francisco Pedro de Abreu, recebido ordem do Ajudante General Grabiell J^o da S^a, de mesmo se conservar naquelle lugar, e q' mandasse policia para Taquary, estando o d^o Abreu neste detalhe, recebe hum officio ao por do sol do Brigdro Caldeirão avisando-o que visse como se safava, porque o exercito inimigo já tinha passado o Rio Cahy, e q' velozmente se encaminhava para o seu acampamento de St. Cruz, e que mesmo não tinha outra estrada a seguir, e que já se devia considerar cortado e cercado por todos os lados, segundo a manobra do inimigo, e como de facto, já o Netto com huma força de mais de 900 homens tendo passado o Taquary caminhava para St. Cruz, sobre o TenCor Abreu, q' se achava só com 300 homens. Emcaminhando-se as forças rebeldes do Cahy a cercalo no meio; Mas o TenCor Abreu, pela demora do avizo a tempo da passagem do inimigo no Cahy, desconfiou de traição, mas não se pasmou, emediatamente mandou apanhar cavallos e se poz em marcha por caminhos exquisitos, e nunca seguidos por sua empreza, pelos quaes estando em distancia de meia legoa de St. Cruz, entrando o escuro da noite, mandou por hum camarada subir em huma arvore, e observar o acampamento deixado e já se achava cheio de rebeldes por terem as duas forças inimigas feito junção. Marchou o d^o TC Abreu toda a noite mais de 10 legoas, por ter dado huma volta de mais de 2 legoas, e quando chegou no Cahy no lugar do acampamento do exercito legal, sobre a madrugada, tambem não achou o exercito legal, e tive o TenCor Abreu, de o hir seguindo com a sua força, assim cansado de huma marcha tão custoza e ácelerada, e ao terceiro dia da passagem do inimigo no Rio Cahy, se avistarão os dous exercitos em St. Cruz, no Azevedo tendo o inimigo tomado a superior posição, não só de ataque como de seguir livremente o Campo da fronteira aonde tinha todos os seus recursos.

No Azevedo, se promoverão só algumas Guerrilhas, no dia que se avistarão os dous exercitos, e na occasião das Guerrilhas estando o Comm.da Cavallaria legal, o Brigdro Bonifacio Caldeirão, em casa do Azevedo Farrapo, e tomando ahi um chá ou caldo, e montando a cavallo aproximou-se as Guerrilhas a dar huma ordem, emediatamente cahiu do cavallo abaixo, sem ser de bala, nem ferimento algum Morto; e o depois se soube pelos mesmos rebeldes q' a mesma cilada estava para o TenCor Abreu, mas isto não causou abalo; Como o inimigo marchava na frente, e sempre em melhor posição e apresentava das trez armas

ser precentido. Mas o TenCor Abreu instou do conselho que elle se atreveria a fazer com a força de seu commando do 5. Corpo, que se lhe desse hum batalhão de infantaria, a muito custo cedeo o conselho que elle fizesse a diligencia, e q' escolhece gente, alguns officiaes superiores então se offerecerão de acompanhar, porem na occasião da sahida, não forão. Porem o dº TenCor Abreu, antes de romper o dia tinha feito a diligencia, e já tinha do outro lado do Rio feito os reparos possiveis a passagem do inimigo, passando pela sua frente sem ser percentido, e fazendo-lhe na Picada hum prisioneiro e hum Tenente morto, que andavão de bombeiros; passagem esta que fes desesperar o inimigo, e encaminhou a victoria a legalidade, retrocendo os rebeldes derrotados quasi a pé, e mortos a fome, outra vez para os suburbios da Capital etc. (Todas stas e outras deliberações q' por vezes salvarão o exercito legal, do dº Abreu, não convinha dalas ao prelo em ordens do dia).

45.

O TenCor Francisco Pedro de Abreu do outro lado do báu por todas as passagens do báu para cima atacou quantos officiaes rebeldes querião passar, para o lado de St. Amaro. Destroçando a todos assim como o intitulado Ten Cor Antonio Joaquim Dornellas, que andando com huma partida de 50 a 60 homens o qual o dº Abreu apertou de tal forma pelas bandas de Monte Alegre, que se viu obrigado e parte de sua gente a passarem-se no Rio Jacuhy, para as bandas do Curral alto, deixando o seu cavallo ensilhado, assim como muitos dos q' o acompanhavam, ficando em poder da legalidade, cento e tantos cavallos, com os ensilhados, e desta e das mais partidas batidas, alguns prisioneiros, entre officiaes e soldados; E com esse grande exceço do TenCor Abreu, se lhe inflamou de novo o seu braço direito, q' lhe foi preciso seguir a St. Amaro, ao Quartel General, para o Cirurgião Mor do exercito Christovão lhe abrir o braço e lhe tirar duas grandes esquirulas, para ajuntar a mais de 50, q' lhe tem sahido do seu braço, e feita a operação, já marchou sobre os rebeldes circulando bastantes legoas.

47.

O TenCor Francisco Pedro de Abreu, em fins de Maio de 1840, seguiu com maior parte da força de seu commando

afim de tirar todos os recursos ao inimigo, pelos Districtos da Encruzilhada, S. José, Camaquam, Capela das Dôres e Barra, em cujo circulo de mais de 60 legoas, fez desaparecer todas as patidas policiaes Rebeldes, e reuniu mil e quinhentos cavallos, entrando neste numero 300 potros, e destes cavallos supriu, com grande porção, no caminho de sua retirada ao Cor. Loureiro, commandante interino então da cavallaria, q' seguia quasi a pé para Cassapava, recolhendo-se com mil e tantos ao QlGeneral de St. Amaro.

46.

O TenCor Francisco Pedro de Abreu em dias de Maio de 1840, no Porto da Estrella derrotou huma partida rebelde de 20 homens da qual prisionou quasi todos, e outros alem dos feridos ficarão mortos no campo.

48.

O TenCor Francisco Pedro de Abreu, nunca sejava de perseguir os rebeldes; pois de continuo trazia espias sobre elles; nos ultimos de Maio de 1840 seguiu com parte da força do 5. Corpo de seu commando, para o Distr. da Barra, não só a fazer barreira aos rebeldes, que pertendiam passar em Tapoam, e na lagoa, como, em restolhar mais alguns cavallos para remonta do Exercito legal. Nesta occasião soube-se q' o intitulado Genl Netto, com o seu Piquete, e muitos Officiaes, tinham na Lagoa, passado de Capivary para a Barra Negra, na Estancia do finado Conego Salgado; fes o TenCor Abreu, huma marcha forçada entre dia e noite de 15 legoas, e na madrugada do dia 18 de Junho de 1840, atacou o dº Netto e toda a sua comitiva, da qual alem dos feridos ficarão no campo 6 mortos, entrando neste numero o Cor rebelde Corte Real, alguns prisioneiros q' andavão por 8 ou 10, muitos cavallos ensilhados de bons arreios, escapando-se o dº Netto por estar bem montado e se arrojar por hum banhado de agoapés atravessar o arroio do salgado que estava de nado, deixando 4 canastras com toda a sua roupa, e toda a bagagem, papeis da secretaria, e com correspondencia secreta, q' tudo foi enviado ao Presidente e Governo das armas.

49.

O TenCor Francisco Pedro de Abreu, vendo q' da total derrota do intitulado Genl Netto, lhe tinha escapado este,

e o seu secretario Luiz Boticario, e q' o Netto desmattelado tinha ido parar na botica da Forquilha em casa do Ten Antonio da Costa, e que este lhe mandara passar no arroio em huma gamela de tomar banhos, o preseguiu occultamente de noite e de dia, passando arroios e sangas de nado na distancia de mais de 30 legoas, precorrendo os Districtos das Dores, Camaquam, S. José, e Encruzilhada, com a idea de fazer patente a sua derrota, para ficar no todo desmoralisado, e não poder reunir gente, e como de facto assim foi, porque varou o Rio Camaquam com dous homens, a ganhar a sua lanxa de Piratiny, e nesta passagem escapou por hum fio de ser pegado pelo TenCor Abreu. Tal Terror cauzou entre os rebeldes, a noticia da derrota de Netto, que todos se mettião pelos mattos, e se não querião reunir-se a tal partido, tanto assim, que andava o intitulado Ten Cor Silveirinha com huma partida de 40 e tantos homens, para bater huma força de Policia na Encruzilhada de pouco criado pelo TenCor Abreu, quando aquelle soube da approximação deste, se dispersou por si mesmo, fugindo para os Mattos. E assim o dº Abreu no circulo de mais de 60 legoas. fes submetter a boa ordem, prisionando muitos q' depois de os aconselhar os largava para suas casas, e remontando-se de boa cavallhada, no fim de cinco mezes, de activo serviço, se recolheu para a Capital de Porto Alegre, em 17 de Julho de 1840, não só a dar descanso a sua gente, como se municiarem de fardamento e soldo, de q' estavam desprevenidos.

50.

O TenCor Francisco Pedro de Abreu nunca descansava as ideas de distrahir, e de aniquilar por todos os modos o partido rebelde, e soube pelos seus bombeiros, q' en-distancia da Capital de Porto Alegre, pouco mais de 3 legoas, n afazenda chamada de Capivary, debaixo de huma guarda; O derrotado Netto, e seus officiaes tinham deixado huma cavallhada de estimação de seus andares, e apesar desta diligencia ser de grande risco, por ser distante meia legoa do Exercito rebelde, comtudo a propos ao Presidente da Provincia e Genl das armas Andreas, em dia 4 de Agosto de 1840, as 8 horas da noite, embarcou-se com 50. homens do 5. Corpo de cavallaria da GN de seu commando, e 200 homens de infantaria, ao mando do Cor Fernandes, e seguiu em 2 barcas de vapor e tres barcas de cavallo, 9 legoas a Itapoam, aonde chegou as 2 horas depois de meia noite, mas vendo ser já tarde para o effeito da dilligencia,

arribou para o outro lado do Rio Guahyba, tres legoas, nas Charqueadas da Barra, donde esteve o dia inteiro a dar pasto aos cavallos, e a noite embarcando foi dar outra vez em Ittapoam a s10 horas da noite. E desembarcando emediatamente com os 50 homens de cavallaria, deixando ahi a nifantaria com seu commandante na praia de Ittapoam, e caminhou de noite 5 legoas amanhecer na guarda e Estancia do TenCor Abreu, aonde investindo a Guarda a destrouçou com perda de hum rebelde morto, e fez alguns presioneiros, dos quaes mandou 4 para a prizão do 11. Batalhão de Porto Alegre, sendo hum destes o Capitão rebelde Carcamenho, 2. commandante da comitiva do celebre Garibalde, e parando cerco emediatamente na dª Estancia, tirou 140 cavallos bons. não só de Netto, como dos mais officiaes rebeldes, com os quaes se retirou direito a Ittapoam. donde tinha sahido, aonde chegou ao meio dia do dia 6 do dº Agosto, e fazendo emediatamente passar os cavallos para a Ilha do Junco, por ser mais perto, e fazendo seguir a barca grande de vapor com infantaria para Porto Alegre com os prisioneiros, ficou o dº TenCor Abreu, com as 50 praças de cavallaria de seu commando, e com o auxilio do chefe da marinha Greefler na barca Casopeia, passarem os cavallos da Ilha de Junco, para as Charqueadas da Barra, deonde seguiu com elles por terra o dº Abreu, até a Charqueada do Capitão Vicente Ferreira Leitão. em frente a Porto Alegre, e dando ahi algum descanso a gente, e cavallos, seguiu no dia 12 de Agosto para o Exercito legal em St. Amaro. Foi publico q' esta diligencia tão perto do Exercito rebelde, os poz em muitos cuidados, por se não conciderarem seguros em parte alguma.

51.

O TenCor Abreu, chegado no Exercito em St. Amaro, pouco aguentou o lugar, porque em huma barca de vapor e duas barcas de passar animaes, se embarcou em St. Amaro em 18 de Setembro de 1840, com 120 praças do 5. Corpo de seu commando e 40 cavallos, seguiu pelo Rio Jacuhy abaixo 18 legoas a desembarcar no Porto de S. Francisco Leitão, nas pedras brancas, e amilhando nesse dia inteiro os cavallos dentro do matto, caminhou de noite com 40 praças direito ao Boqueirão, a ver se colhia o intitulado Capam Francisco Caxoeira, q' a força andava reunindo gente. Mas como este se encontrasse pelos mattos, Emdireito o dº TenCor Abreu por terra directo a Estancia do finado Mathias José da Almeida, e dahi as charqueadas da

Barra, para onde tinha mandado seguir as embarcações, e dando ahi descanso aos cavallo, embarcou e seguiu a Lagoa dos Pattos, em distancia de mais de 30 legoas, debaixo de bem mau tempo, desembarcando na parte esquerda da mesma lagoa, seguiu emediatamente ahuma invernada dos Rebeldes chamada Rossa Velha, e ahi suprihendeu a sua guarda de 30 e tantos homens, prisionando 26 e matando 5. dos quaes foi o commandante O Major Maximino. Tornado-lhe 800 cavallo, dos quaes não podendo trazer senão dos melhores, as suas barcas carregadas, e os mais por não servirem aos rebeldes os mandou degolar, vindo entre os prizioneiros o rebelde Ten. irmão de Marcos Alfaiate, e com as duas barcas de cavallo, portou nas Charqueadas da Barra na margem direita do Rio Guahyba e ahi desembarcando se conservou até dar descanso a gente, e cavallo, e no dia 25 de 7bro de 1840, de tarde embarcou, e passando em frente da capital de Porto Alegre, seguiu rio acima 15 legoas, desembarcar no Exercito em St. Amaro.

52.

O TenCor Francisco Pedro de Abreu. enteirado dos seus bombeiros, no dia 3 de 9bro de 1840, de que o Ajudante General Rebelde, Joaquim Pedro Soares, tinha passado no Cahy, com huma força de 300 homens em direcção a Villa do Triumpho, vindo com o celebre Correia, e que já no Districto existia, o assassino Juca Custodio, com mais huma força de 80 homens. Deu o TenCor Abreu dsso parte ao Exmo. Prezidente e General em cheffe do Exercito, pedindo a barca nova de vapor e algumas barcas de passar cavallo; no dia 4 de 9bro sahiu de Porto Alegre o General levando o transporte pedido. E quando passou em frente da Villa do Triumpho, soube q' os d^{os} rebeldes tinham ali feito fogo as Canhoneiras e Lanções de guerra, e de terem ferido hum homem da marinha gravemente; e de terem em Taquary roubado algumas casas de negocio, e seguindo o General a St. Amaro. já encontrou em marcha 200 homens de infantaria, para o porto de Santarem, a reunir-se com 150 praças de cavallaria do 5. Corpo da GN do commando do d^o Abreu, que so esperava o transporte de embarque pedido; E embarcando toda a expedição;

Fazendo o d^o Abreu seus movimentos secretos, desembarcou de madrugada, no dia 6 de 9bro na margem direita do Rio do Cino, se occultou no Matto, e marchando de noite pela Picada de Sapucaia, demanha soube, que o Ajudante Genal Joaquim Pedro, com a sua força tinha varado para

os Faxinhaes da Colonia de S. Leopoldo; E seguindo o dº TenCor Abreu, a todo o custo, sem lhe dar respiro, pode este e Correia, e pouca gente escapar-lhe pelo Matto, ficando 20 prizioneiros, e 5 mortos e bastanº e feridos, q' quasi todos pedirão serviço na legalidade, mais de 60 cavallos, sendo destes 16 ensilhados, 3 carretas carregadas, huma de Erva de mate, e duas de fazendas furtadas em Taquary e Triumpho, tendo repartido a maior parte entre si e as Chinas q' trazião em sua companhia; E retirando o dº TenCor Abreu, no dia 7 de 9bro, por cançadas as forças de cavallaria, posarão no Portão da Colonia, e no dia 8 de 9bro as 10 horas do dia chegarão contudo sem quebra alguma da legalidade, no Porto de Pesqueiro, aonde se achava o Exmo Prez. e Gen. m echeffe do Exercito, auxilios e transporte, e seguindo a infantaria então embarcado para St. Amaro, passou o TenCor Abreu com a sua cavallaria a margem direita do Cahy, e seguiu emediatemente por terra a Villa do Triumpho a limpar de farrapos aquelles districtos, recolhendo-se no dia 10 a St. Amaro, sem quebra alguma; E o Gen. E Prez. da Provincia, e o cheffe da marinha Greenfler, se recolherão a Capital de Porto Alegre ordem do dia N. 37.

53.

O TenCor Francisco Pedro de Abreu, que nem de dia nem de noite, tinha descanço de preseguir os rebeldes; Já depois da diligencia acima tinha hido ao Serro chamado do Roque com 100 e tantos homens do Corpo de seu commando sobre huma partida do commando do intitulado Major Urbano Barboza, q' não pode colher por se ter escapado, e quando o dº Abreu se recolheu a St. Amaro no Exercito no dia 18 de 9bro de 1940, já ahí achou avizo do Prez. e comm. das armas Andreas querer-lhe falar, antes da sahida que fazia ao Rio Grande, e logo emediatemente o dº Abreu seguiu ao Porto Alegre por mar 15 legoas, de sorte que no dia 19 as 3 horas da tarde, 10 minutos antes de embarcar o Governo, chegou na Cidade, e da breviada conferencia com o Prez. e Genl. em cheffe do Exercito, resultou de o dº Abreu, sahir no mesmo dia 19 desfarçadamente para o Exercito em St. Amaro, levando comcigo, algumas barcas de passar cavallos, e 3 Hiates, de sorte que no dia 23 as 11 horas da noite, a poder de excessos e vigias, conseguiu chegar em Porto Alegre com a Expedição composta do 5. Corpo da linha do commando do TenCor João Nepomuceno da Sª, e 330 praças de cavallaria do 5. Corpo

da GN do commando do d^o Abreu, e todos estès com hum cavallo cada hum, e assim mais 100 praças do provizorio, e na mesma noite, a meia noite, sahiu esta expedição pelas Trincheiras do Portão fora, com mais humas praças do 3. Caminho a rumo dos Moinhos de vento, meio quarto de legoa, e ahi o d^o TenCor Abreu fes o seu detalhe militar a toda a expedição. determinando os paços que deviam seguir, e o d^o Abreu, por não ficar frustado a diligencia, se adiantou com a cavallaria com huma vanguarda de 50 homens, comandada pelo Ten Isaias At^o Alves, em seguimento rapido a Capela do Viamão, intitulada pelos rebeldes Villa Setembrina, e antes de chegar a esta desviado hum legoa, já encontrou reditas tão vigilantes, q' indicavão de estarem aprecatados por aviso q' tinham tido, fazendo o inimigo fogo de retirada para a d^a Setembrina, aonde envolvido com as vedetas, entrou a vanguarda de cavallaria. ainda de noite, e no meio da praça achou formados huma força de mais de 80 homens, q' avançou veloz para a vanguarda da cavallaria legal, dando a primeira descarga, e apoz dela avançou a cavallaria legal de espada na mão pelo que houve hum pequeno entrevello, debaixo do qual por estar ainda escuro, se escaparão os rebeldes, para a banda do paço do Vigario, e seguindo-os o TenCor Abreu, os viu reunir a huma força de mais de 420 homens, em hum posição escolhida, e ao mando do cheffe da revolução Bento Glz da S^a, e nessa mesma posição o provocou por vezes o TenCor Abreu, afim de puxar o combate, e vendo que não acceptavão, avançou sobre elles, os quaes fazendo pequena resistencia de fogo, se retirarão para o paço chamado do Vigario, e antes de passarem fizeram alto, e carregarão com coragem sobre os legaes, os quaes resistindo com corage do costume, os poz endebandada para o outro lado do paço e seguidos pelos legaes até as Lombas do Americo, de onde por estarem já os cavallos abonbados se retirarão a repassar o paço do Vigario ao campo do ataque aonde só hum homem de cavallaria do 5. Corpo de nome Cezario foi baliado em hum coixa; Do inimigo no campo 12 mortos, entrando neste numero o Capitam Marinha Rosseta, o Cap. Sales de infantaria, hum Ten. da Artilharia, o TenColector Bandeira, e dois cornetas; Ficarão 8 prizioneiros, entrando neste n^o o Ten. Ignacio Furtado, o Ten. Feliciano Franco, o irmão do celebre Castilhos; Apresentando-se 10, entrando neste n^o o filho do Escrivão Campos, hum Cirurgião Ajudante, e não forão poucos os feridos; Ficando em poder da legalidade cem ou 100 cavallos, e entre estes alguns encilhados, foi inutilizada dentro da capela, a Ferraria que

tinham os rebeldes, bem como lanças e Armas Espadas a compor, e descansando ahí na Capela o resto do dia 24 de 9bro de 1840, Marchou de noite pela fresca toda a força da Expedição para a Capital, aonde entrou no dia 26 de manha, e a cavallaria no mesmo dia passou para a Picada, e no dia 27 chegou o Prez. e General em cheffe do Rio Grande, trazendo consigo na barca de vapor para substituir na Presidencia Alvares Machado e para o substituir nas armas o Brig. João Baulo dos St^{os} Barretos que ambos tomarão posse em 30 de 9bro de 1840.

54.

Depois do ataque na Setembrina, e paço do Vigario, e já em governo de Alvares Maxados, e João Paulo, por ordem deste no dia 10 de Dezbro de 1840, se concluiu a passagem da expedição no Rio do Cino composta, do 5. Batalhão de infantaria e 11 da mesma arma, e do 5. corpo de cavallaria de GN do commando do TenCor Francisco Pedro de Abreu, e no dia 11, as 2 horas da tarde, o 2. e 3. regimento de cavallaria de L^a, e tudo as 5 horas da tarde se poz em marcha ao mando do TenCor João Frederico, e marchando a força toda a noite a instancia do TenCor Abreu, foi esta expedição no dia 12 citiar adiante da Aldeia, no Paço do Cabeleiro. E tendo ahy noticia o TenCor Abreu pelos seus bombeiros que o cheffe dos rebeldes Bento Glz da Silva para se poder escapar pela Serra, tinha levantado o acampamento da Capela Grande e Boa Vista, e que com huma força de perto de 500 homens de cavallaria e mais de 100 de infantaria, e trez peças, muita bagagem e mais de 2000 cavallos, marchava veloz a Villa de St. Antonio da Patrulha, a ganhar a Serra; se adiantou o d^o Abreu, com a força do 5. Corpo de seu commando, e 30 praças do 3. regimento, em seguimento delles, com marchas forçadas apiarihe a recta guarda e como os rebeldes o precentissem, e sobesse que em St. Antonio se acha Oribe com forças legaes, endireitarão velozmente a passarem na Costa do mar o paço de Tramandahy, andão perderão 4 homens afogados, e algum armamento e huma carreta que não tiverão tempo de passar, q' o d^o TenCor Abreu encontrou assim como mais de 150 cavallos huns cansados e outros degolados; Os rebeldes, do Paço endireitarão a querrer passar nas Tres Forquilhas, para a Serra, porem sabendo que ahy se achava a força do Major Roiz, tiverão de retroceder precipitamente a passarem nas Torres na picada do Rio Verde, tendo perdido pelo atropelo em q' ião

do TenCor Abreu, mais de 200 homens debandados e desertados, e, mais de 800 cavallos abombados, e magros, e poderão os rebeldes desta força entrarem na Serra com pouco mais de 200 homens e 500 cavallos, como bem affirmou hum prizioneiro do Major Orives Jeronymo de Barros, q'se tinha escapado dos rebeldes na entrada da Serra do Rio Verde, apresentado ao TenCor Abreu, o qual vindo ser já inutil seguir mais para adiante, deu parte ao Major Orives da entrada na Serra dos rebeldes; E retrocedeu para o Quillombo, a fazer junção com a mais força legal da espedição, e a dar respiro aos cavallos q' já se achavão de todo abombados; E do Quillombo veio emediatemente o TenCor Abreu, enteligenciar na Capital de Porto Alegre ao Gen. João Paulo em 17 de 7bro de 1840, que mandou retirar a força.

55.

Sahindo com o Exercito legal para a campanha o Comm. das armas, o Brig. João Paulo dos Stos Barretos; E chegando no Rio Jacuhy o pé da Caxoeira, distante da Capital 50 legoas, dali se não atreveu a passar para a campanha, sem q' o TenCor Abreu deixasse de proseguir os rebeldes da Capital; E lhe fosse abrir o caminho na frente do Exercito, para o q' o dº Abreu por ordem do dº General Barreto, sahiu no dia 24 de Fevereiro de 1841 da Ponte Raza com o 5. Corpo da cav. da GN de seu commando debaixo de bastante acelaração, rompendo por entre grossas partidas inimigas, e chegado ao Exercito, Logo no dia 11 de Mº de 1841, sahiu com a força do Corpo de seu commando na frente da Brigada do Cor. Medeiros, e passando o Rio Jacuhy preceguio de dia e de noite para a banda das Encruzilhadas, não só no alcance de Netto como de diferentes partidas de rebeldes, e tambem se fazia junção com as forças de Silva Tavares, que o Comm. das Armas já fazia por Camaquam, e neste exercicio gastarão 25 dias de rigorozos tempos em q' o TenCor Abreu sempre adiantado da Brigada; Precegui a Netto, do qual lhe matou algumas praças, e reuniu mais de mil cavallos para remonta da força, q' tinha sahido quasi a pé, e no dia 5 de Abril de 1841, fiserão junção com a força de Silva Tavares, no Paço S. Gonçalo, e no dia 7 do mesmo Abril de manhã se pôz toda a divisão em marcha pº exercito hindo como era de costume na frente o TenCor Abreu, E em 16 de Abril fizerão junção com o Exercito legal, que se achava quazi em Citio do inimigo, que com

audacia o rodeava, embaraçando de poder carniar, mas o TenCor Abreu, na noite do dia da chegada ao Exercito, logo passou e foi o inimigo com a força do 5. Corpo do seu commando; e no Serro do Bahú bateu a vanguarda do Exercito rebelde, commandada pelo intitulado Major Ismael, da qual ficarão no campo mortos 2 officiaes e 4 soldados, e alem dos feridos, alguns prisioneiros; emediata-mente o d^o Abreu, desafrontou o Exercito legal de rébel-des a roda; como proveu de cavallos e gado de monicio, e logo seguiu para a frente na linha devizoria com 500 pra-ças, aonde deu hum corrido no Major Claro, que era am-phibio na linha, e conservava na Cisplatina porção de ca-vallos dos rebeldes; afim do Exercito legal não se poder servir delles; e alem disso passava qd^o queria a linha, e vinha roubar, e assassinar a subditos do Imperio, e por isso o preceguio o d^o Abreu e lhe tirou porção de cavallos.

56.

Vendo o TenCor Abreu, o Exercito legal quaze emitt^o de não poder operar nem dar hum passo, por falta de cavallos; por convenio se animou a varar a li-nha com 500 homens de seu commando não só a comprar cavallos dos proprietarios, como a reunir aquelles q' os re-beldes para lá mandado para engordarem e os legaes se não servirem delles e como de facto, comprou e reuniu mais de seis mil cavallos bons, os quaes Guedes e João Ant^o forão a encontralo para lhes tirar, porem não pode-rem, e o Exercito legal ficou bem montado.

57.

O TenCor Francisco Pedro de Abreu, em S. Maria atropelou fortemente as forças de Guedes, por mais de duas leguas; de cujo atropelo dos rebeldes alem dos fe-ridos, ficarão no campo alguns mortos, e entre estes o in-titulado TenCor João Pinto, conhecido por liberal forte.

58.

Encontrando-se os dous exercitos no Serro de Batuby emediatamente o TenCor Abreu, o envistiu com a força do 5. Corpo de seu commando e cortou campo fora a força de Canabarro, atiro de pistola, occasião de ser derrotado o Exercito rebelde, se o General e mlogar de mandar tocar a retirada, mandasse tocar avançada.

59.

Cançado o Exercito legal de percorrer a fronteira da Campanha, apanhando todos os rigores do tempo, e estando mal de cavallos e desfornecido se assentou de tomar quartéis de inverno para os quaes caminhava; E tendo de passar hum grande banhado a pé de S. Gadriel, no qual o inimigo tentou de nos atacar na passagem, e como de facto assim o fez atacando dentro do banhado a retaguarda de Exercito legal, do qual já tinha afrontado alguns batalhões, e tomando sete carretas de fornecimento do Exercito, sendo humas de munições de guerra, o que observado pelo TenCor Abreu que hia na frente do Exercito, emediatamente deixou a frente do Exercito, deixando emcarregado a seu emediato, e velozmente veio ao Quartel General e disse ao General se assim se avião de perder aquellas sete carretas, e aquelles batalhões, requisitando que lhe desse gente que elle hia esbandalhar aquelles rebeldes, e tomar aquellas carretas, ao q' o General annuiu dizendo que levasse o batalhão do TenCor Arruda o qual batalhão pondo-se em marcha, se adiantou o TenCor Abreu, com as suas ordenanças e apenas chegou no meio dos batalhões afrontados, e disperços, deu vivas a s. M. Imperial, a cujas vozes se lhe reunirão as forças dos batalhões, conhecendo que as vozes erão de Chico Pedro, que os commandava, e creseu este sobre os rebeldes e lhe tomou todas as sete carretas, e atropelou o inimigo em o alto da coxilha, e continuava a não haver trez chamadas do Exercito legal.

60.

O TenCor Abreu, em S. Maria, bateu o intitulado TenCor Portinho q' derrotou completamente ficando no campo alem dos feridos e prisioneiros, o Cap. Lisboa, levando o dº Abreu depois desta derrota para fornecimento do Exercito, 8 carretas de viveres, para fornecimento do Exercito.

61.

O TenCor Abreu na Serra de S. Martinho, derrotou 2ª vez o intitulado TenCor Portinho, aonde alem dos feridos e prisioneiros, lhe fez alguns mortos, e entre estes o valente Potenciano, morto pelo valente Cap. legal Isaias, tomando-lhe 60 cavallos ensilhados, e retomando 4 carretas de negocios do estrangeiro Melo, conduzindo depois estas e outras de viveres para o Exercito no Rincão de S. Vicente, ficando

nesta acção Cap ou Ten Isaias ferido levemente de bala, bem como o Ten Claro, e o Sargento Fidelis na mão.

62.

O TenCor Abreu, em 5 de Agosto de 1841, bateu 3ª vez o intitulado TenCor Portilho, na Costa de S. Mariaprehendendo-lhe a Guarda avançada, em que houve mortos, feridos e prisioneiros, e entre estes o Ten Bento, e 6 soldados, e entre os mortos 2 Tenentes.

63.

O TenCor Abreu, em Agosto de 1841, no banhado do Sarandy, bateu o intitulado Major Frutuozo, em que lhe prisionou 5 rebeldes, entrando hum ferido e tomou 60 cavallos.

Paremos por hum pouco pausa, nos serviços do TenCor Abreu, e recitaremos os tranzitos de seu irmão Paulo J. de Abreu Cap. da 6ª Companhia de Cava de GN do 5. Corpo. Este capitão na sahida do Exercito para a campanha em Março de 1841 na passagem do rio Jacuhy deante da Ca-xoeira do Exercito legal, adoeceu e por ordem dali voltou embarcado a curar-se em Porto Alegre, trazendo comsigo 12 praças tambem doentes; E quando de noite acima de S. Amaro, nos Campos Novos, no dia 14 de Março de 1841, é atacado por huma força rebelde por mar, e terra de mais de 100 homens, ao mando do intitulado TenCor Antonio Joaquim Dornelles e Juca Custodio com armas de infantaria que cruzavão de hum a outro lado do Rio, e com duas canoas de voga, e cada huma com 10 homens dos que tinham já prisionado, aonde vinha o Cap Leonel, com humas poucas de praças doentes do Corpo de 1ª linha, A esta cruel surpresa não tive remedio o dº Cap Paulo, se não render-se, e expôr-se a todos os ultrages q' lhe querião fazer; e como de facto, logo pegarão no seu valente camarada q' vinha muito doente, e até sem sentidos, e assim mesmo o martirisarão, e depois o degolarão, e lançarão ao Rio sem atenderem a petição alguma, Barbaridade, executada por hum sobrinho do Cor Medeiros, dezertor, de nome Eleuterio, natural da cidade de Porto Alegre; No dia 15 marchou o dº Dornellaz directo a Camaquam com os prisioneiros em numero de 38 e tantos, afim de fazer junção com o General Netto, existindo a força rebelde na margem esquerda do Rio Camaquam em nº de 300 homens, entrando 40 e tantos intitulados officiaes, nunca Dornellas pode fazer jun-

ção com Netto, por este andar corrido d° TenCor Abreu, noticia pela qual a força de Dornellas se foi desmoralisando, e abrindo pouco a pouco, a ponto de ficarem pouco mais de 50; fugindo tambem animado do Cap Paulo alguns prisioneiros, sendo alguns do 5. Corpo assim como Manoel Vicente Trombeta, q' até levou dos rebeldes hum sacco de botas e até a barraca, e botins do d° Dornellas. No dia 25 de Março estando o Rio Camaquam cheio, q' metia medo, sacrificou Dornellas, em hum nocadinho de canoa, o Cap Paulo e o Cap Leonel a passar o Rio, e mais 18 prisioneiros, passados por vezes, e huma guarda de 20 rebeldes, commandada por filho de Bento Glz, vinda da força de Netto, e assim seguirão apresentarse a Netto que estava nas Emediações de Piratiny com 600 homens. — Este os manda por outro igual partida, commandada pelo intitulado Major Jeronymo de Azambuja, a presença de Bento Glz e Canabarro, q' estão nas emediações de Bagé, Bento Glz por outra partida commandada pelo intitulado e assassino, Frutuozo, os manda para S. Gabriel, com officio de recommendação ao seu ministro de guerra José Mariano de Matto, recommendando asegurança de sua prisão na guarda principal de infantaria rebelde em S. Gabriel; commandada pelo Cor. Marcelino, a esta deliberação acudiu o TenCor Demetrio, dizendo que o seu parente Paulo, o havia de levar para sua casa, e que se obrigava por elle, e como achasse toda resistencia a isso, se delibrou de o levar a força como levou o Cap Paulo, aonde foi bem tratado não só do TenCor Demetrio, como de sua parenta D. Zeferina, e D. Rozaura viuva do honrado e muito valente Basilio Bica, q' os rebeldes por legalista tinham assassinado; Ahi se conservou bastante tempo o Cap Paulo, aver se Demetrio conseguia a soltura do rebelde Bento Glz, mas este pertinas ahinda teimava de o meter na prisão, e neste tempo o d° Cap Paulo segazmente observou as ideas dos rebeldes, dos quaes secretamente deu parte a seu irmão o TenCor Abreu, e com dinheiros que lhe emprestarão comprou a Guarda rebelde; afim de se escaparem todos os prisioneiros, como escaparão todos os prisioneiros só hum irmão do Ten Claro, por senão querer escapar, e depois de ter comprado cavallos a peso de dinheiro e seduzido muitos rebeldes ao serviço da legalidade, assim como até hum bombeiro valente de Bento Glz, a quem asseverou de dar 100\$000 e outros 50\$000, tendo completado o numero de 9 e por meio destes, embebedou a sentinella de seu quarto, e em trage de negro na noite do dia 15 de Maio seguiu ao lugar destinado aonde devião estar os cavallos, e os combinados de o acompanharem; e não achando senão

os cavallos, e só reunidos 3 companheiros, entrando o bombeiro de Bento Glz e receando esperar, com estes seguiu toda a noite pela Serra de Vacacahy 9 legoas, até a morada do legalista Garces, e no mato deste parou 9 dias e noites, por cauza de huma força de 350 rebeldes do commando do intitulado TenCor Portinho; q' junto com outros officiaes, Aranha, Amaral e Frutuozze e vinhão de cima da Serra, e assim com 7 noites de viagem, chegou na villa da Caxoeira em 30 de Maio, caminhando 40 legoas, pelos desvios q' fez dos caminhos; q' do o dº Cap Paulo chegou na Caxoeira, já ali achou 3 dos republicanos q'tinha seduzido a virem a serviço da legalidade; A fugida do Cap Paulo da prisão de S. Gabriel, cauzou tal desgosto aos cheffes dos rebeldes q' fizeram sahir partidas em seu alcance q' até na Caxoeira chegou huma na noite do dia de sua chegada, e atacou a casa do juiz de Paz e commandante de Policia, aonde se achava o dº Cap Paulo, com 6 republicanos q' tinha seduzido, e pela vigilancia dº Cap Paulo, todos se escaparão por hum despenhadeiro do fundo do Quintal da casa, podendo só os rebeldes apanhar os cavallos; e na seguinte noite caminhou 18 legoas, embarcado até Rio Pardo, aonde 3 dos republicanos forão a suas casas com licença do Brig. Felipe Nery e 3, entrando o bombeiro de Bento Glz, embarcarão com o Cap. Paulo para Porto Alegre.

Escapando por milagre de serem apanhados no mesmo Rio e lugar, aonde o Cap Paulo tinha sido prisioneiro, chegando em 5 de Agosto de 1841 em Porto Alegre aonde mais fez ver as autoridades o q' tinha feito, e observado no circulo de mais de 160 legaes, e que alem dos republicanos que apresentava, tinha a poder de dispezas soltar muitos prizioneiros legaes seduzidos muitos rebeldes; e fazer aviso ás forças legaes do movimento dos rebeldes, a paga de tudo só lhe pagarão simplesmente o soldo da patente, quando vinha falto de tudo e empenhado, deixando tudo aos rebeldes assim como arreios, esporas, faca de prata, e banda coxinilho; e 4 onças na mão de Marcos Cidade, e 13 onças emprestadas por Antonio Teixeira de Oliveira, e Quintiliano Madrugada, e José Rioz Barboza, q' algumas já tinha pago seu Pai, por ordem do dº Cap Paulo, porem este debalde se cançou q' não teve premio ou agradecimento algum.

Acampado o Exercito de huma extença campanha, no Rincão de S. Vicente, apé de cavallos, estropiado, e desgarnecido de hum tudo, e nas peores estações do inverno,

com algumas esperanças de ter algum soccorro dos Municipios das Missões, e Cruz Alta; He nesta occasião q' o Commandante das Armas o Brig. João Paulo dos Santos Barreto entrega por ordem do Conde Rio Pardo o Commando do Exercito ao Brigdro Céaro, e este deu logo ordem ao Exercito se pôr em marcha para dentro do Rio Jacuhy, cuja execução de ordem, encaminhava o maior damno, não só aos moradores daquelles Municipios, que tinham coadjuvado ao Exercito, porque no estado em que se achava, em rigor do inverno, tudo se estrangulava sciencia espavoria os Commandantes dos Corpos de Brigadas e Divisões, aqui acodiu o incançavel TenCor Abreu, e em mandar por debaixo de agoa hum activo Sargento do 5. Corpo de seu Commando de nome Fidelis Pais da Silva a Porto Alegre com reclamações dos Commandantes dos Corpos ao Conde de Rio Pardo, afim de revogar tal ordem de marcha do Exercito, esahindo este enviado em 30 de Agosto de 1841 do Exercito, veio acompanhado pelo TenCor Abreu até a costa a Santa Maria, afim de o livrar de maior perigo do inimigo; e tal foi a violencia deste enviado q' no dia 4 de 7bro estava em Porto Alegre. Mas o Conde não o despachou senão em 29 de 7bro; emtpo prolongado em q' se viu o Exercito no maior apuro com as ordens de marcha de Céaro.

Ainda nesta triste scena acodiu o TenCor Abreu, em abrir hum Picada na serra, afim de passar o desgraçado Exercito no soberbo Rio Jacuhy, em cujo laboriozo trabalho debaixo de chuvas, e neves lhe deu hum pontasso no vazio do lado direito q' o obrigou em tal desabrigo lugar a tomar hum purgante, e com elle no bucho, vendo q' não chegava o resultado do Conde General em chefe do Exercito, sepoz em marcha em 28 de 7bro de 41, e no 1 de 8bro as 2 horas da tarde chegou em Porto Alegre com marcha de mais de 80 legoas, no dia 3 de 8bro as duas horas da tarde sahiu para o Exercito, levando ordem do Conde Rio Pardo, para o Exercito se acampar na Costa de Sta Maria, aonde ficava tambem accomodado, e optimo para hum tudo, cujas deliberações enreivou os planos do inimigo, o qual reciozo já desse lhe fez emenças siladas no caminho na retirada para o Exercito; Mas o d^o Abreu auxiliado da Providencia Divina lhe soube escapar, e por aliviar a seu Pay Pedro J^o Gomes de Abreu, de tal receio, lhe escreveu em 1 de 8bro do Paço do Sol.

150 praças, e com ellas foi corrigir a Costa a Sta. Maria, e Pão fincado, e no dia 28 do mesmo mez entrou em S. Gabriel, e suprehendeu o Guarda de Polícia Rebelde, prisionando o commandante intitulado Major, Maximiano, 1 Tenente, 22 soldados, e armamento sendo o de infantaria novo, mandado por Fruto Ribr^o, e 400 e tantos cavalloos, e no dia 3 de 9bro de 1841, já estava com tudo isto no Exercito sem quebra alguma da legalidade.

66.

O TenCor Francisco Pedro de Abreu, que nunca descançava de trazer sempre o inimigo vigiado, por via de bombeiros, com os quaes não fazia pequena dispeza; soube que o intitulado Ajudante General dos rebeldes Joaquim Pedro Soares, e o Cor Agostinho, e outros intitulados officiaes, tinham por diversos destr^{os} reunido huma força de mais de 500 homens, com destino de hir atacar Rio Pardo, e fazer depois toda a casta de utilidades do Rio Jacuhy para dentro; E sabendo ao mesmo tempo; que o rebelde Cor. João Antonio com as suas forças e as forças de Guedes, se achavão em Caceque, onde havia duas envernadas de bons cavalloos; Formou o d^o Abreu, o seu plano de serem estas forças batidas ao mesmo tempo; E propoz secretamente o plano ao Brigdro Céaro Comandante interino do Exercito; de hir o Cor. Jeronimo Jacintho, com a força de seu Commando e alguma força do Comm. do Cor. Loureira, e dous batalhões de infantaria bater em Caceque a força do rebelde João Antonio e Guedes; e tomar-lhe a cavallhada, q^o tanto della precisava o Exercito legal; E o d^o Abreu com a força de seu Commando e a do TenCor João Propicio, de 100 homens de infantaria, bater em Piquery a força de Joaquim Pedro, e do Cor. Agostinho Melo, a cujas proposições do d^o Abreu, não queria anuir o d^o Céaro, e a poder de muitas proposições e instancias do d^o Abreu só annui a do Piquery com a condição de mandar a Porto Alegre pedir licença ao Conde do Rio Pardo, de mais de sugeritar a hir debaixo do Commando de João Propicio, se elle quizesse hir; a tudo se sугeito o d^o Abreu, e bem lhe custou reduzir, a hir João Propicio, ainda sendo Commandante da força q^o havia de seguir; Mas o d^o Abreu, não lhe fazia conta a demora da sahida da força afim do inimigo não ter noticia, e por tanto emportunou de tal forma o Céaro, que sahio antes de chegar licença do Conde de Rio Pardo pedida a 3 em 9bro de 1841, e no dia 20 de 9bro sahio a força de João Propicio, e os d^{os} 100 infantess com-

mandadas pelo Major Acenola; e todas de baixo da direcção do TenCor Abreu, caminharão por caminhos exquisitos quase de noite, que em 5 dias e noites, pouco comerão e dormirão, custando bem arastar pela violencia da marcha João Propicio; finalmente ao fim de 5 dias apanhou 3 bombeiros da força do dº Corel Agostinho; e prisionou o intitulado Major Felisbertinho e seu Piquete; E nesse dia caminhou toda a noite, a varar por hum lugar ainda não tranzitado, sendo-lhe preciso em hum despenhadeiro de serra, abrir picada e buracos para poder subir a cavallaria; E foi o dº Abreu contra a vontade do dº Propicio amanhecer na frente da força do Cor. Agostinho no dia 25 ou 26 de 9bro; q' já se achava a cavallo a seguir viagem, e com a força de mais de 500 homens, e algumas 80 chinas e cargueiros e cavallhada parecia hum exercito, q' o TenCor João Propicio receava atacar, mas o TenCor Abreu, seguiu a frente e caminhou para o inimigo, ao qual fez huma fala dizendo-lhe em voz: se ahí se achão alguns parentes, amigos ou constrangidos, emediatamente se passem, senão perecerão; e cuja fala foi correspondido com mofa, e alguns tiros; E o dº Abreu, deu a voz de avançar envistindo elle na frente e levou o inimigo por diante, combrenhando-se a maior parte em um Capão, q' o dº Abreu emediatamente cercou, e mandou chegar a infantaria, q' ainda vinha marchando atraz em distancia de meia legoa, gritando no entanto aos rebeldes no Matto, se entregassem se não querião morrer; e vendo que muitos se tiverão a todo o risco, a passar huma sanga de nado, mandou huma força do 5. Corpo de seu Comando atacalos na sahida. Emfim ficarão cento e tantos mortos e entre os mortos o Major Urbino, perto de 230 prisioneiros e entre os prisioneiros 2 Majores, Capitaes, Tenºs, escapando o Major Frutuozo e o Cor. Agostinho e Joaquim Pedro, Tomando-lhe toda a bagagem, armamento, e muitas cavallhadas ensilhadas, e por ensilhar 800. A legalidade só teve 3 homens feridos levemente. No dia 25 de ataque como a função não foi pequena ainda as forças legaes ficarão no Campo de ataque no dia 26, seguiu o TenCor João Propicio, com os prisioneiros e toda a bagagem e cavallhada tomada para o Exercito, hindo pouzar na Villa da Caxoeira, e o TenCor Abreu, directo a Encruzilhada, e Camaquam, em perseguição dos fugitivos, em cuja diligencia, foi morto o grande assassino e valentão e muito Ladrão Leopoldino da Cruz Alta; do caminho da Encruzilhada o TenCor Abreu, mandou pedir licença ao Conde de Rio Pardo General em cheffe do Exercito, para vir fardar em Porto Alegre e tambem ar-

mar a sua gente, chegou em Porto Alegre o dº Abreu doente de taes violencias sem descanso.

67.

O TenCor Franc. Pedro de Abreu, chegando ao Porto Alegre da diligencia de Piquery, quase não teve descanso, porque sahiu logo com hum pequena partida a Capela das Dores de Camaquam, em caça de Joaquim Pedro, q' por avizado lhe escapou, porem sempre colheu alguns cavallos e oito prisioneiros.

68.

O TenCor Francisco Pedro de Abreu no dia 14 de Janeiro de 1843 seguiu com hum força embarcado para o Rio Grande, sendo 300 homens do 5. Corpo de Cav. de GN de seu Commando e 100 de cav. do corpo de Orives, e 60 e tantos de infantaria alemão, a desembarcar no Liscano, em S. Gonçalo, afim de trazer por terra a cavallhada da Nação q' existia lá invernada, e com o flito tambem de bater hum partida, que dizião estar pelo Pantanozo, e chegando ao lugar de desembarque no dia 16 de tarde, emdiatamente desembarcou, e tomando as suas competentes medidas, tudo achou contrario ao que se lhe dizia, e esperava, porque a cavallhada da Nação estava em hum estado desgraçado para trazer, quanto mais para operar, de 100 homens de cavallaria q' ali esperava achar para se lhe reunir, apenas se lhe reunirão 20, com o Major Antunes, e o Cap Seixas, eos mais dezertarão para o Matto, e pensando o dº Abreu de ali chegar sem o esperem, já da sua hida havia noticia a mais de 15 dias, lugar aonde estavam proximas quaze todas as forças rebeldes, e constava q' Netto esparava o dº Abreu, com hum força de mais de mil homens, e ainda mais o naquelle rebelde lugar não havia hum bombeiro, de q' se fiasse o dº Abreu, o q' tudo concorria para se retirar o dº Abreu, outra vez embarcado; Pois que tinha de atravessar por terra pelo meio das forças inimigas.

Mas o TenCor Abreu não arecuou. Mandou pedir hum batalhão de infantaria ao Marechal Commandante da Buar-niçõ de Rio Grande, o qual vindo pos em hum ponto de opaço, e passou o S. Gonçalo no dia 20 de Janeiro, E recebendo a cavallhada no mau estado em que se achava, e com ella por falta de bombeiros, marchou directa a Capela de Canguçú, a reconhecer a força do inimigo de mais de 200

homens ao mando do cheffe rebelde Bento Glz. que não atacou por falta de bombeiro, máu terreno, e serem ali os moradores todos farrapos, e não ter de quem se fiasse, e como o d° Abreu não pode varar adiante sem ser precen-tido, fez parada para dar descanso aos cavallos e a sua gente, comer alguma couza, para melhor poderem caminhar. Bento Glz bem sabia da força e commissão do TenCor Abreu, e já tinha officiado para todos os Destrictos, de Camaquam Dores, e Barra, para se reunirem todas as forças, e não deixar passar nenhum dos legaes extraviados, pois que já contava de certo com derrotar a força; e Posse o d° Caudilho Glz de Coxilha em coxilha como quem se retirava, e reunindo todas as forças, fiado em ser aquelles lugares a sua canxa de que era vaquiano, para atacar o d° Abreu, aonde lhe conviesse melhor, Porem o d° Abreu depois de comerem, e ter dado descanso aos cavallos, mandou ordem ao Batalhão, que tinha ficado no Liscano, para se retirar, e mandou tambem retirar da sua força o Major Antunes, e o Cap Seixas, com as suas praças; e posse em retirada na tarde do dia 23, e marchando toda a noite, na madrugada do dia 24, se encontrou nas Picadas de Guatemin, com Bento Glz, tendo o d° Abreu na retaguarda deixado huma guarda para observar, embuscada da qual guarda embuscada se perdeu hum homem morto e outro ferido, observando d° Buarda não ser pequena a força inimiga, Pos-se o d° Abreu em retirada, fingindo pelos moradores estar com muito medo de ser atacado por Bento Glz, pois que trazia Netto na retaguarda, porem aonde conveio ao d° Abreu, acampou-se para carniar, e dar descanso a gente e cavallos, e neste mesmo acampamento no mesmo dia as 4 horas da tarde o inimigo fingiu hum ataque; Porem o d° Abreu não se abalou, quando lhe pareceu se poz em retirada, fingindo o mesmo medo; e marchando toda a noite passou o Arroio Grande, daonde apartou o Cap Isaias, com 50 homens escolhidos, e o mandou para a margem esquerda do Rio Camaquam, reunir cavallos, visto que da cavallhada que trazia, nada esperava, vindo atraz o d° Abreu amanhecer no Paço de Camaquam, no Mendonça, mais observando que o inimigo vinha com receio por ter deixado parte da cavallhada atraz. No dia 25, o d° Abreu passou o paço Camaquam para margem Esquerda, e pelas 6 horas da tarde posse em retirada, e logo que escureceu, fes seguir a cavallhada com huma guarda de 60 homens ao paço do Cordeiro, e contramarchou ao paço de Camaquam a embuscar-se da banda do Campo, tendo já deixado na bocca da picada a Infantaria embuscada, com ordem de quando tivessem passado de 150

a 200 homens dar fogo na retaguarda, e o dº Abreu com a cavallaria atacar pela frente; e como de facto, na madrugada do dia 26 vindo Bento Glz com a força, e tendo desta passado couza de 100 rebeldes, rompeu o fogo na rectaguarda com algumas falhas nas armas, em razão da chuva da noite; e com a serração da fumaça teve o caudilho Bento Glz a ligeireza de voltar para traz, deixando na Picada 5 mortos, e pertó de 40 cavallos encilhados, formando-se do outro lado em boa posição em linha de batalha com muito gaz; O que observado pelo TenCor Abreu, assentou de o ver mais de perto, e mandou passar o paço hindo a Infantaria na frente Alleman, e o dº Abreu com 200 homens de cavallaria do 5. Corpo; E vendo Bento Glz, que o dº Abreu não passava de 200 homens de cavallaria, logo determinou atacalo, por estarem bem montados e em boa posição, e boa gente e dobrada força, elogo q' viu o dº Abreu desviado do Infantaria, o envistiu com toda a forçaç, mandando até hum Esquadrão cortar-lhe a rectaguarda, o qual de pronto foi rechassado, pelo Esquadrão commandado pelo Cap Paulo de Abreu, houve no combate hum forte entrevello por minutos, ficando a força inimiga completamente destrocado, deixando no campo 31 mortos, e entre estes, hum TenCor Felisbertinho Lopes e hum Ten., 20 prisioneiros, mais de 200 cavallos, e entre estes 80 encilhados, toda a bagagem, lanças e armas, e os rebeldes escapados, e os Commandantes forão perseguidos tres quartos de legua, Tendo de lamentar da Legalidade os Valentes Cap. Antonio Candido da Sª, Affº Pedro Arapey, e o Sargento Antº Correia, e 7 praças feridas, 4 gravemente sendo dos primeiros 2 Allemans, os mortos legaes forão sepultados no mesmo dia do combate, e nesse mesmo dia passou com tudo o TenCor Abreu, para margem esquerda do Rio Camaquam direito ao paço do Cordeiro a reunir com a força de 100 homens da gente de Orives comandada por Francisco Caleira, q' não entrou em combate ficando do outro lado do Rio, e o Cap Isaias com 50 homens q' andava em commissão de reunir cavallos e não pode chegar a tempo, e da gente de Orives só o Ten Pedrozo, do Paço do Cordeiro mandou o TenCor Abreu algumas partidas adiantes, a destroçar reunions, q' o Caudilho Bento Glz tinha mandado reunir, afim de fazerem causa commum, para não escapar legal algum, O TenCor Abreu, veio seguindo comtudo pela Costa da Praia, e no dia 2 de Fevereiro chegou do outro lado do Rio de Porto Alegre nas charqueadas de D. Rita Pires com toda a cavallhada da Nação, q' fora buscar no Rio Grande e mais 300 q' tinha tomado ao inimigo, no combate, e viagem,

assim como prisioneiros e o mais q' foi tomado no combate; Todos os officiaes e praças se portaram com muito valor, e o Commandante Abreu ainda andando doente trabalhou a execução de regra afim de vencer huma força bem montada, e dobrada a sua que o reteve no combate; Ordem do dia do General em cheffe n. 18 de 4 de Fevereiro de 1842.

69.

Parte official do TenCor Francisco Pedro de Abreu, dada ao General conde de Rio Pardo.

Conforme as ordens de V. Exc. de 20 de Abril pp., reuni as competentes forças dos Esquadros de meu Commando na Ponta Raza, e no dia 3 de Junho, finalizei a passagem de forças e cavalladas para a margem direita do Rio Jacuhy, e marchei as 6 horas da tarde com 370 praças de cavallaria e 84 praças de Allemans engajados, afim de ver se podia cortar a rectaguarda do inimigo, directo a Serra do Coral, a qual atravesssei em 3 noites, sahindo no faxinal do Tavares em S. João; aonde a romper do dia foi prezo o Juiz de Paz rebelde José Glz da Silva, irmão do cheffe rebelde Bento Glz da Silva; e do que lhe pude colher algumas noticias de se terem retirado para o outro lado de Camaquam as forças rebeldes; Da Capela de S. João mandei algumas partidas a reunir cavallos, e a observar bem o inimigo, e todos fazerem junção commigo no Paço do Cordeiro, e ahi foi preso hum rebelde camarada de hum official rebelde que vinha com cartas particulares, e feita a junção dos partidos no dia 9, com 130 cavalos reunidos e 4 prisioneiros pelo Alfr^{es} Fideles, sendo entre estes tres praças e 1 Ten. de tal Lemos; tendo então sciencia fisica, de que os rebeldes sendo avisado da minha aproximação se tinham prevenido em se retirar, e por-se do outro lado do rio Camaquam, officiei então nesse mesmo dia ao Ten Cor João Frederico Caldwell, comm. do 3º de Cav. e do Corpo do TenCor Jº Joaquim de Andrade Neves, afim de elles passarem o Rio Camaquam a fazerem ponto de espera, e observação na Estancia do Malaquias, afim de eu poder passar com a minha força a Camaquam no Christal e Paço de Mendonça, cuja passagem effectuei tambem no dia 9 e logo do outro lado dirigi varias partidas a reunir cavallos, e a prender rebeldes que andassem com armas na mão; e todas as partidas de fazerem junção comigo no Paço de S. Isabel, frontiando a Capela do Boqueirão, aonde se fez junção no dia 12, com mais 300 cavalos, sendo causa huma grande librina de se não apanharem mais 200 que

existião em hum rincão, envernados do inimigo; e quando das 10 as 11 horas levanto a librina ja os rebeldes nos tinham pressentido e retirado os cavalos; bem inteirado do inimigo se ter retirado para o Centro, combinando minhas ideas e vendo ja ter feito huma marcha de mais de 40 legoas, e tendo ja os cavalos bastante abombados, rezolvi no mesmo dia 12 a marchar e fazer junção com as forças do dº TenCor João Frederico na Estancia do Malaquias, e no dia 13 principiamos nossa retirada a repassar o Rio Camaquã no Paço da Armada; Caminhando as forças juntas ate o Paço do Cordeiro, aonde nos separamos, caminhando aquellas a seu quartel em Rio Pardo, e eu com as mais forças directo aos Serros do Roque, a especionar aquelles lugares, e a passar revista aos moradores, a qual finalizou no dia 20, e marchei ao Rio e Paço, emfrente da l'onta Raza, onde cheguei sem quebra alguma da legalidade, e no dia 22 fiz passar tudo para a Ponta Raza sendo 450 cavallos reunidos, e os prisioneiros que remetti pª Porto Alegre para o batalhão de 11 fazendo depois seguir as Forças Policiaes aos lugares de seu destino por V. Exa., podendo assegurar a V. Exia. que os districtos se achão desafrontados; Tendo de annunciar a V. E. a boa vontade com que me acompanhou todas as forças, ficando ellas e eu pezarosos do inimigo por avisoado nos escapar. Deus Guarde a V. E. cidade de Porto Alegre 24 de Maio de 1842, Francisco Pedro de Abreu, TenCor Com, Illmº Exmº Sr. Conde de Rio Pardo, Gen. e Comdº Exercito etc.

70.

O TenCor Fr. P. de Abreu, no dia 20 de Junho de 1842, com huma força de 80 praças de Cav. do 5. Corpo de seu Com. passou o Rio Jacuhy da Ponta Raza para o lado esquerdo, digo lado direito do mesmo Rio, e não lhe embaraçando os rigores da Estação do Inverno, de chuvas, frios e arroyos de nado, caminhou de dia e de noite atravessando Serras, e chegando na Capella das Dores para as bandas de Camaquã da madrugada, e cercando o lual da dita Capella, prisionou o intitulado Major Rebelde Domºs Barboza, e hum sargento seu irmão; o rebelde Tiburcio e outro de nome Ledorio, e tomou 60 cavalos, entrando neste numero alguns encilhados. Como melhor conto da parte de 27 do dº mez ao Gen. Conde de Rio Pardo e no dia 9 de Julho as 10 horas da noite chegou com tudo em Porto Alegre, sem quebra da legalidade e no dia 10 as 9 horas do dia assistiu o embarque do dº Conde pª a Corte do Rio de Janeiro.

71.

O TenCor Fr. P. de Abreu no dia 7 de Dezembro sahiu desta Cidade com huma força de 500 homens de Cav. e infantria, e embarcado em 4 barcas de vapores, e trez de passar animaes, a desembarcar na lagoa, alem de Camaquam direita, cuja viagem foi muito trabalhoza e demorada pelos contratempos, e fazendo o desembarque da força, já o inimigo se tinha retirado da posição em q' se achava. Porém com força das diligencias reuniu 550 cavalos, com as quaes em caminho mais de 50 legoas, pode chegar sem quebra da legalidade no dia 3 de dezembro de 42, na Ponta Raza, lugar de seu acampamento de onde deu parte ao Presidente e General da Armas Brão de Caxias no mesmo dia.

72.

O TenCor Fr. P. de Abreu, no dia 5 de Janº de 1843, embarcado outra vez, com quasi toda força de Cav. do 5. Corpo de seu Com. foi desembarcar em S. Gaçolo da onde com o Gen. e Prez. da Prov. Barão de Caxias, e Silva Tavares, e dous batalhões de Infantaria, conduzirão por terra 7000 cavalos, dos quaes no espaço de caminho de mais de 80 legoas até as charqueadas de D. Rita ficarão bastante pelo caminho, e no acampamento da Ponta Raza sete centos invernados, e outros invernados no Rincão de Rio Pardo, chegando se no Exercito em S. Lourenço 3000 e tantos cavallos, e o TenCor Abreu, bastantemente doente; o exercito dali se pôz em marcha em 1. de Maio de 1843, em dia 18 do mesmo se achava a Divisão da frente composta de 2800 homens das trez armas, com 6 bocas de fogo, Commandado pelo Brigadeiro Felipe Nery de Oliveira e já nas pontas de Vacacahy, hindo na frente o TenCor Abreu, com o Corpo de seu Commando e os seus tres irmãos, o Major Antonio Pedro de Abreu, o Major João Pedro de Abreu e o Cap. Paulo José de Abreu, e este bem doente.

73.

No dia 19 de Março de 1843 marchou a Columna de 4000 homens das tres armas, de S. Gabriel, em caça do inimigo, hindo na frente o TenCor Abreu, ficando em S. Gabriel toda a Bagagem do Exercito, e perto de 2000 homens das trez armas, de guarnição, commandados pelo Coronel Jacintho Pinto, aonde ficou doente o Cap. Paulo. A co-

luna ligeira de 4000 homens fez degressão por S. Borjas, Caviro e S. Anna das Palmas, e entre Cunha Perú, e Quairaim, varou o inimigo em 30 de Março de 1843, para o Estado Oriental, e porque passou, porque chegando o nosso Exercito na Serra de Cabera, aonde de certo ficava isolado, e talvez perdido pelas más direcções que o Brig. Bento Manoel como, vaquiano dava ao General, o que conhecido pelo TenCor Abreu, mandou avizar o General, que immediatamente mandou retroceder o Exercito de noite, e sobre a madrugada debaixo de hum serração se encontrou com o inimigo, que não esperando tal retrocesso se perturbou, e aceleradamente passou a linha deixando bastantes despojos; contudo o nosso Exercito se achava muito mal de cavallos, pelos maus caminhos que se tinham trilhado sem necessidade; cuja ruina o TenCor Abreu remediou em se offerecer ao Gen. para hir a Prov. Cisplatina aranzar cavallos para se salvar o Ex. legal; e como de facto sahiu com 300 homens de Cav. do 5. Corpo de seu com. caminhando mais de 16 legoas a estancia do finado Cor. José Roiz Barboza, e ahi tomando as medidas necessarias, e até pedindo dinheiro emprestado para compra de 1200 cavallos, e fazendo ahi parar a força, e marchou escoteiro com 10 homens terra dentro para Thia Anna, ou Vila de S. Fructuoso a distancia de mais de 20 legoas a tratar cavallos com o Coronel Moreno, Commandante de branquinhos do Governo de Oribes, aonde comprou e trouce para o Exercito Imperial 2200 cavallos bons, os quaes Canabarro com o intento de lhes tirar se tinha indroduzido pela Cisplatina a dentro, e o não conseguiu pela grande actividade do dº commandante Abreu; Depois que o General recebeu esta boa cavallhada em S. Anna, tive noticia que a força rebelde que tinha passado para a Cisplatina, furtava a volta e contrapassara outra vez, immediatamente a S. Gabriel a bater ali a nossa força e a tomar a bagagem e Munições do Exercito; E como de facto, no dia 10 de Abril de 1843, achando a nossa força em descuido, tinha tomado cavallos e boiada mança e feito alguns roubos, e alguns prisioneiros e mortos, e entre estes o Ten. Demetrio Garcia, o General seguiu para ali immediatamente com a columna hindo na frente o TenCor Abreu, e em 5 dias vencerão 40 legoas a descercar S. Gabriel no dia 21 de Abril de 1843.

O General do Ex. L. tendo grandes faltas de di^{tos} no Exercito, apesar de estar com os inimigos em roda, man-

dou no dia 27 de Abril de 1843, as 7 e meia da noite o pagador TenCor a Tayde a Capital de Porto Alegre arranjar dinheiro. Determinando ao TenCor Abreu com 100 homens, o acompanhasse a distancia de 6 legoas na Estancia do Rocha, apor aTayde a salvo das guardas do inimigo, o que assim executou o dº Abreu, e dali por diante mandou acompanhar aTayde até a Capital, por huma escolta com. pelo Alferes Fideles da Sª Pais e de noite mesmo se retirou o TenCor Abreu ao Exercito sem quebra.

75.

O TenCor Fr. P. de Abreu, que nunca sesava de andar a caça do inimigo e a reunir cavallos para remonta do exercito, andando circulando pelas imediações de Cassapava, mandou no dia 10 de Maio de 43 seu irmão Major Antonio P. de Abreu, com huma partida de 20 homens de Cav. as pontas de Camaquam, a reunir cavallos, e como de facto reunindo cento e tantos, os foi entregar a dº TenCor Commandante, e voltou imediatamente com huma força de 50 homens para a mesma paragem a reunir mais cavallos, He quando se encontra com huma grande força inimiga, em quatro dobras maior, commandada pelo rebelde Portinho e Valencio; Contudo o dº Major Abreu com a sua pequena força lhe fez huma resistencia em retirada em mais de 2 legoas, em que teve de abandonar o campo, havendo 2 legoas alem dos feridos 5 mortos, e alguns prisioneiros, e entre estes o Alferes Ramos levemente ferido; e dos inimigos 4 mortos, e onze feridos segundo disserão alguns rebeldes feridos, assim como disserão que esta força que bateu o Major Antonio Pedro de Abreu era a vanguarda do Gen. Netto, no alcance da qual andava o TenCor Abreu, que depois o preséguiu de tal forma, que sutilmente varou os Curaes na linha, e se foi reunir a Bento Glz e Canabarro, e com huma força de mais de 2000 homens forão bater em Ponche Verde a Bento Manoel Ribeiro em 26 de Maio, que por pouco acautelado se achava em marcha com 1500 homens, entrando neste numero dous batalhões de infantaria verdadeira salvação das forças legaes; o ataque durou desde huma hora até as 3 horas da tarde. O TenCor Propicio foi cortado campo fora pelo inimigo e quando voltou, e subiu em cima de huma coxilha sem poder entrar para o combate, se divulgou no exercito rebelde, que aquelle era o TC Chico Pedro, e então os rebeldes se entrarão abrir e se retirarão para adistancia de huma legoa; no campo houverão mortos e feridos de parte a parte e dos legaes al-

guns prisioneiros, ficando os rebeldes senhores da cavallhada, e alguma bagagem assim como da carretinha de Bento M. Ribeiro. O Major João Pedro de Abreu não se achou neste combate, por ter sido mandado com o batalhão do commando do TC Arruda, antes para Alegrete, no alcance do inimigo; O TC Abreu no dia 25 de Maio reunido a sua Brigada se reuniu ao General e marcharão em seguimento do inimigo que o dº Abreu muito abaço era por andar sempre na frente ou na parte que havia perigo.

76.

O TenCor Abreu na estação mais rigorosa do inverno de frio e giada em 6 de Junho de 43, sahiu com huma força de 186 praças do 5. Corpo de Cavallaria tambem da G. N. e 29 Infantes bater huma força de rebeldes no Paço do Perito, e S. Maria chico, ao mando do intitulado General Antonio de Silveira, para o que o TC Abreu, andou embuscado 2 dias, e 2 noites sem fazer fogo, e no dia 8 de Junho de 43, deu as 11 horas do dia no acampamento dos rebeldes, e ficou senhor da bagagem, armas e correspondencias de papeis, e mais de 140 cavallos; E como estes rebeldes havia pouco horas tinha feito, outro rebelde de mais de 300 homens, commandada pelos intitulados TC Portinho, Ismael, Onofre, Carvalho, Lucas, e o major Mota, acampados em distancia de pouco mais de 200 homens os quaes se juntarão aos fugidos de José Antonio de Silveira, e fizerão huma força de mais de 600 homens, e carregarão sobre a pequena força do dº Abreu, que se baterão desde huma hora até a noite, e apezar de ser o mais forte e violento ataque, que tem havido nesta campanha, tão desparelho nas forças e em meio do combate se lhe extraviaram algumas, contudo não perdeu dº Abreu do que tinha tomado a João Ant. A meio do combate e feio intervallo, o TC Abreu, levou 2 talhos mortaes na cabeça e huma lançada no dedo polegar da mão direita, e quando muito excahido em sangue chegou a cahir em terra com huma vertigem, porem logo se levantou, e mandou acção até ficar senhor do campo, perdendo em tal cruel combate, os valentes capitães Julio Vianna e José Ferreira e o cabo de suas ordens João Affonso e 6 soldados e 24 feridos, entrando neste numero o Alferes Affonso Victorio; Do inimigo ficarão no campo mortos 1 major, 1 capitão e 3 officiaes, e mais de 14 soldados, e feridos mais de 80, entrando neste numero o major Motta, e TC Portinho, Onofre e outros officiaes, dos quaes dizem ter morrido já alguns; das forças legaes logo no pri-

meirô encontro com o inimigo foram cortados campo fora, huma força de 50 homens com o capitão Severino, e os Alf^{es} Juca Jardim que sendo chamados e podendo se reunir a mais força em combate, o não fizeram e marcharam a se reunir ao exercito em distancia de 3 legoas, e ficando assim a força legal muito diminuta, se apoiarão de noite a huma casa e serca de pedra de hum lado que lhe serviu de muralha até o exercito lhe vir socorrer para retirada e melhor constara da ordem do dia do Gal Caxias 21 de 1843.

77.

O TC F. P. de Abreu ainda debaixo do maior resguardo dos talhos que tinha levado na cabeça no ataque de S. Maria chico em 8 de Junho de 1843, sabendo que o Gen. se achava em cuidado pelos cavallos envernados em S. Gonçalo que o inimigo procurava tirar; se offereceu ao Gen. para os hir buscar, o que o Gen. sabendo do seu estado primeiro recuzou, porem estando o d^o Abreu de que podia, sedeu com a condição de hir debaixo das cautelas e resguardos que lhe determinasse. O professor de Medicina que o acompanhava, como de facto aprontando-se o d^o Abreu, com 350 praças de Cav. do 5. Corpo de seu Com., 100 do segundo Corpo de cav. de linha, e 450 do 11 de infantaria de linha; E quando estando pronto a sahir, tambem quiz hir o Cor. Manoel Marques de Souza ainda que por doente em huma carretinha, mas então commandante da força, Emfim o d^o A. sahiu no dia 11 de Julho do Exercito, e quase a pé. Mas como hia na frente hia fazendo todas sem se importar com feridas, nem cautelas de Professor de Medicina, apanhando pelo caminho potros, e eguas chucras, para montarem; assim como os cavallos manços, ainda que estivessem com o maior recato; de forma que quando chegou em S. Francisco, alem de toda a força montada de Cavallaria já levava por diante mais de 600 cavallos, e antes de hir a S. Francisco, já tinha o d^o Abreu entrado repentinamente na Capital da intitulada Republica de Piratiny, aonde resgatou muitos prisioneiros legaes, e fez prisioneiros rebeldes escapando-se muitos pelos mattos, assim como os ministros. Tomando duas carretas carregadas de fardamento, muitas peças de panno azueis, mais de 400 ponches, muitas armas, pistolas e lanças, muitos mil cartuxos embalados mais de 4 Q. de polvora, seis cargueiros carregados de fornecimento de guerra, varios papeis, e com tudo isso se encaminhou a S. Francisco, e logo que ahi chegou, se embarcou na barca de vapor, e seguiu ao Rio

Grande a entender-se com os Comandantes das Guarnições, deixando o Coronel Marques com a força em S. Francisco de Paula, gastando o TC Abreu de hida e vinda 2 dias, tempo que o rebelde Lucas lhe armou huma cilada de o matarem na retirada, escolhendo da sua força que tinha, o pé de hum Paço perto de S. Francisco; cinco homens para tal diligencia, da qual traição sendo desviado por acaso, sempre os taes assassinos se vingaram em dar huma descarga em hum grupo de homens que acharão por diante, em que pereceu hum piloto da canhoneira Jaguarão, e mais dous feridos, e isto sem respeito da força do Cor. Marques, cujo procedimento bastante alvoroçou os moradores de S. Francisco; o TC Abreu nesta viagem que fez a Rio Grande, tirou 2 esquirolas da cabeça, e assim mesmo não descansou mandando partidas e descortinadores para todos os lados, e seguiu por tres vezes com força em Vapor e barcas na Lagoa Mirim não só a dar caça do inimigo, e até hindo segunda vez em Piratiny, em cujas investidas fez bastante prisioneiro que desarmando-os, alguns aconselhava e largava com protesto de hirem para suas casas, e muitos então se lhe apresentarão ao serviço da Legalidade, sondado assim o melhor commodo da passagem de cavallada no Rio S. Gonçalo, que concluiu passar no ultimo de Agosto, em n. de 5—6000 cavallos, com os quaes segundo as ordens do Gen. em cheffe, se reuniu com elle na Estancia das Tunas, aonde se dividia o Exercito em duas divisões, para perseguir o inimigo fazendo a 2ª força junção com o Exercito no dia 7 de Set. de 843. neste mesmo dia o TC Abreu foi pelo Gen. nomeado Commandante Geral do Departamento mais perigo e farrapo da Provincia desde de Piratiny até Camaquã por ter entrado Bento Glz e Netto, em S. Francisco, a ostilizar etc.

78.

O TC Abreu, nomeado Commandante do departamento de Piratiny até Camaquã, Marchou logo para o lugar de seu Commando, com huma força de 900 homens, sendo 400 de Cavallaria do 5. Corpo de seu Commando, e 500 de infantaria do batalhão 11, Em a marcha já foi apaziguando todos os movimentos dos chefes rebeldes; e sabendo que Bento Glz e o Gen. Netto se achava no Pantanozo com 300 e tantos homens reunindo com toda actividade e a força gente, caminhou para aquelle lugar secretamente em huma noite 7 legoas, e por falta mais de huma hora de noite, os não suprezou de todos, mais fez alguns prisioneiros e ficou senhor de alguns cavallos, e hum Es-

tandarte da Republica, alguns despojos; depois de enviar ao Exercito o Estandarte pelo Alferes Fidelis continuou a sua marcha, percorrendo todo o departamento de seu Commando, estabelecendo a boa ordem, prendendo e soltando e desarmando rebeldes, e estes aconselhados mandava para suas casas, de que resultava de se lhe entregarem voluntariamente alguns, assim como o intitulado Capitão João Mariano, ou João de Mariano.

79.

O TenCor F. de Abreu, no dia 25 de 8bro de 1843, ao pé do Caingu-sú com huma força de 60 homens de Cavallaria do 5. Corpo de seu Commando, e 250 infantes do batalhão 11 bateu Bento Glz da Silva, Netto, Teixeira e Correia que com huma força de perto de 400 rebeldes, vinhão a incommodar ou surprehender a força legal, de que ataque que repentinamente fizeram os rebeldes, resultou serem estes completamente derrotados, escapando-se os cabeças com violencia e até Bento Glz a pé pelo mato, da qual derrota alem dos feridos, forão 13 prisioneiros, e ficarão no campo 7 mortos, muitos cargueiros de bagagem, todo o factó de Netto, armamento, 1 Estandarte, e mais de 300 cavallos, e destes a quarta parte encilhados.

80.

O TenCor F. P. de Abreu, no dia 6 de 9bro de 43, acampamento pelas 11 horas do dia por huma força rebelde de mais de 400 homens de cavallaria e 200 de Infantaria, com huma força de calibre 1, e se posto a força legal alguma andava fora em commissão, porem a existente se atacou com tal vigor que durante hum renhido combate mais de huma hora, tive o intitulado General Netto, e os mais officiaes de se retirarem, deixando no campo 30 mortos, alem dos feridos, 2 prisioneiros, 2 passados, e entre os mortos 3 officiaes; ficando no campo mortos 4, e 14 feridos levemente, sendo dos mortos o valente sargento Lemos do esquadrão de Cavallaria do Triumpho, 3 da Infantaria do batalhão 11, sendo 1 cadete e 2 soldados, e entre os feridos do 5. o Alferes Fidelis levemente que muito se distinguu o Alferes Chico Pires e todos.

81.

O TC F. P. de Abreu, em Mço de 1844, expediu huma força por terra de 120 homens, directo a Capella das Dores em Camaquam, em que vinhão 3 capitães, o Cap. Claro, Vianna e Theodoro, e outros officiaes subalternos, a bater o rebelde Joaquim Pedro Soares e o dº Abreu ao mesmo

tempo seguiu com 200 homens para Bagé a bater o intitulado Cor. Antonio Manoel de Amaral, que sabia estar ali com 100 e tantos homens, e tal marcha fez o d° Abreu, que entrou em Bagé, sem ser pressentido, que prisionou o ministro da guerra, Juiz de Paz, 2 Tenentes e outros, e não bateu o Antonio M. de Amaral com sua força, por se ter retirado na vespera, para as bandas da Cisplatina. Retirando-se com a preza o d° Abreu, ao fim de 2 dias, estando muito mal montado, dispersou 2 partidas da melhor gente, a reunir cavallos, huma de 40 homens, comm. pelo Alferes Fidelis, e outra de 20 homens comm. por outro Alferes com ordem de se reunirem em ponto certo, ficando assim o d° Abreu com 140 homens; Acontece que ao depois de sahirem estas duas partidas, ao 3. dia no lugar de Candiota em 16 de Mço as 8 horas do dia se apresentou repentinamente o tal Amaral com huma força de mais de 400 homens, por lhe ter reunido Mariano Gloria, e mais de 100 castelhanos, ganhando de 2 a 3 patações por dias, o que observado pelo TC Abreu, vendo que se não podia retirar, por estar muito mal de cavallos, forçoço lhe foi assim mesmo atacar os rebeldes, pondo a sua pequena força em força de combate, e dando as suas ordens, atacou o inimigo pela direita, que a rompeu, foi direito ao Estandarte que o botou em terra, de cujo impeto embarulho de tal sorte o inimigo que muitos se atirarão campo fora a forão dar em Jaguarão dizendo que tinham perdido a acção; neste grande encontro e investida do d° Abreu, sobre o inimigo de tal maneira o cercarão cutilados, que depois de ter morto alguns rebeldes, recebeu do mesmo huma grande cutilada na cabeça da qual sahiu bastante sangue; porem assim mesmo batalhou com o inimigo de tal maneira, que se ao mais arisca seguissem às suas ordens, atacarem com coragem, e não se abrissem, o d° Abreu fica senhor do campo, pois de tal maneira em hum renhido combate de mais de 2 horas trabalhou ferido de talho e huma lançada que se os mais, a quem por vezes animava não se abrissem exmorecidos de certo vencia, pois todo o peso da força inimiga carregava sobre o d° Abreu com o ficto de acabarem com elle, e assim mesmo não cedia da sua parte se não visse já prisioneiro o Major e outros que se tinham deixado prisionar, ainda tentou com outros officiaes e praças de hir por entre o inimigo resgatar o Major e outros officiaes e praças, mas achou repulsa nos officiaes, então deliberou de se retirar do Campo, fazendo sempre fogo de retirada por mais de 2 legoas em que fortemente foi presseguido do inimigo com toda casta de instrumentos de guerra armas de fogo, lanças, es-

padas, laços e bolas, mas assim mesmo vendo o Ten. Jeronymo prisioneiro, e já a pé e saquiado, gritou quem quizer acompanhar-me e foi velozmente e mais dois por entre o inimigo, e resgatou o dº Ten Jeronymo, e se foi retirando debaixo de huma cruel presseguição, com 30 homens, e quando chegou no seu acampamento já foi com 50 e tantos, no caminho ou retirada, prisionou o TC Abreu huma partida inimiga, a qual depois de prisionada e bem tratado, por machevelisi a largou. Forão prisineiros dos legaes 30 e tantos de Cavallaria e 20 de Infantaria 5 mortos, e 6 feridos com o Commandante; entre estes os mortos o tenente secretario Mariano José Soares, o valente sargento José Ferreira, que sendo bombeiro de Bento Glz, acompanhou o Cap. Paulo quando prisioneiro para o serviço da legalidade; dos rebeldes morrerão 19, e alguns 60 feridos e entre estes hum filho de Bento Glz, que sustentava o Estandarte, que o TC Abreu feriu mortalmente.

82.

O TC Abreu, depois de ter acompanhado no dia 11 de Maio de 1844 de S. Francisco de Paula para o Exercito ao Gen. Barão de Caxias, voltando ao districto do seu Commando, e deixando este e as mais forças encarregadas a hum Commandante interino, seguiu com huma força de 500 homens, das duas armas, para as bandas de Camaquam, Encruzilhada, e Capela das Dores, a caça de Netto, Joaquim Pedro, Juca Custodio e outros, que andavão não só reunindo gente, como utilizando os habitantes, fazendo para isso marchas forçadas de noite no rigor do inverno, e na madrugada do dia 27 de Maio, por cauza de huma sentinella avançada do inimigo, em distancia de quasi meia legoa, não foi Netto derrotado completamente em hum rincão dentro da Serra do Erval, porem sempre ficarão alem dos feridos no campo 5 mortos, e 3 prisioneiros, forados passados, hum Estandarte da Republica, mais de 30 cavallos sendo a maior parte encilhados, os cargueiros de fornecimento e armamento, e não houve mais prisioneiros por ganharem o Matto da Serra, tanto a Infantaria como a Cavallaria, escapando-se Netto quasi com 100 homens, e destes 50 a pé, que não forão preseguidos por estarem inteiramente as forças legaes a pé, porem o dº Abreu com o projecto de o cercar por todos os lados, formando para isso novo plano, fazendo seguir para diversos rumos as suas forças aproximarem-se aos suburbios da Capital de Porto Alegre como indicando que suspendio as suas em-

prezas no rigor do inverno, porem sempre fornecendo-se do preciso, assim como de cavallos, e tenho suas forças reunida sem frente da Ponte Raza, dahi embarcou na barca de vapor, dando suas ordens ao TC Mariano Mez, e seguiu na barca de vapor para Porto Alegre, seguiu no mesmo dia por terra a Rio Pardo, aonde esteve 3 horas, divulgando se seguia a Caxoeira o para diante, e embarcando-se disfarçadamente em hum lanxão veio chegar depois de Trindades em St. Amaro, aonde lhe tinham preparado hum baile, que o d^o Abreu pediu que fizessem e divulgassem que ali estava o Presidente, e embarcando-se veio na mesma noite de 15 de Junho de 44 em Porto Alegre sem ninguem saber, nem o proprio Pay, **que delle recebeu cartas** escriptas de Rio Pardo, e no dia 16 de Junho segue a barca de vapor com elle para Rio Grande em S. Francisco, aonde chegou na tarde do dia 17 e desembarcando occulto fez as suas observações necessarias e dando ordens que precisava, e de repente em hum monte de força competente se poz em marcha, e nessa noite fez marcha de 2 dias e foi amanhecer em Piratiny no dia 27 de J^o de 1844, e cercando hum casa de baile, nella prendeu e tirou de dentro de hum segredo os mais valizados chefes da Republica, Cor. Joaquim Pedro Soares, José Mariano de Mattos, e hum afamado Cap. da força do Cor. Antonio Manoel do Amaral, e hum grande perverço Antonio Pereira da comitiva e estima de Joaquim Pedro, e todos remetidos para as prizões das embarcações de guerra no Rio Grande, depois seguiu no alcance de Netto que estava a sua frente na Coxilha do fogo, o qual desconfiando se parou, porem o C. Abreu sempre em seu seguimento no qual lhe apanhou algumas partidas, com seus officiaes, propagando sempre a boa ordem por todo o districto de seu Commando o que resultou de muitos rebeldes se lhe apresentarem, e a huns amnistiava, e a outros metia nas suas forças, e em algum tempo de repouso a gente, e cavallos occupava-se com boas trinxeiras, o acampamento de Cangussú, em compor a Igreja que estava a cahir.

Nota a 81. Por ordem do dia do Barão de Caxias, Gen. em Cheffe do Ex. Prez. da Prov. em 15 de Março de 1844, foi o TC Abreu elevado a Cor. Chefe de Legião, e Com. da 8. Brigada do Exercito.

O Ten (que esquecimento do coronel!) Cor Abreu, sempre maquinando a forma de apanhar e bater a David Ca-

nabarro, unico que lhe faltava bater dos cheffes rebeldes, e como soubesse que Bento Glz Correia e outros andavão afligindo os moradores dos districtos de Camaquam, Dorés, Charqueadas da Barra, e charqueadas da Villa de Trium- pho, e até a picada em frente da Capital, secretamente em 7bro de 1844, emprehendeu huma expedição embarcado pe- la Lagoa dos Patos, sendo o ponto de reunião della no ponto de Christovão Pereira, mandando para isso por terra o Alferes José ao districto de Mostarda reunir cavallos de antemão, que como de facto reuniu 170 cavallos que en- caminhou para a ponta de Christovão Pereira, officiendo depois conforme as ordens, aos commandantes de guarni- ção e de marinha, e as forças de cavallaria postadas no ar- roio dos Rattos, ao mando do Major Ismael, a sua marcha; mas a marinha de guerra foi tardonha, porque chegando o dº Abreu em 14 de 7bro na ponta de Christovão Pereira na barca de vapor com o cheffe da marinha Rapozo, e huma força de 300 homens, ali não achou canhoeira alguma nem o vapor Amelia e barcas de passar cavallos para a margem direita da lagoa, como a tempo se tinha requisitado, e as- sim por esta demora, e pelo vento forte que então appareceu, não se fez a passagem violenta que se pertendia, e só pode ter principio em 16 de 7bro com huma só barca de passar animaes, delonga que deu tempo ao caudilho Bento Glz se escapar para o outro lado de Camaquam e só no dia 18 se pode apanhar huma partida do Correia de 10 homens, e entre estes o intitulado Maximiano e TC Israel, cavallos e armamento, e 200 cavallos que tinham reunido. E fazendo o C. Abreu embarcar os prisioneiros, No dia 26 de 7bro a huma hora da tarde nos Tapes na barca Amelia embarcou o C. Abreu deixando em terra huma força de 300 homens debaixo de Commando do Major Antonio Israel da Sª com quem tinha feito junção, determinando-lhe que fosse reu- nindo cavallos e potros pelo brejo, e se foi aproximando do Rio Camaquam, e que elle Coronel com forças de Can- gussú por terra veria fazer junção com elle para certas de- liberações, mas que tivesse sempre em vistas que os re- beldes não fizessem preseguição alguma por aquelles dis- trictos. E tanto sustentou o Coronel a sua vinda por mar e terra que até do Rio Grande mandou no Cutre o Alferes João Patricio, com os officios, desembarcar na barra do arroio velhaco, renovando a sua vinda que tão certa se fazia em Camaquam e por toda a parte, e como que para esta commissão andava o C. Abreu por Pelotas incansavel a re- unir gente, e até por Rio Grande, reunidas as forças e certo pelos seus bombeiros da posição do Exercito do Gen. David

Canabarro, e dos mais Generaes rebeldes Netto e João Antônio, se encaminhou a batelos da forma seguinte, no dia 10 de 9bro de 1844, o C. Abreu com a força de 1170 praças do 1. e 2. batalhão, do 5. Corpo de Cavallaria da GN e do 8. de caçadores e destacamentos do 1. da mesma arma, que todos montarão as d^{as} 1170 praças. Consegui em 4 noites de marchas forçadas, na madrugada do dia 14 de 9bro nos Campos do Arroio Grande, e Serro dos porongos, bater o General em Cheffe David Canabarro, e mais os 2 d^{os} Generaes, Netto e João Antonio, e outros officiaes superiores da rebeldia com huma força de mais de 1200 homens, tomando-lhe o Estandarte da Republica, toda a bagagem, todo o armamento de infantaria, e muito de Cavallaria, toda a munição de guerra, e mais de 1000 cavallos, e destes 500 arriados, ficando o campo estivado com mais de 100 mortos, e entre estes alguns officiaes, alem dos mortos e feridos, mais de 300 prisioneiros, e entre estes o ministro da fazenda alheia Vianna e o Coronel Rolão e 33 officiaes, escapando-se Canabarro, e os 2 generaes por bem montados e os cavallos das forças legal estarem abombados das violentas marchas de noite e embuscado de dia, da legalidade só feridos de Cav^a e algumas contuzões, e melhor constará da ordem de dia n. 180 de 25 de Dezembro de 1844 do Barão de Caxias General em chefe do Exercito.

84.

O TC F. P. de Abreu não sôsegava em perseguir Canabarro afim de o apanhar, como de facto na madrugada do dia 19 de 9bro de 44, escapou de ser apanhado, por causa de huma grande guerrilha para se atravessar, e deu tempo do d^o Canabarro se retirar a salvo fazendo nesta retirada muita diligencia de ver se podia reunir a Netto, e Bento Glz, cuja diligencia lhe furtava o C. Abreu; nesta forte guerrilha não houve quebra da legalidade, dos rebeldes consta que forão alguns feridos.

85.

O TC F. P. de Abreu no dia 25 de 9bro de 1844, bateu huma partida rebelde, ficando prisioneiro o intitulado Ten Camelo Pereira, 2 sargentos, 2 cabos e 4 soldados, e hum morto, e da legalidade não houve quebra alguma.

86.

O TC F. P. de Abreu, commandante da 8. Brigada do Exercito, no dia 26 de 9bro de 1844, bateu por perto do Velho Martins, e dos Canudos, o intitulado Coronel Teixeira, ou

Joaquim Teixeira Gavião, ficando este morto no campo, e 12 soldados, e 20 prisioneiros, entrando neste numero 2 tenentes além dos 3 apresentados, cento e tantos cavallos, toda a bagagem, grande porção de fazendas, que o dº Teixeira tinha furtado dos negociantes da Capela do Arroio Grande e no Chasqueiro, e por cavallos cansados não bateu segunda vez Canabarro do dia 28 de 9bro de 44, recebeu o dº Abreu 600 cavallos pouco suíveis e seguiu sobre Canabarro que supunha estar cercado pela frente pelo TC João Severo, e outras forças legaes; e que de maneira alguma poderia Canabarro escapar; porem enganou-se o dº Abreu, porque elle escapou-se pela lado do dº TC João Severo, e endireitou a villa Rio Pardo, direito ao Serro partido, a fazer junção com Netto e Bento Glz; e ahi houve suas guerrilhas com a força do TC José Joaquim de Andrade Neves, bem como as forças ao mando do Cap Claro José de Souza, e Canabarro sabendo que o Cor. Abreu lhe vinha nas pegadas, se retirou com huma força de mais de 1000 homens, para dentro do arroio dos Cachorros, porque o dº Abreu suposto vinha bastante doente, já se achava na fazenda de Albano Machado, porem com a cavallhada cansada e extruida de o preseguir por tantos dias, e da dª fazenda mandou ao districto de Mostardas em distancia de mais de 600 legoas o Alferes Cunha buscar cavallos, que o dº Abreu de antemão tinha mandado reunir pelo Alferes José Jardim no lugar da Roça Velha, cuja expedição de cavallos por culpa do Alferes José Jardim não só lhe chegarão fora de tempo, como muitos ruins, tudo em favor de Canabarro. Porque ainda que o Brigadeiro Fernandes, vindo a Cassapava, tinha feito junção com o TC José Joaquim de Andrade Neves, e o Cap Claro, e todos fazião huma força de mais de 700 homens, forão frouxos em preseguir Canabarro, dando-lhe lugar de vir até a Boa Vista do Pe. Francisco Leitão em frente de Porto Alegre cobrando direitos, reunindo cavallos, e gente; O que sabido do TC Abreu doente e a pé de cavallos, seguiu com a sua força para dentro ao lugar das Pombas em St. Clara, e penso que o TC Abreu adivinha, porque em St. Clara nas Pombas esta sacrificada a pequena força commandada do Cap. Claro, não só de ser abocada por Canabarro, como de lhe darem como derão, estrada livre e franca de Canabarro se escapar para a campanha bem rechiado; Cua sciencia que teve o TC Abreu de se escapar Canabarro do serco em que estava para o qual tantos excessos tinha feito por 29 dias que o trouxe em paço de Caen, ainda andando tão doente, como andava de huma grande

constipação e despenho do ventre; esta certeza de se escapar o emcommodou de tal maneira que ficou tão doente, que não teve remedio senão parar 3 dias no Quintal do C Bibiano a tomar huns purgantes, por a molestia que já se dollava em Itericia, ahi na occasião dos remedios he quando lhe chegarão os cavallos que tinha mandado buscar pelo Alferes Cunha, apezar de serem ruins já tarde. Assim mesmo doente e sem resguardo marchou com a sua força para as bandas do Rio Grande e Cangussú, e Piratiny em caça de Canabarro, como a falar em Janeiro com o General em chefe do Exercito, em Piratiny, como se tinha deliberrado; e depois de ter falado, com o General, seguiu para Orquetta, aonde se achava parte da Brigada de seu Commando, e estando em observação completa os paços do inimigo só com o interesse de acabar a guerra, de tal forma se foi manejando as cousas, que em 25 de Fevereiro de 1845 em ponche verde o inimigo depoz as armas, aproveitando-se do decreto de 18 de Dezembro de 1844 de SMI chegando as partes officiaes do Exmo. Barão de Caxias Gen. em cheffe em Porto Alegre no Domingo da Paixão, 9 de Março de 1845.

Com o Barão de Jacuhy houve sua ingratidão, porque concedendo-lhe no Rio de Janeiro SMI por Decreto a graça de Dignatario da imperial Ordem do Cruzeiro, cujo decreto foi visto no Rio de Janeiro por pessoas fidedignas, mas a inveja abafou esta primeira graça. E quando SMI se dignou vir a Porto Alegre lhe fez segunda graça de Dignatario da imperial Ordem do Cruzeiro, Toda a familia do Barão, de irmãos e paes, bem estabelecidos, abandonarão seus bens, para defender a legalidade, e por isso forão seus bens derrotados pela intitulado republica, Antonio Pedro de Abreu, João Pedro de Abreu, Paulo José de Abreu, todos tres com serviços nas guerras atrazadas a revolução, tanto assim que os dous primeiros já eram tenentes com Patentes imperiaes da extincta 2. l. e na revolução fizeram bons serviços a legalidade desde o principio, o 1. como Major da GN até criou hum Esquadrão de GN na villa de Triumpho, o 2. Major da GN do corpo do TC Rodrigo, e com este corpo de commandante operou na campanha o 3. Capitão do afamado esquadrão da Barra, este em defeza da legalidade até soffreu andar prisioneiro por mezes, aonde ali mesmo prisioneiro não sessava de fazer serviços a legalidade, foi até hum fenomeno que hum familia inteira, e até famulos, defende-se

a legalidade, que cauzava inveja a muitos legalistas; São estes 2 Majores e Capitão, que se fizeram esquecidos na distribuição das graças em Porto Alegre, finalmente, finda a guerra da revolução em Fevereiro de 1845, ficando a provincia aniquilada, e exausta de gados, e parte de seus habitantes, huns mortos, outros doentes, outros alejados, huns ricos outros pobres, e outros roubados, lamentando as suas desgraças, cuja scena muito penalizava ao então Barão de Jacuhy, de não poder remediar no todo, semelhantes lamentações, pois que todas as suas vantagens, e soldo distribuiria com aquelles, que o acompanharão em defeza da legalidade, e restaurada esta, se encaminhou a fronteira de Missões e Quaraim, em arranjo de seus negocios, aonde por vezes observou o cruel vexame de roubos, violencias e assacinos que sofrião os Brasileiros, daquem e dalem de Quaraim, promovidos pelas forças do Coronel Lamas, com o que pouco se importava o commandante da fronteira brasileira, o Brigadeiro Arruda, aparentado este só, em alguns factos orrորոզos para constar, com frias reclamações! E os Brasileiros de 500 fazendas de gado entre Quaraim e Arapahy, não falando em mais de 600 fazendas de gado dos Brasileiros, entre Arapahy e Rio Negro, os quaes sendo rico, jazem pobres, e parte emigrados aquem de Quaraim, por escaparem a toda a casta de fragellos do C. Lamas, e se posto tinham reclamado a garantia de seus direitos, em nada tem sido attendido, mas antes Lamas, cada vez se tornava mais cruel, tanto assim que passarão daqui de Quaraim os Orientaes, a furtar, e assassinar, e atacar as cazas de familias, que tudo pela fronteira via atterado, crescendo ainda maior aterro, quando em 1849 passarão 21 de taes assassinos a Estancia de S. Pedro, de José Antonio de Araujo Ribeiro, atacar a d^a fazenda, pondo lhe fogo, alem de matarem debaixo de huma grande resistencia, o valente Cap do Imperio Palacio, e mais 3 camaradas pendurando de pernas para cima depois de morto debaixo de huma ramada o valente Cap. Palacio! Indicando assim que pouco a pouco a mesma sorte havião de dar a todos os officiaes valentes, e de opinião Brasileiros, Rio grandenses. Esta proxima cruel scena, agitou de tal maneira os Brasileiros, que deliberarão de fazer conhecer e respeitar Lamas a lei e a dignidade do Imperador Brasileiro, e a Ley da Nacionalidade, que garante a propriedade individual, por elle violada de toda a forma. Para isto se formarão reuniões, elegendo para Commandante dellas o Barão de Jacuhy, como hum dos mais prejudicados, o qual annuiu a bem de sustentar a boa ordem a bem da Provincia, e do

Imperio, e não brotar em alguma arbitrariedade, em taes forças, que emcaminhavão desunião entre Brasileiros; fazendo ver as forças reunidas, o que o fim, a que se emcaminhavão provizoriamente era o fazer respeitar Lamas os Direitos do Imperio do Brasil, e que portanto, emquanto este direito não fosse conhecido por aquelle cruel inimigo, ninguém se embarasse com hum só casco de animal; E concertados todos assim determinou passar o Barão o Quaram com as forças divididas por differentes pontos, dando aos commandantes das mesmas forças, hum ponto certo de reunião emquanto o Barão com 150 homens seguia a bater Lamas em seu acampamento, que não bateu por este se escapar por ser avizado por traição pelo Brasileiro TC Ferreira, e retirando-se o Barão com os cavallos já peizados, humas poucas de legoas para o ponto marcado de reunião das Tres Cruzes, ahí esteve dous dias dando descanso, pelo C. Loureiro, e dos chefes do commando das forças do ponto de reunião, TC Fernandes e TC Ferreira, que mandando o Barão, que já se reunião, se occuparão com forças a passar gados, em cuja sucia tambem entrou gente do Marechal Bento Ml Ribeiro, que passou inverno de gados seus, e outros muitos misturado, e depois que passou os gados, elle e seu filho o TC da GN Severino Ribeiro se virarão a fazer cruel guerra ao Barão, que na boa fé esperava no dº ponto a reunião, estando com os cavallos peizados, e com alguma deminuição de alguns estrangeiros, quando ao 3. dia de manhã lhe aparece Diogo Lamas, com quatro centos e tantos homens. O que observado pelo dº Barão, se poz em retirada, fazendo fogo, em cuja retirada no fim de 3 legoas se viu menos afrontado e com risco de vida, perdendo 1 Tenente e 6 praças, e quatro feridos, e alguns cavallos que trazia por diante, e o inimigo perdeu 5 mortos e onze feridos, e destes constou morrerem dous. Depois desta catastrophe, necessario era reunir gente, e ter hum entrevista com o dº TC Severino Ribeiro que andava correndo a costa com 60 homens, pois que antes do Paiz passar o gado, mostrava todos os meios de protecção as reuniões que passavão, mas depois se mostrarão traidores, peor que Judas que vendeu a Jesus Christo, não só estendendo aterro as forças que se reunião, como tambem dando a voz de prezo ao Barão afim de hir falar com o amigo de Lamas. O Brigadeiro Arruda, e este tratou o Barão malicimamente com o abandono da Ley, mandando-o depois escoltado para Porto Alegre, com toda a falta de respeito. Este facto tão indecorozo do dº Arruda, a hum defensor do Imperio, enccitou tanto os animos na fronteira, que em caminho foi o

dº Barão tirado da escolta que o conduzia. E como os clamores dos Brasileiros contra Lamas e Arruda, fazião consternar as entranhas, forçozo foi o Barão lutar com todas as difficuldades a bem de reunir gente, para dar humiliação a Lamas, motor do fragelo de mais de 500 fazendeiros, entre Quaraim e a Rapahy; Como da escassez de gados em toda a Provincia do Rio Grande, por o terem passado para o outro lado de Quaraim, no tempo da revolução. Na segunda reunião descobrio o Barão, toda a casta de traidores não só os seus Patricios Brasileiros, como o mesmo Imperador, abalisando-se nesta traição o TC Ozorio, o qual adotando no principio esta resolução, promovia depois todos os meios de hum guerra civil, a quem sempre foi afeiçoado, e até metendo bombeiros nas forças do Barão, para saber das forças com que este passava, e de seus movimentos para dar parte a Lamas... O cazo é que tal guerra fez o dº Ozorio, que tendo o Barão 800 homens reunidos não pode passar senão com 400, e com estes marchou desfarçadamente para o Centro, e com elles no dia 25 de Fevereiro de 50, Bateu o General da Fronteira Servando Gomes, derrotando-lhe completamente toda a cavallaria, escapando a infantaria e artilharia, ao abrigo de hum grande sanga, de encontro ao Rio, ficando nesta acção do inimigo 30 mortos no campo, e 14 prisioneiros, e destes logo forão soltos 5, varios cavallos encilhados e toda a cavallhada do inimigo, por mais de 2000, e se o Barão passasse com toda a gente, neste dia ficavão os limites do Imperio do Brazil de Arapahy até Quaraim, limpos de taes inimigos. Depois desta acção determinou o Barão de mandar pela esquerda de Arapahy o C. Calengo e o Figueiro com 150 homens, e o Barão com outros 150 pela direita para no dia 8 de Mço fazerem reunião em hum ponto marcado, e o que elles não só não o fizerão, como conceberão o plano de se não reunirem mais, e formarem a sua força separada do Barão, e por tal desacordo sofrerão seus revezes do inimigo, pelos quaes não tiverão remedio senão reunir-se ao Barão a quem tinham deixado isolado com 150 homens e pezo de cavallhada fraca para socorrer a muitas familias, que se vinhão valer d'elle para passar o Quaraim a fugir do cruél Lamas, para este socorro forçozo foi ao Barão fazer marchas forçadas não para levar as familias, como providenciar a reunir-se mais gente, e o tempo desta reunião, fez o Barão hum contramarcha disfarçada com 200 1) ho-

1) A última folha do manuscrito está algum tanto estragado; o numero précedente aos zeros, apagado.

mens, afim de bater Lamas, que escapou, porque o Barão encontrou de noite huma partida d'elle, e vendo que tinha sido presentido se retirou, e voltando segunda vez só achou o acampamento, que tão resabiado andava. E quando o Barão tinha 800 homens para fazer huma limpa geral desde Arapahy até Quaraim daquelles crueis inimigos, é quando recebe ordem do Governo da Provincia para dispersar aquellas forças e seguir para Porto Alegre, o que o Barão faria de improviso, a não encontrar alguma resistencia nos officiaes. Neste tempo o C João Severo, pouco acautelado, andando com uma pequena força em descoberta foi atacado por Lamas com 800 homens, e forçoso lhe foi retirar-se, passar o Quaraim, nesta retirada perdeu-se entre alguns que se afogaram nove homens, e tres feridos, e alguns cavallos com arreios e o inimigo perdeu 6 mortos e alguns feridos.

O Barão com repetidas persuasões pode conseguir dos officiaes, e mais força a cumprir as ordens do Governo de dispersar as forças e seguirem para suas casas e o Barão seguir para suas casas digo para Porto Alegre a apresentar-se ao Governo, deixando do outro lado do Quaraim a sua fazenda com perto de 30 mil rezes, em poder daquella cafila de ladrões para acabarem de todo, porque o Governo do Brasil assim o quer, alem da grande despeza que o Barão fez com taes reuniões da qual não é ressarcido, sendo este passo alem das circumstancias apontadas de direito de Nacionalidade, e a favor do Imperio do Brazil.

O Barão nasceu em Porto Alegre as 11 horas da noite do dia 23 de Maio de 1811.

He Tenente Coronel honorario com soldo da patente.
Dignatario da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Official do mesmo Cruzeiro.

Official da Rosa.

Cavalleiro do habito de Christo.

As memorias de Francisco Pedro de Abreu ficaram durante muitos annos guardadas pelo unico filho do Barão, Ha tempos emprestou-as ao Barão do Rico Branco, que tomou copia dellas. Voltando ás mãos de Pedro Brusque, este m'as confiou com a condição de não serem publicadas, emquanto elle estivesse com vida.

Faz quasi tres annos que o tumulo encerrou o unico filho do Barão do Jacuhy. Era o nosso intento, acompanhar as memorias com uma biographia, mas documentos encontrados nos archivos platinos exigiram novas pesqui-

zas para as quaes até agora faltou o tempo. Nem por isso nos julgamos com direito de adiar por mais tempo a publicação do precioso documento que ficará pertencendo ao Archivo do Instituto Historico do Rio Grande do Sul.

J. B. H.

A extensão territorial do Rio Grande do Sul e o "Atlas do Brasil" do Barão de Homem Mello.

Nesta excellente obra vêmos a area do nosso estado calculada em 239.187 km.², numero este que o illustre autor diz ser resultado da medição do respectivo mappa do seu atlas. Doutro lado as publicações das repartições officiaes do Estado bem como o "Diccionario geographico e historico do Rio Grande do Sul" reclamam uns 280.000 km.², e affirma o R. P. Padtberg no seu magistral "Estudo critico e calculo planimetrico das areas do Brasil e seus Estados" ter achado 283.000 km.² como resultado da medição dos melhores mappas do nosso Estado.

Deve intrigar deveras esta divergencia de autoridades nada despreziveis, nem se pode taxar de coisa adiaphora uma diminuição de uns bons 40.000 km.² ou seja de uma area igual á da Suissa inteira. Para que mo autos épha não é axioma indiscutivel, só resta em tal emergencia examinar por si mesmo onde esteja a verdade.

Foi o que fiz, procedendo a duas series de medições do respectivo mappa do "Atlas do Brasil" por meio de papel millimetrico.

Foram estes os resultados das medições da 1.^a serie, as quaes effectuei contando duas vezes por meio do dito papel — applicado sempre em posição differente para evitar a repetição dos mesmos erros — os mm² contidos na superficie do estado. Obtive assim uma vez 300.215 km.², a outra 298.924 km.², na media portanto 299.569 km.². Como, porém, a escala do mappa em questão não é a indicada, de modo que os grãos de latitude resultam della com um augmento de 5—6 km. e os quadrilateros formados pelos meridianos e parallellos com um augmento de 615,1 km.² na media i. é a 18,3^a parte, por essa mesma parte deve ser diminuido o resultado da medição. Assim apparecem como superficie do nosso estado eruida do proprio mappa do illustre sabio uns 283.199 km²!

Na 2.^a serie foi empregado outro methodo. Consiste em contar os quadrilateros supra mencionados inteiros e calcular por meio do papel millimetrico as fracções delles

compostas pelas excedencias, substituindo depois tanto aos quadrilateros inteiros como ás fracções a area verdadeira conforme os dados classicos de Bessel para o espheroides terrestre. Desta forma obtem-se um numero ao mesmo tempo independente das imperfeições do papel e da escala indicada.

Eis os resultados — a 1.^a medição forneceu 285.856,71 km.², uma 2.^a 284.993,57 km.². A media foi pois de 285.425,14 km.², identica quasi com a da 1.^a serie.

Longe, portanto, de discordar dos resultados colhiços nos melhores mappas, o do citado atlas poderia servir-lhes até de confirmação antes que de base para rejeitar as indicações officiaes do serviço de estatistica do nosso estado. E que sobretudo de livros escolares sejam banidos aquelles numeros irracionalmente pessimistas não é favor que se pede, mas justiça que se impõe!

Diga-se ainda que pelos dois methodos expostos medi igualmente o mappa do Rio Grandê do Sul contido no excellente atlas do Sr. T.^o Theodoro Sampaio. Os resultados foram 286.139 km.² pelo 1.^o e 285.655 pelo 2.^o methodo. Mais uma voz, portanto, de competencia innegavel em favor do computo official! O que alias o R. P. Padtberg observa a respeito dos 236.000 km.² da commissão de 1873, prôcede da mesma forma contra os 239.000 km.² do illustre Barão de Homem Mello — para caber o Estado dentro da area assim circumscripta, deviam-se-lhe estreitar os limites quasi meio gráo, o que, por imperfeitos que sejam ainda os nossos melhores mappas, é completamente inadmissivel.

G. Pauwels S. J.

O descobrimento do Brasil

"A Terra do Brasil, que está na America, huma das quatro partes do Mundo, não se descobrio de proposito, e de principal intento; mas acaso indo Pedro Alvares Cabral, por mandado de El Rey Dom Manoel no de mil e quinhentos para a India por Capitão Mór de doze Naus, afastando-se da costa de Guiné, que já era descoberta ao Oriente, achou estoutra ao Occidente, da qual não havia noticia alguma, foi a costeando alguns dias com a tromenta the chegar a hum porto seguro, do qual a terra visinha ficou com o mesmo nome". (1).

Tal o parecer dos historiadores sem uma voz discrepante até aos principios do seculo passado. E quando em 1850, á proposta do Imperador, Joaquim Norberto da Silva defendeu a intencionalidade dos Portuguezes no descobrimento do Brasil, (2) achou escasso consentimento.

Hoje podemos dizer que a maioria dos autores segue a opinião contraria, apoiada em diversos argumentos que, no ardor com que o estudo da nossa primitiva historia foi em nossos dias reencetado e revisado, mais de uma vez foram aceitos em fé dos autores. Pois chegaram a attribuir aos Portuguezes não sómente a intenção de descobrir o Brasil, mas até a prioridade no descobrimento da America. Faustino da Fonseca tentou surripiar esta gloria á nação vizinha e, se seu livro não foi aceito pela sciencia, arrastou muitos pelo entusiasmo patriotico com que é escripto, bastantes vezes á custa da verdade historica como da logica. Outro autor se contentou com o descobrimento do Brasil intencionado por Pedro Alvares Cabral, recolhendo em breve resumo todos os argumentos que se podem proferir em abono de tal affirmacão. (3).

Nessés nossos dias varios autores affirmam que o descobrimento intencionado está provado e, ha pouco, lemos

(1) Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. V. 13 (1885-1886) p. 5. Fr. Vicente do Salvador, Historia do Brasil. Nova Edição revista por Capistrano de Abreu, p. 13.

(2) Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, V. 15 (1852) p. 125-171.

(3) A. A. Baldaque da Silva, O Descobrimento do Brasil. Acad. Real de Sc. Lisboa 1892.

que J. Capistrano de Abreu, por novos documentos adoptou também, este parecer. Não conhecia estes novos documentos e como tão pouco me constava da mudança do parecer do venerado Mestre, perguntei-lhe logo a respeito. Capistrano então replicou: "Nunca jamais, em tempo algum pensei que fosse proposital o descobrimento do Brasil pelos Portuguezes." (4)

J. Capistrano de Abreu rejeita a questão se foi fortuito ou não o descobrimento do Brasil como questão histórica, dizendo que "deve relegar-se para as minúcias da historiographia conjectural". (4) Com toda a veneração com que acatamos as pesquisas conscienciosas do mestre a quem a nossa historia pátria tanto deve, contradizemos este parecer. Tem elle a questão do acaso ou não acaso no descobrimento do Brasil apenas "por um lado de outra questão mais vasta: como entre os Portuguezes de 1500, se imaginava a distribuição das terras e dos mares?". (6).

Quer-nos parecer que na revolução produzida pelos descobrimentos de Colombo e successores estas questões theoricas, conservadas pela escola, passaram para a segunda plana, tanto mais que cada descoberta fez nova brecha no edificio carcomido das tradições e construcções aprioristicas. Já os primeiros descobrimentos desarranjaram por completo a oikumene ptolemaica e, seguindo-se novos de tropel, não ficou aos geographos tempo de cultivar theorias. (7).

Os autores que defendem a intencionalidade do descobrimento do Brasil, levaram a questão ao terreno da historia attribuindo aos Portuguezes conhecimentos que, segundo outros, lhes são contestados. Vejamos, portanto, os argumentos do autor citado que julga "ter demonstrado com authenticidade e fundamento: que Pedro Alvares Cabral descobriu o Brasil porque levava instrucções de se desviar para o oeste, não só por vantagem da navegação, como também para na sua passagem explorar os mares occidentaes, onde havia toda a probabilidade de existir terra". (8). Refutando os seus argumentos, veremos que "o descobri-

(4) Carta de 22 de Abril de 1921.

(5) O descobrimento do Brasil, pag. 37.

(6) L. c. p. 43.

(7) Cf. o trabalho do autor: O primeiro mappa com o nome de America em Annuario do Estado do Rio Grande do Sul; 1910 p. 229 ss.

(8) Baldaque da Silva; l. c. Todos os leitores não estão convencidos desta evidencia: Supan p. e. só fala de probabilidade; cf. Die territoriale Entwicklung der europäischen Kolonien p. 37.

mento do Brasil foi o que seria igualmente o da America, um episodio do periplo africano". (9).

Antes de entrar na argumentação positiva, o nosso autor rebate as explicações antigas e — depois de desenterada a carta de Pero Vaz de Caminha — podemos ajuntar antiquadas, do descobrimento do Brasil, refutando: 1) que os navios da expedição foram arrastados para oeste pela acção forçada e insuperavel do meio em que navegavam; 2) que os navios foram desviados para oeste por erro commettido na navegação. (10).

De unico interesse para o nosso fim é a demonstração positiva expressa pelo autor por diversas maneiras e repartida em tres proposições. A hypothese que "a expedição se dirigiu para oeste propositadamente", subdivide-se em tres: 1) proposito motivado por vantagem da navegação; 2) proposito de procurar terra ao occidente da Africa; 3) proposito de procurar passagem para a India pelo caminho do occidente. (11).

A primeira destas proposições é provada pelos seguintes factos e razões: 1) Já Vasco da Gama tinha dado o primeiro exemplo de fazer proa ao mar a grande distancia da terra, cortando a linha a oeste do meridiano das ilhas de Cabo Verde, seguindo a meio do Atlantico sul até virar na volta do Cabo da Boa Esperança.

2) Pedro Alvares Cabral levava instrucções nauticas, feitas por Vasco da Gama, para se afastar para oeste das ilhas de Cabo Verde, tomar abordada do SW. e seguir assim até á latitude do Cabo da Boa Esperança.

3) Pretendia-se com as instrucções nauticas, referidas na alinea anterior, evitar não só as calmas e trovoadas da costa de Africa, como tambem fugir das tempestades do Cabo da Boa Esperança (cabo tormentoso) fazendo a viagem muito pelo largo.

4) Os conhecimentos determinantes destas instrucções, em relação aos ventos, calmas e correntes maritimas do Atlantico, tinham sido adquiridos durante as viagens anteriores feitas pelos navegadores portuguezes, entre os quaes se tornaram mais notaveis: Diogo Cam, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama e todos os pilotos que foram na primeira viagem á India. (12).

Vejamos o valor destes quatro argumentos. O lugar citado do Roteiro é o mesmo, do qual tambem o Barão do

(9) João Ribeiro; Historia do Brasil: (7.^a ed.) pag. 38.

(10) Baldaque da Silva, l. c. p. 4.

(11) L. c. p. 12.

(12) L. c. p.

Rio Branco quer tirar a conclusão que "é mui provável que havia a certeza da existencia duma terra na direcção do Brasil. (13).

Ao ler a passagem citada do Roteiro, parece a conclusão evidente. O estudo, porém, de toda a obra e a consideração do fim da expedição de Vasco da Gama faz esvaecer tal evidencia. Tinha que achar o caminho para a India e explorar tudo que poderia facilitar a navegação e, antes de tudo, os portos, estações no caminho. E neste ponto esmerou-se, pois achando na derrota signal qualquer de terra, ia atraz para conhecê-la. E' esta a unica vez que viram vestigios de terra sem fazerem tal pesquisa, porque ninguém julgava possível a existencia da terra nestas alturas. (14)

E quanto importaria, ter na longa viagem para a India um porto de escala, vemos do facto que poucas esquadras iam á India ou voltavam de lá, sem apportarem no Brasil.

Os outros tres argumentos proferidos por Baldaque em abono da proposição não adiantam a questão. Fala de instruções náuticas de Cabral, tomadas por base da prova, mas onde existem taes instruções? Citou E. Mouchez um trecho dellas, mas perguntado donde o tirou, não respondeu e assim a prova perde todo o seu valor. As instruções de Cabral, entretanto publicadas, não contem palavra de descobrimentos. Para provarmos que Cabral tinha ordem de seguir aquella derrota, nem precisamos de semelhantes instruções duvidosas, que as temos bem claras e expressas no roteiro de Vasco da Gama.

A viagem deste navegador dá luz para toda a questão e as difficuldades até agora movidas contra o acaso da descoberta explicam-se por não attenderem os escriptores ao roteiro exacto que na ida seguiu Vasco da Gama, pois mappaes historicos excellentes como o de Droysen o apresentam bastante inexacto, o que se verifica pelo confronto com o mappa que acompanha o Roteiro e no do livro "Subsidios para a leitura dos Lusiadas" por J. Barboza de Betten-

(13) St. Anna Nery, *Le Brésil en 1889*, p. 105.

(14) Sabemos que já se tirou outra conclusão deste mesmo lugar. Fausto da Fonseca diz: "E' claro que Vasco da Gama teria procurado a terra para onde essas aves se dirigiam "como aves que iam para terra", se não soubesse perfeitamente que havia ali uma terra portugueza, já visitada por outros e já incluída nos nossos dominios." A descoberta do Brasil, p. 238-9. Assim o autor suppõe o que quer provar. Cf. a resposta C. Teschauer, S. J. Será discutível a prioridade dos Portuguezes no descobrimento da America? Fortaleza, 1903.

court. Consultando estes mappas e conferindo os dados do Roteiro achamos que Vasco da Gama, sahindo de St. Yago, seguiu, ao primeiro, rumo S.O. até que nas alturas da Rocha de S. Paulo dobrou para o Sul e seguiu uma derrota NS entre os graus 15 (Bettencourt) e 30 (Roteiro) long. Gresnwich, dobrando pouco mais ou menos no gráu 25 de latitude sul para o oriente em demanda do cabo da Boa Esperança. Atravessou, portanto, o nosso almirante o alto barometrico dos nossos mares e, por isso, a região mais rica em calmarias. (15)

Era facil evitar este estorvo seguindo um pouco mais para oeste e, seguindo Cabral esta derrota, haviam de deparar-se-lhe signaes de terra muito mais numerosos do que ao seu antecessor. Vasco da Gama não tinha visto o Monte Pascal que havia de fazer de Cabral um feliz descobridor.

Assim "o plano systematico de estudo e investigação que seguiam as viagens dos Portuguezes de exploração, levou ao descobrimento de novas terras" sem que em tudo isto se manifestasse a minima intenção de descobrir a terra do Brasil. E' esta intenção que Baldaque da Silva quer provar na segunda proposição com sete argumentos, dos quaes o primeiro é:

Já em 1498, havia el-rei d. Manoel encarregado Duarte Pacheco, cavalleiro da sua casa, notavel pelo valor pessoal, de ir procurar terra no occidente da Africa". (16)

Contra este primeiro argumento levantam-se varias duvidas. Antes de tudo cortemos uma palavra de que Duarte Pacheco não tem sombra, a saber "da Africa". Pacheco diz apenas que d. Manoel "mandou descobrir a parte occidental pasando alem a grandesa do mar ociano donde he achada e naueguada huma tam grande terra firme com muitas e grandes ilhas ajacentes a ella que se estende etc.", dando em seguida a extenção do novo mundo quanto era conhecida ao tempo em que Pacheco escreveu o seu livro. (17)

O intrepido mas não irrefutavel, como diz Rocha Pombo (18), Faustino quer provar por uma exegese atrevida que Pacheco fez esta viagem. (19) Faz outra vez demais, pois sabemos que no anno allegado não se execu-

(15) Roteiro da viagem de Vasco da Gama, editado por A. Herculano e o Barão do Castello de Paiva, p. 3.

(16) Baldaque da Silva, l. c. p. 14.

(17) Esmeraldo de Situ Orbis, p. 7.

(18) Rocha Pombo, Historia do Brasil l. 183.

(19) A descoberta do Brasil, pag. 239.

tou a expedição e, no anno seguinte, "com a volta de Vasco da Gama, forçosamente deviam soffrer alteração quaesquer combinações assentes" (20) chegando afinal Pacheco a acompanhar Cabral.

Mas como se hade provar desta passagem do Esmeraldo que aquella viagem havia de ser ao Brasil? Semelhante exploração "ao occidente" só podia mirar as terras annunciadas pelos descobridores hespanhoes. Era muito natural que o Rei de Portugal, que estava procurando o seu caminho para a India, fizesse, entretanto, uma tentativa sobre as descobertas que, segundo o direito do tempo, erão possessão hespanhola. E não admira que, apenas soube de resultados positivos da sua faina, pela volta de Vasco da Gama, desistisse de semelhante empresa, para colher os fructos que acenavam aos esforços do seu povo na India.

E' excusado dizer que a noticia sobre a extenção do novo mundo não confirma o parecer dos adversarios, porque representa o saber do autor em 1505 e não em 1498. O mesmo temos que dizer do segundo argumento com o qual Baldaque da Silva apoia o seu parecer: "Refere Duarte Pacheco que era esta a terra da quarta parte desconhecida do mundo que el-rei d. Manuel mandou descobrir (21). Nem a affirmação que foi d. Manuel quem descobriu o novo mundo abona a these do autor, porque este, no tempo em que se escreveu o Esmeraldo significava o Brasil. (22)

Mas é difficil ligar a passagem citada com a viagem de Duarte Pacheco, pois nem no mesmo capitulo do Esmeraldo se acha. O sobrescripto do capitulo de que Baldaque da Silva a tirou é: "De como Seem, Caão e Jafet, filhos de Noé despois do diluuiio cada hum abitou sua parte da terra e como lhe poseron nome Europa, Asya e Africa, e os Lugares por honde se deuidem." (23) O autor aproveita a occasião para fazer um cumprimento a d. Manuel e mais nada.

Outro argumento achou o autor da Memoria tambem na carta de Pero Vaz de Caminha que diz "que a frota seguiu o caminho que el-rei mandou que seguisse." (24)

(20) Esmeraldo Introd. p. 6. Zeferino Candido dá a esta passagem a explicação que desde 1498 d. Manuel instava com os seus marinheiros por que lhe descobrissem a terra. (Brasil, pag. 89) Mas quaes seriam os marinheiros que fizessem viagens nestes annos?

(21) Baldaque da Silva, l. c. p. 14.

(22) Fischer e Wieser, Die aelteste Karte mit dem Namen Amerika.

(23) Esmeraldo, p. 8.

(24) Baldaque da Silva, l. c. p. 14.

Lê o autor na carta manuscripta que existe na Torre do Tombo "vosso caminho", torcendo numa nota o sentido da phrase por uma interpretação com que os grammaticos se avenham. Temos diante dos olhos o bello facsimile da carta editado em 1900 pelo Instituto Historico e Geographico da Bahia, em que lemos "nosso caminho"; nosso caminho dá a versão para o Portuguez da epoca como para o Portuguez actual; nosso caminho escreveu Ayres Casal em 1817 e ainda o editor do Esmeraldo que, aliás, já opinou que os dous trechos apontados "podem servir de apoio á idéa actualmente debatida de que o descobrimento da terra de Vera Cruz não foi devido a um mero acaso". (25)

Suppomos, portanto, que Baldaque da Silva leu mal. Caminha escreve: "e asy seguimos nosso caminho per este mar de comgo", a saber o caminho do roteiro de Vasco da Gama.

Mas ainda não estamos no fim das provas. Continúa a Memoria: "Levava Pedro Alvares Cabral na expedição um navio destinado a voltar para traz, dando conta do resultado da exploração do occidente, que era a nau dos mantimentos." (26)

E a prova desta affirmação? Está talvez na pergunta que Cabral fez a todos os capitães, "se nos parecia seer bem mandar a nova do achamento desta terra a Vossa Alteza?" (27) Porque esta deliberação, se o plano já estava feito? Como podiam disputar tal assumpto, se el-rei tinha mandado descóbrir uma nova terra e até dado um navio para annunciar a descoberta? Em outras viagens desfizeram a nau dos mantimentos e nesta "tudo leva a crer que Vasco da Gama, tendo em vista não perder o navio, tivesse incluido nas instrucções nauticas que deu a Cabral, a indicação de aproveitar a nau dos mantimentos para voltar para traz, dando conta da investigação que a frota ia fazer ao occidente na sua passagem para o cabo da Boa Esperança." (28)

O autor refere-se mais uma vez ás instrucções nauticas de Cabral e destas pode provar tudo o que quizer, mesmo sem bofetear a logica, como a bofeteia num argumento ulterior dizendo: "Além das instrucções conhecidas dadas a Pedro Alvares Cabral, nenhuma prova ha que elle não levasse tambem instrucções verbaes e confidenciaes; é mes-

(25) Esmeraldo, Not. Prel. p. 7.

(26) Baldaque da Silva, l. p. 15.

(27) Carta de Pero Vaz Caminha.

(28) Baldaque da Silva, l. c. p. 15, n. 23.

mo evidente que deviam existir para tão delicada empresa, e, portanto, estar entre estas incluída a de procurar terra ao occidente na sua travessia tão amara do continente africano." (29)

Com este argumento todos os mais se tornam superfluos. A these proposta está enunciada claramente num documento que deve existir — logo — para que procurar outros argumentos? Baldaque da Silva continúa: "Fazendo-se os geraes de SE. na estação considerada, muito para E., depois de passar a linha para o sul, e justificando-se o desvio para oeste unicamente por vantagem da navegação, tinha a frota aproveitado aquella circumstancia favoravel do alargamento do vento, para barlaventar na direcção do cabo da Boa Esperança, o que não fez, porquanto, arribou para o occidente em direcção opposta áquella que deveria seguir pretendendo simplesmente montar o cabo da Boa Esperança." (30) Este argumento está completamente no ar, porque nem Vasco da Gama nem Cabral seguiu a derrota que Baldaque suppõe.

Chegamos á ultima prova do nosso autor: "A unica objecção até hoje apresentada contra a existencia de instrucções verbaes ou confidenciaes para procurar terra a oeste, é a de que em relação a este descobrimento, nada explica o segredo que dellas se fez anteriormente, nem a falta de referencia posterior ; mas esta razão contradictoria carece de fundamento, encontrandó pelo contrario completa explicação na reserva que deveria haver nas explorações maritimas, desde que outras nações procuravam combater pela concorrência a notavel expansão de Portugal sobre o globo." (31)

Aqui muda o autor algum tanto a essencia da questão, pois não se objecta nada contra as instrucções nauticas, mas conjecturar o seu conteúdo não podemos. Quanto á reserva que Portugal observava até 1500, é argumento pesado contra o nosso autor; porque apenas d. Manuel recebeu a noticia do descobrimento, annunciou o fausto evento a todas as côrtes. E outro tanto prova a "falta de referencia posterior". Todos os historiadores dão como descobridor fortuito e afortunado Pedro Alvares Cabral, calando de qualquer viagem anterior: prova sufficiente que não houve descoberta anterior. Guardar segredo de se-

(29) L. c.

(30) Baldaque da Silva, l. c. p. 15.

(31) L. c.

melhante facto sem que nada transpirasse, era uma impossibilidade. (32)

Resta ao autor despachar a terceira proposição, o que faz com as palavras: "A terceira hypothese fica evidentemente prejudicada em face dos fundamentos que justificam a hypothese anterior." (33) Falar do proposito de procurar passagem para a India pelo caminho do occidente em 1500 é apenas um anachronismo. Feita a primeira exploração da costa brasileira, sim, começaram estas aspirações, executadas com feliz exito pelos Hespanhoes.

Temos no trabalho de Baldaque da Silva todos os argumentos que se podem proferir em abono da these e, como vimos, nem um unico resiste á critica. Temos para provar a these contraria o roteiro de Vasco da Gama, não attendido pela maior parte dos autores e mal entendido por Baldaque; temos a historiographia de tres seculos sem uma só voz que desafine; temos os progressos da geographia e historia que estão elucidando sempre mais os pontos escuros do periodo dos descobrimentos, sem ter dado uma sombra de luz para tal doutrina nova; temos finalmente uma explicação dos factos que não deixa duvida alguma em espirito despreoccupado e como é isto a tarefa do historiador, contentemo-nos com o resultado obtido. Toda a gloria da descoberta fica a Pedro Alvares Cabral e a Portugal e, se o acaso se ajuntou aos esforços gloriosos dos Portuguezes, o descobrimento do Brasil é sempre a recompensa honrosa da faina desta nação de achar o caminho da India. Tinham evitado os navegantes os temporaes da costa da Africa e, querendo escapar tambem ás calmarias não menos perigosas dos nossos mares, toparam com o Brasil.

(32) Cf. o que escrevemos nas Principaes representações cartographicas da costa brasileira, no Relatório do Gymnasio N.º S.º da Conceição em S. Leopoldo, 1909, p. 18.

(33) Baldaque, l. c. p. 16.

Invasão Paraguaya na fronteira brasileira do Uruguay (I)

Pelo Conego João Pedro Gay

(Continuação)

Pouco tempo depois que esta noticia chegou á villa de S. Borja, soube-se tambem que a guarnição paraguaya da villa de la Encarnacion (Itapua), povoação paraguaya mais proxima ás missões brasileiras, tinha sido reforçada.

Quasi ao mesmo tempo que tivemos noticias de que um exercito paraguayos tinha invadido nossa provincia de Matto-Grosso, soubemos que uma parte das forças paraguayas estacionadas na villa de Encarnacion, sobre a margem direita do rio Paraná, tinha passado para a margem esquerda deste grande rio. Soube-se logo que ahi havia um grande deposito de madeiras de construcção, e que muita gente delle se occupava em construir canoas e carretas. Todos os habitantes das missões brasileiras ficarão na persuação de que os paraguayos preparavam-se para transportar em carretas suas canoas sobre a margem do rio Uruguay, afim de o passar e de invadir a provincia do Rio Grande do Sul por S. Borja, a chave do Imperio por esta fronteira. Desde então a população desta villa principiou a se assustar.

Deu-se parte destes factos ao commandante superior da guarda nacional da comarca de S. Borja e commandante da fronteira; deu-se parte ao general-commandante da divisão encarregada de operar sobre o Uruguay, e portanto, da defesa do territorio fronteiro; deu-se parte ao presidente da provincia. Varios jornaes da provincia do Rio Grande do Sul e de outras partes não sómente reproduzirão a narração destes factos, como tambem de outros que se seguiram, *verbi gratia*, a entrada frequente de piquetes paraguayos consideraveis pelo territorio do departamento correntino de S. Thomé, seja em perseguição de desertores, seja para colher informações do que se passava em nossa fronteira de Missões; a avançada e acampamento de uma forte guarnição paraguaya no antigo povo de S. Carlos, nas pontas do rio Aguapehy, tido por limite do Paraguay e da provincia de Corrientes, etc. Porém todas as providencias que se tomarão para guarnecer e defender a fron-

teira de S. Borja, forão a de ordenar o presidente da provincia um recrutamento geral e extraordinario na comarca de S. Borja de todos os homens capazes de pegar em armas. Jamais houve recrutamento mais rigoroso, e com os homens que assim se reunirão se organisarão cinco corpos provisorios com a denominação n. 10, n. 11, n. 22, n. 23 e n. 28, (1) e uma secção de infantaria da guarda nacional que foi elevada a cathegoria de batalhão, denominado

(1) Esses corpos prestaram assignalados serviços durante a guerra, como se vê da seguinte summula que organisamos dos feitos de cada uma dessas unidades, durante o épico quinquennio, como homenagem aos heroicos soldados do glorioso municipio riograndense:

O 10.^o Corpo provisório de Cavallaria da Guarda Nacional tomou parte activa no combate do Butuhy, a 10 de junho de 1865. Pertencia então á 1.^a Brigada do Commando do coronel Antonio Fernandes Lima, que por sua vez era parte integrante da 1.^a Divisão, de que era commandante o brigadeiro David Canabarro. Assistiu á rendição de Uruguayana. Seguiu para o Uruguay com o 1.^o Corpo de Exercito fazendo parte da 16.^a Brigada, do commando do coronel Demetrio Ribeiro. Esta brigada pertencia á Divisão Andrade Neves (5.^a).

Pelejou distinctamente na 1.^a batalha de Tuyuty, sob as ordens immediatas do major Vasco do Nascimento Lima e fiscalisado pelo capitão Antonio Maria Pimentel. Fez parte da expedição á villa Pilar e teve papel saliente na tomada dessa villa, em setembro de 67, e bem assim no combate de Paré-Cuê, ferido a 3 de Outubro do mesmo anno, então sob o commando do tenente-coronel Hypolito Antonio Ribeiro.

Pela organização dada ao exercito em operações, em Dezembro de 67, passou, sob o commando do referido tenente-coronel, a fazer parte da 4.^a Brigada da 2.^a Divisão de Cavallaria.

Sob o commando do major Manoel dos Santos Carvalho de Menezes, tomou parte na batalha de Avahy. Combateu com heroismo em Lomas Valentinas, sob as ordens immediatas do tenente-coronel Urbano Rodrigues das Chagas. Em Novembro de 1869, passou a fazer parte das forças que sob o commando do brigadeiro José Auto da Silva Guimarães, passaram a operar no districto de Curuguaty. Em março de 1870 regressou ao Brasil.

O 11.^o Corpo provisório de Cavallaria da Guarda Nacional tomou tambem parte no combate do Butuhy, assistiu á rendição de Uruguayana e seguiu para o Paraguay, fazendo parte da brigada a que pertencia o 10.^o. Pelejou na batalha de Tuyuty, a 24 de maio de 1866; tomou parte na expedição á villa Pilar, em setembro de 1867, e em outubro do mesmo anno, sob o commando do tenente-coronel Manoel Rodrigues de Oliveira — o famoso **Manduca Rodrigues** — distinguu-se nos combates de Paré-Cuê, Tatagibá e Potrero Obelha, feridos, respectivamente, a 3, 21 e 29. Pela organização de Dezembro de 1867, passou, sob o commando do tenente-coronel Manoel Amaro Barbosa, a fazer parte da 4.^a Brigada de Cavallaria, da Divisão Andrade Neves. Tomou parte no ataque ao forte do Estabelecimento, em Fevereiro de 68, e nas batalhas de Avahy e de Lomas Valentinas, sob as ordens do major José Maria Guerreiro Victoria, por haver assumido o commando da brigada o seu commandante tenente-coronel Amaro Barbosa. Fez parte das expedições do brigadeiro Camara ao norte do Paraguay e pelejou em

n. 3. (2) sem contar o batalhão da reserva que também foi reunido. Estes corpos todos podiam dar um contingente de 2.500 homens, numero que nunca se achou simultaneamente reunido, tanto por causa das numerosas partidas que continuamente estavam occupadas a recrutar, como por causa das licenças que o commandante superior e os commandantes dos corpos concediam frequentemente aos guardas nacionaes reunidos. Sem embargo houve occasião em que se achavão nos acampamentos como 2.000 homens.

O acampamento geral desta guarda nacional que formava a primeira linha da divisão Canabarro foi collocado no Passo das Pedras, a umas doze ou treze leguas ao sul da villa de S. Borja, e como duas ou tres leguas acima da villa de Itaqui. Ahi acamparão ordinariamente os corpos ns. 10, 11, 22 e 23. O corpo n. 28 acampou na barranca do Uruguay em S. Matheus, como a cinco leguas ao norte de S. Borja, de que erão cortados pelo rio Camaquã e pela estiva. Só ficarão na villa duas companhias do batalhão da reserva, e no passo de S. Borja a secção de infantaria. Estas providencias erão pouco sufficientes para tranquilizar os animos dos Missioneiros.

Desde a época da conquista das Missões Orientaes por

Tupihum, onde muito contribuiu para a victoria das armas brasileiras, em impetuosa carga sobre a esquerda do inimigo. Em Novembro de 1869 passou a fazer parte das forças em operações em Curuguaty. Regressou ao Brasil em Março de 1870.

O 22.º Corpo provisório de Cavallaria da Guarda Nacional, sob o commando do tenente-coronel Tristão de Araujo Nobreia e fiscalizado pelo então major José Fernandes de Souza Docca, distinguuiu-se na defesa de S. Borja, em 10 de Junho de 65. Protegeu a retirada da familia samborgense e pelejou heroicamente no combate do Butuhy, a 26 do referido mez de junho. Assistiu á rendição de Uruguayana. Marchou para o Paraguay em abril de 67, fazendo parte da 6.ª Brigada da 1.ª Divisão do 3.º Corpo de Exercito, organizado pelo general Osorio. Combateu em Tatagibá, a 21 de Outubro, sob o commando do tenente-coronel Camillo de Oliveira Mello.

Pela organisasão de Dezembro, ainda de 67, passou, sob o commando do referido tenente-coronel Camillo, a fazer parte da 10.ª Brigada da 5.ª Divisão de Cavallaria do 3.º Corpo de Exercito. Regressou ao Brasil em março de 1870.

O 28.º Corpo provisório de Cavallaria da Guarda Nacional, como o 22.º, seguiu também para o Paraguay com o 3.º Corpo de Exercito e pela organisasão de Dezembro, ficou sem effectivo; seu pessoal foi distribuido pelos demais corpos.

(2) Cento e poucos homens. Esse pugillo de bravos, sob o commando do destemido major José Rodrigues Ramos, foi a primeira força brasileira que enfrentou a columna paraguaya, forte de 4.000 homens, por occasião da passagem do Uruguay, em 10 de junho de 1865.

Portugal até agora sempre as forças portuguezas e depois as brasileiras tinham acampado em S. Borja (3) e ao norte da mesma villa.

Assim foi nas guerras contra André Artigas (4) e assim parece que devia ser na guerra actual contra o Paraguay, que querendo invadir a provincia do Rio Grande do Sul devia por força entrar pelo municipio de S. Borja, por ser o mais perto e ser o caminho excellente. As tropas brasileiras para evitar a invasão deviam pois acampar na villa de S. Borja até o antigo povo de S. Nicoláo, cujos terrenos são mui sadios, e offerecem excellente proporção para esse fim. Porém foi escolhido para acampamento o Passo das Pedras, fóra do municipio de S. Borja, lugar aliás insalubre onde morrerão de typho certo numero de soldados. Por outro lado a mór parte da 1.^a divisão ligeira ao mando do brigadeiro Canabarro, incumbido de guardar a fronteira de Missões, foi acampada a umas 50 legoas de S. Borja, em Sant'Anna do Livramento. Estas disposições deixaram sempre em inquietação os moradores da villa e do municipio de S. Borja.

(3) E' a mais antiga cidade riograndense. Foi fundada em 1690, pelos jesuitas, com indios charruas, dos quaes na época da reconquista, em 1801, existiam sómente 1.300, que foram aos poucos emigrando até desaparecerem completamente em 1828, por occasião da incursão de Fructuoso Rivera, a quem acompanharam.

Assenta a referida cidade em uma pequena collina a $\frac{3}{4}$ de legoa da margem esquerda do Uruguay. Nos ultimos annos do XVIII seculo foi invadida por uma horda de indios minuanos que ahí commetteram depredações. Em 1816, a 21 de Setembro, foi sitiada por André Artigas, até 3 de Outubro seguinte, data em que o caudilho indigena foi derrotado pelo destemido e vigilante José de Abreu, mais tarde o glorioso e inclyto barão de Serro Largo. Foi S. Borja a terceira capital dos sete povos de missões e por muitos annos séde do commando da região missioneira; foi elevada a villa em 25 de maio de 1834 e a cidade em 21 de Dezembro de 1887. Ahí foi desferido um dois mais profundos golpes nas instituições monarchicas no Brasil, a 11 de Janeiro de 1888, com a consulta ao paiz sobre o terceiro reinado, feita e apresentada pelo então vereador municipal Apparicio Mariense da Silva e sustentada pelo vereador supplente Francisco Gonçalves Miranda, que tomando a palavra combateu com ardor e brilhantemente as idéas do presidente da Camara Julio Garcia Trois, que declarara não votar a favor da moção, por julgar que esta não era viavel, por ser contraria ás leis a que estavam sujeitos os vereadores.

Terminado o eloquente discurso de Francisco Miranda foi a moção posta em votação e em seguida approvada por maioria.

(4) Contra José Gervasio Artigas e não André que era tutelado do irrequieto e valoroso caudilho uruguayo. André, que nascera em S. Borja, era filho de uma india charrua. Seu primitivo nome era André Taquary. Juntamente com sua genitora emigrou para Santo Thomé, após a reconquista de 1801. Ahí foi educado por Artigas, de quem foi depois auxillar prestimoso.

Sem embargo, a tomada de Paysandú a 8 (5) de Janeiro ultimo aos **blancos** aliados dos Paraguayos pelo exercito brasileiro e pelas forças do general Flôres veio até certo ponto reanimar os habitantes de Missões, que tiveram esperança que depois da queda do grande e principal baluarte dos **blancos**, Montevideo não tardaria a succumbir, como aconteceu a 20 de Fevereiro, e que a esquadra e o exercito brasileiro subiriam immediatamente pelo rio Paraná para atacar em seu proprio terreno o despota Paraguay e assim nos veriamos livres da invasão paraguaya nesta fronteira do Rio Grande do Sul. Mas parece que as lindas cidades do magestoso Prata foram uma Capua para nosso exercito e para nossa esquadra, cuja sahida os jornaes annunciavam diariamente, mas que de lá nunca sahião. Póde ser tambem que essa demora de nossas forças no Rio da Prata tivesse sua origem nas ordens do gabinete de S. Christovão (6). Mas entretanto se preparava o golpe que devia arruinar esta fronteira do Rio Grande do Sul.

A' vista da inercia do governo brasileiro, o despota paraguay creou nova audacia, e não se contentando com haver devastado quasi toda a provincia brasileira de Matto Grosso, incitado talvez pelos ataques que lhe fazia a imprensa livre de Buenos Aires e do Brasil, elle investe inopinadamente a propria Confederação Argentina, declarando-lhe a guerra por um acto de selvagem pirataria, semelhante ao da tomada do nosso vapor **Marquez de Olinda**.

No dia 14 de Abril (quinta-feira Santa) a esquadra paraguayá se apresenta amigavelmente no porto da cidade de Corrientes, capital da provincia argentina desse nome, se apodera a traição dos vapores de guerra argentinos **Vinte Cinco de Mayo** e **Guauguay**, passa a degola suas tripulações e carrega com os dous navios. Pela manhã de 15 de Abril (sexta-feira Santa) enquanto o povo christão da capital de Corrientes chorava nas igrejas sobre a morte do Salvador do mundo, uma esquadra e um exercito paraguayos, que se dizião christãos, se apoderão da cidade inteiramente indefesa e sorprendida.

Souza Doca.

(5) Aliás, a 2, depois de uma homérica resistencia, durante 52 horas de porfiada e gigantesca lucta.

(6) Nem uma cousa nem outra. A causa principal, isto é, a unica, foi não termos exercito em condições de iniciar as operações de guerra.

Vocabulos tupis na geographia riograndense

BABERAQUÁ. — c. *bae-bera-quá*, buraco de cousas brilhantes. Serra — limita os municipios de Lavras e S. Gabriel.

No ultimo dos municipios referidos existe um serro com este nome.

BACCAVERÁ. — corr. *vacca-berá*, vacca luzidia. Coxilha no municipio de Julio de Castilhos.

BACOPARY ou melhor **BACUPARI.** — Parece termo tupi. Não lhe encontramos, porém, etymologia conveniente. Registramo-lo aqui com vista aos estudiosos.

E' nome de um arbusto brasileiro, pertencente á familia das guttíferas. E' medicinal. Ha tambem o bacupari do matto, que é uma arvore das florestas brasilicas e pertence á familia das sopotaceas.

No Rio Grande do Sul existem dois lugares com o nome de Bacupari, sendo um no municipio de Conceição do Arroio e o outro no de Montenegro.

BAGÉ — corr. *pagé*, o feiticheiro, o solitario. Nome de um dos mais importantes municipios da região fronteira, cuja séde é na bella cidade do mesmo nome e que occupa entre as cidades riograndenses, o quarto lugar, não só pela sua população como pelo seu progresso e belleza. E' banhada por um arroio do mesmo nome, tributario do Pirahy. Ainda com a referida denominação existe junto á mencionada cidade um serro.

BAIQUAY — corr. *bae-quay*, o que governa, o que manda.

Arroio, affluente do Guarahy; nasce na serra geral.

BATOVY — corr. *yba-t-oby*, a fructa verde ou de *ybatyb-y*, alterado para *ubatub-y*, o rio de pomar, segundo Th. Sampaio.

Serro no municipio de S. Gabriel; é a maior elevação existente nesse municipio. E' tambem o nome de uma serra que passa pelo citado municipio e pelo de Lavras, na direcção geral de O. NO.

Existiu, ainda no municipio de S. Gabriel, uma grande fazenda com esse nome.

No rio Ibicuhy, ligando os municipios de Alegrete e S. Francisco de Assis, existe um passo denominado Batovy.

BERIVA — alt. de biriba, que é por sua vez corr. de **mbirib**, curto, breve, alludindo a um cacete usado na Bahia.

No Rio Grande do Sul são alcunhados berivas, os habitantes de cima da serra e os paulistas. Significa também homem desconfiado, matuto; pessoa exagerada em seus melindres, muito desconfiada.

E' nome de uma arvore do Brasil, das anonáceas, abundante na região serrana rio-grandense e nas grandes matas paulistas.

Com aquelle nome existem no Rio Grande do Sul 3 arroios, sendo um, affluente do Rio Pardo, no municipio de Santa Cruz; outro, tributario do Ibicuihy, no municipio de Santa Maria, e o outro no municipio de Guaporé, onde existem, com a mesma denominação, um lugar e um serro.

BIBOCA — corr. **yby-boc**, terra ou chão fendido, rasgado, segundo B. Rohan e Th. Sampaio. Buraco feito pelas enxurradas.

Nome de um lugar no municipio de Cacimbinhas e de um arroio, tributario do Lagoão, no municipio da Soledade.

BIGUÁS — corr. **py-goá**, o pé redondo; ave palmipede do Brasil.

Nome de uma cachoeira e de uma ilha no rio Uruguay e de um arroio tributario do mencionado rio, tudo no municipio de Santo Angelo.

BITUCA — corr. **ybytu-caá**, vento ou aragem do matto.

Nome de um porto no rio Cahy, no municipio de Triunpho.

BOI-GUASSÚ — corr. **mboy-guaçú**, cobra veado ou cobra grande, serpente, se tomarmos guaçu, como adjectivo. Nome de uma sanga no municipio de Alegrete.

BOSSOROCA — corr. **yby-soroca**, terra fendida ou rasgada — Th. Sampaio.

Nome de uma sanga, um rincão e um passo, no municipio de S. Sepé.

BOTUCARAHY ou melhor **BUTUCARAHY** — corr. **Ybyty-caray**, o monte santo, o monte sagrado, segundo Th. Sampaio. Serra nos municipios de Rio Pardo, Cachoeira e Soledade. Serro no municipio de S. Gabriel, onde residu o celebre monge José Maria de Agostine, que depois se transportou para o Campestre. Também com a mesma designação existiu uma lagoa no municipio de Cachoeira e um rio tributario do Jacuihy e que nasce na serra de Bu-

tucaray, no municipio da Soledade. Esse rio serve de divisa entre o municipio de Cachoeira e o de Rio Pardo, desde a barra do arroio Bonito, cujas aguas recebe, até a estrada geral.

BUJURÚ — corr. ybú-jurú, a bocca da fonte, segundo Th. Sampaio, ou boyá jurú, bocca da cobra, segundo Martins.

Distrito, povoação, arroio e lagoa, no municipio de S. José do Norte. Ponta e pharol na lagoa dos Patos, aos 31.º 4' da Lat. S. e aos 51.º 14' 40" de Long. O. GW., em frente á barra do rio Camaquan.

BURATY — alt. de Burity. Arroio, cascata e linha colonial, no municipio de Bento Gonçalves. O arroio, que tambem é conhecido por Buraté, desagua no rio das Antas.

BURITY — corr. mbiriti, especie de palmeira do Brasil. Nome de um arroio affluente do Commandahy, no municipio de S. Sepé; passo no Vaccacahy e varzea, tambem em S. Sepé. Rincão na Encruzilhada e lugar em Santa Cruz.

BUTIÁ — corr. mbutiá, especie de côco pequeno.

Nome de cinco arroios; sendo um tributario do Jaguarão, no municipio do Herval; outro, que desagua no rio dos Sinos e que serve de divisa entre os municipios de S. Leopoldo e Taquara; outro, no municipio de S. Jeronymo; outro, affluente do Jacuhy, na Soledade, e outro, tributario do Passo Fundo, no municipio deste nome.

Ainda com aquella denominação existem 3 lugares, sendo um em Santo Angelo, outro em Soledade e o outro em Passo Fundo, e 3 serros nos municipios de Gravatahy, Herval e S. Jeronymo. Ainda neste ultimo municipio existem com aquelle nome e a 27 kilometros da villa, importantes minas de carvão.

No municipio de Gravatahy, tambem com o nome de Butiá, existe um passo.

BUTUHY — corr. Ybitú-y, rio do vento, segundo Alfredo de Carvalho. O conego Gay o dá como c. de botú-y, que elle traduz — rio da mutuca miuda.

Nome de um rio tributario do Uruguay; nasce na serra de Iguariaçá e serve de divisa, em toda sua extensão, entre os municipios de S. Borja e Itaquí.

Cachoeira do Uruguay e ilha no mesmo rio, no municipio de Itaquí.

PORANDÚBA' ⁽¹⁾ RIOGRANDENSE

ou

Investigações sobre as origens do Estado de São Pedro do Rio Grande do Sul

Houve tempo, chamado prehistorico, em que, dizem, que por mui antigos e talvez os seus primeiros habitantes, o Brazil foi denominado "**Arabutan**"; que, porém, como bem observa João Mendes de Almeida 2), é pouco provavel que os indigenas, divididos em tantas nações e tribus, podessem comprehender sob aquelle nome o immenso territorio, que passou a denominar-se Brasil. Certo é que por algum tempo a actual região Riograndense figurava como parte das colonias hespanholas ou do Paraguay e que esta foi sua primeira existencia historica.

O meio mais seguro para chegar ao conhecimento das origens deste Estado será estudar os mappas mais antigos desta terra. Felizmente ha poucos annos se concluiu o litigio entre as duas Republicas Brasileira e Argentina, tão victoriosamente ganho por nosso Ministro Plenipotenciario o Barão do Rio Branco. Nessa occasião imprimiram-se facsimiles dos mappas originaes, cujo estudo nos proporciona a vantagem de fornecer com maior ou menor exactidão uma idéa do primitivo S. Pedro do Rio Grande, das variações por que tem passado e de como se foi formando o actual.

1) Pergunta, inquirição; noticia, relação etc. etc. (do verbo tupi *morandub*, por = o que ha ou por = pero prepos. *endúb* escutar, ou *andúb* sentir; v. trans. perguntar, inquerir).

2) *Notas Genealogicas*, São Paulo, 1886, pag. 38. O mesmo se pôde dizer do nome "*Pindorama*" — região das palmeiras; pois Couto de Magalhães nos não indica a fonte ou a base historica em que se fundou para consideal-o nome indigena do Brasil. Cf. 7.^a Conferenc. para o Tricenten. de Anchieta.

1.ª PARTE

Proponho, pois, fazer uma succinta descripção dos

I. Primeiros Mappas

para em seguida dar uma revista das transformações mais notaveis.

A primeira carta geographica e para nós a mais valiosa é aquella que os missionarios da Companhia de Jesus no Paraguay dedicaram ao R. P. Vicente Carrafa, Geral da mesma Companhia desde 1645 até 1649. Póde-se suppôr que ella foi desenhada entre os annos de 1637 e 1641, porque encontramos nella a missão de Assuncion, que existiu até 1637 sobre o rio Acaraguá ou Acarana, affluente do rio Uruguay. Tenho deante de mim o "Fac-Simile do primeiro mappa do Paraguay, levantado pelos jesuitas dessa provincia, offerecido ao R. P. Vicente Carrafa, então Geral da Companhia de Jesus (1646—49) e publicado no atlas de Blaeu. Não está declarado qual o primeiro meridiano, mas comparando esta carta com a seguinte no atlas do Brasil, vê-se que os grãos de longitude são contados do Recife, de Pernambuco ou de Mauritzstadt, então capital do Brasil hollandez." O primitivo e simples titulo é: "Paragvaria vulgo Paraqvay cum adjacentibus." Embaixo se encontra uma bella dedicação em disticos latinos, que começa assim: "En sistit se prima Tibi Paraquaria,... 3). Sendo mui importante para nosso fim este mappa, não será fóra de proposito citar a opinião do Ill.^{mo} Barão do Rio Branco: "E' muito valioso e o melhor dos mappas dos Jesuitas para o estudo da historia das Missões no XVII século... e muito interessante pela abundancia de informações geographicas que apresenta pela primeira vez, in-

3) A integra da dedicação reza:

Adm. Rdo. P. Nro.

P. VINCENTIO GARRAFA,

Præposito Grall Soc.tis Jesu

"En sistit se prima Tibi Paraquaria, terrarum

Ultima, ne posthac non tibi prima fiet,

Hic Montes, Silvæque, amnesque et inertia camporum

Aequora, vix domito late habitata gregi

Quos Tua Progenies, viden? In diversa reductos

Primum homines, post hoc conducet esse Deum

Si Coelo hæc mollire inculta novalia cordi est,

Qui subigant, lectos huc age mille tuos."

dicando todos os grandes traços de boa parte do interior da America do Sul. Humboldt disse muito bem, fallando especialmente da America nos seculos XVII e XVIII: "The Missionaries were then the only geographers of the most inland parts of continents." 4).

A' maneira dos antigos mappas traz as montanhas indicadas por pequenos cômodos e as mattas por grupos de arvôres, as habitações dos indigenas por cabanas, as dos colonos, conforme sua categoria de cidades, villas, reduções, ou as taperas dellas por signaes ás vezes assaz complicados. O Oceano Atlantico figura ainda como Mar do Norte, insinuado por umas possantes náos. Os limites do Brasil parecem recuados até perto de Santos e lá se lê: "Brasiliae Pars."

Procurando agora a região que corresponde ao hodierno S. Pedro, devemos olhar duas e tres vezes até encontrar um ponto de apoio ou um ponto conhecido para orientação e entendimento do desconhecido. Na costa descobrem-se em letra mul fina e modesta, quasi como inscripção na entrada "P. S. Pedro", sem duvida: "Porto de S. Pedro". Não é este mappa quasi a certidão de baptismo do nosso guarda-portão, de quem o nosso paiz é afilhado! Veremos por que tarde e só depois de obter tão poderoso padrinho o nosso Riogrande entrou na communhão das outras capitánias do Brasil colonial. E como para constar a verdadeira identidade, encontramos no mesmo baptisterio tambem o nome de Rio Grande, designando um rio de curso longo e quasi septentrional. Que não foi superfluo, primeiro antes de entrar, averiguar a identidade do primitivo com o nosso hodierno paiz, logo veremos dando uns passos adiante. Abstrahindo de collocar o mappa Carrafa a Barra do Rio Grande aproximadamente um gráo demais ao Norte, achamo-nos aqui no Paraguay. Parallelo e ao N. do dito Rio Grande, encontra-se um pequeno rio, de nome "Taramanda". Os affluentes do Rio Grande são todos da esquerda o primeiro é rio Caii, outro rio Curuayarei o seguinte rio Tébliquari, este muito grande e desce quasi a prumo do Norte e tem dois tributarios, um da esquerda, denominado Mboapiari e outro mais ao Norte

4) Exposição, que os Est. Un. do Brasil apresentam ao Presidente dos E. U. da America como árbitro. Vol. 2, pag. 119.

Concorda Andres Lamas, *Conquista del Paraguay*, p. LVI: "El primer mapa especial de estos paizes de que se tiene conocimiento, y que ya daba Idea aproximada de la configuracion esterna del territorio y de sus principales accidentes orográficos e hidrográficos, es el que levantaron los Jesuitas y dedicaron al P. Vicente Carrafa..."

e da direita, chamado Mbocariray. Ao Norte da bocca do Tibiquari, o Rio Grande tem o nome de Yguay, que por sua vez tem por tributario o rio Jequi. A' margem direita e esquerda deste se veem diversos nomes de localidades ou missões, como S. Christóbal, S. Anna, S. Joaquim, Jesus Maria, e bem ao Norte — S. Threza. Não longe d'aqui para o rumo Oeste nas cabeceiras d'um rio Ybicuiti, lemos os nomes S. Cos. Damian, Natividad, S. Miguel, S. Joseph, S. Thomé. Este rio Ybicuiti desembocca no rio Uruguay, em frente de uma missão denominada Los Reys del Yapeiu. D'aqui para o Norte lemos os nomes conhecidos das sete Missões e mais alguns como S. Xavier, Candelaria, Martyres, Apostoles etc. E eis quasi tudo e tudo quasi desconhecido. Mas onde fica a grande Lagôa dos Patos, a maior do Brasil; onde a Lagôa Mirim, que não é tão **mirim** como se diz? Confesso que fiquei admirado por não encontrar nem uma nem a outra no primeiro, primitivo mappa do Rio Grande. Só encontro entre os nomes que indicam as habitações das tribus Indias, tambem o "Los Patos" e estes no tereno que corresponde mais ou menos ao hodierno Estado de S. Catharina. O alto Uruguay devia ter sido pouco explorado n'aquelle tempo, porque inda não apparece nelle o Salto Grande.

O 2.º mappa de que traz a "Exposição" um Fac-simile é tambem o 2.º das Jesuitas, o de 1722, dedicado ao Padre Ceral Michelangelo Tamburini. Diz o titulo e a dedicatória que a Provincia da Companhia de Jesus no Paraguay offerece e dedica ao M. Rev. P. Geral este mappa: *Hanc terrarum filiorum suorum sudore et sanguine excultarum e rigatarum tabulam*"; em vernaculo: "onde estão representadas terras que tem sido cultivadas e regadas com o suor e o sangue de seus filhos."

Uma descripção rapida e resumida fornecem uns disticos em latim que começam: "*Hoc quodcunque vides, qua se latissima*" etc. 5) e que dizem:

-
- 5) *Hoc quodcunque vides, quo se latissima tellus
Explicat, et vasta flumina mole ruunt.
Est latus Americae tellus ubi vergit ad Austrum
quam fera gens toto corpore nuda colit.
Oppida pauca tenent Hispano sanguine nati
et qui barbariem dedidicere suam.
Heroum sacro terra hæc calefacta cruore
sentit aratori numen inesse suo.
subdidit et Christi barbara colla jugo,
Induit humanos sensim gens effera mores
Sed quanto steterit cultura cruore novalis
asidua, exemplis picta tabella docet.*

"E' esta a terra espaçosa da America do Sul, onde caudalosos rios arremessam suas volumosas massas; lá onde habita um povo feroz e inteiramente nú. As poucas cidades são habituadas por oriundos de sangue espanhol (creoulos). Pouco a pouco os selvagens revestem-se de costumes humanos e sujeitam a nuca ao jugo de Christo. Mas quanto sangue de heróis custou a cultura continua desta nova terra, ensina este mappa."

E, na verdade, percorrendo-o um pouco, certas regiões fazem lembrar o sangue dos martyres, a semente de christãos. Muito ao Norte lemos: ✚ Hic occisus est V. P. Lucas, a Barbaris in odium fidei. (Aqui foi morto pelas mãos dos selvagens o Vener. P. Lucas como martyr da fé). Outro letrado reza: ✚ Hic occisus est F. Albertus Romero in expeditione Samucarum infidelium. Vêm-se diversos X, indices de estações ou reduções e villas destruidas ou tapéras.

Não se deve passar em silencio a descripção graciosa da embocadura do rio Pilcomayo no rio Paraguay; antes de lançar-se neste se divide em dois braços — quibus amplectitur Paraguay Fl.: "Os dous braços do rio Pilcomayo com que dá o seu amplexo ao rio Paraguay 6)".

A parte que corresponde ao hodierno Rio Grande não parece trabalhada com tanto cuidado como o resto. Não se avistam tantos rios como na carta anterior; os nomes das reduções dos missionarios tambem desappareceram nem deixam-se ver os fataes X, indices de tapéras.

Em compensação destas faltas, talvez devidas aos esforços de trazer só cousas certas, temos de notar alguns progressos, p. ex. a exploração do Alto-Uruguay, onde se deixam ver os affluentes da esquerda, o Uruguay-miri e o Uruguay-pitá e entre elles o Salto. Para a "questão de limites", foi de importancia decisiva o apparecimento que fez a primeira vez o Salto Grande do Uruguay. A confusão e as duvidas nasceram dos rios que tinham o mesmo

6) Com o correr do tempo o Pilcomayo viu coroada a sua hospitalidade com uma grande honra; a propria capital do Paraguay nasceu-lhe deste abraço ou antes reclinou-se nestes braços á cidade de Assuncion. E parece que sabia bem o que fazia; pois o dito rio tem mais outro nome ou título honroso, o de Araguay, que quer dizer; "rio de entendimento", particularmente porque se precisa de muito, para se poder navegar-o e não perder-se nas labyrinthicas voltas e nas lagoas extensas das suas margens. Cf. Lozano, *Conquista del Rio de la Plata* I, p. 120.

E' tão celebre este rio, segundo o citado autor, que anda rodeado de lendas, como é a de ter dado ao Rio de la Plata a prata, donde tomou depois o seu nome actual.

nome e de posição diversa. E' facil confundir rios, transferir de uns para outros o mesmo nome — escreveu o Plenipotenciario — 7); mas Salto Grande só ha um em todo o curso do Alto-Uruguay, e por isso ponto de referencia seguro e incontestavel.

O rio Ygay (Jacuhy) já corre de O. a E., formando quasi um angulo recto com o seu curso septentrional, mas o continúa sob o nome de Rio Grande, e tem um unico affluente denominado o Tebiquari.

Faz a sua primeira apparição a Lagôa dos Patos, mais um pouco ao Norte do hodierno Guahyba e sem communicação com elle, mas sim com o Atlantico e na parte septentrional da mesma lagôa.

O 3.º mappa é uma copia do segundo. A unica cousa que ha a notar é a delineação dos caminhos que servião para communicação das diversas reduções. Conforme este a mais antiga estrada no Rio Grande é a que parte de S. Domingos das Torres ou antes de S. Antonio da Patrulha e busca a Vaccaria. Por baixo do mappa lemos: "Facsimile reduzido da primeira edição allemã, gravada em Augsburgo por Matheus Seutter, do mappa do Paraguay, em 1726 pelos Jesuitas. Data, segundo o catalogo do Museu Britanico, 1730".

Outro mappa de 1732 foi dedicado ao P. Geral Francisco Retz. Mais uns tumulos apparecem aqui e lemos duas vezes: "Hic occisi fuere" (aqui foram martyrisados) — seguem-se os nomes de diversos missionarios que trazem a memoria as palavras da dedicatoria: "terras regadas com o suor e o sangue dos filhos da Companhia de Jesus."

Procuerei mais um tumulo o d'aquelle missionario que primeiro explorou o nosso Rio Grande, é o Ven. P. Roque Gonzales da Cruz, o proto-martyr da Igreja rio-grandense, nascido de uma das mais importantes familias do Paraguay, cunhado do governador Sáavedra. Depois de entrar na Companhia de Jesus fundou o primeiro povo das Sete Missões Orientaes, S. Nicoláu, entre os rios Ijuhy e Piratyni. Penetrou em 1627 pelas serras dos Tapes e chegou até o Jacuhy. No dia 13 de Agosto de 1628 fundou com o P. Castilho uma capella de Assumpção, perto de S. Nicoláo, onde o P. Castilho foi martyrisado no mesmo anno.

Outro mappa (o 5.º da "Exposição"), copiado do das "Lettres édifiantes" e reduzido pelo geographo D'Anville. N'elle encontramos "Lagoa dos Patos" ao Norte do rio Araraúguá, por consequente no territorio de S. Catharina.

Distingue-se por muitas cruzeiras grandes e pequenas, e as notas dizem, que as grandes significam villas e as pequenas missões destruídas, e assim certos trechos se parecem com cemitérios.

N'uma segunda carta do mesmo autor, de 1748, apparece pela vez primeira a lagôa de Mirim, ligada por um canal de nome "Turerutama", com o Rio Grande. Uma lagôa dos Patos deixa-se ainda vêr ao Norte do rio Araranguá entre o 30° e 29° gráo de Lat. Mer.

No mappa chamado "das Côrtes" de 1749 figura o hodierno Jacuhy como rio Iguaçu e a Lagôa dos Patos 8) occupa a primeira vez sua posição actual, mas sob a denominação de Rio Grande de S. Pedro. Outrossim assomam a primeira vez as Torres e junto o nome de Ibetuba no lugar onde hoje desagua o Mampituba.

Num "Plano de la Capitanía General de las tres Provincias do Rio de la Plata, Paraguay, Tucuman, por Millau y Maraval, o territorio do nosso paiz está muito reduzido, a saber a uma facha estreita que acompanha a parte occidental da Lagôa dos Patos até a bocca do rio "Teababua", que nos posteriores tem o nome de "Icavacua" (Millau, 1770) e Cavacuan (Olmedilla, 1775) e desembocca em frente de Viamão, buscando de lá o rio Grande (o hodierno Jacuhy) e seguindo a elle no rumo norte até encontrar o Alto-Uruguay. Daqui se pôde fazer uma idéa do nosso territorio de então, restringido approximadamente á Vaccaria. Isso em 1768.

Ao norte do Viamão vê-se um Forte de S. Cayetano. Olhando para o territorio hespanhol vemos ás duas margens do Ibicuihy diversas estancias e capellas; de S. Nicoláu (pueblo nuevo), de la Concepcion, de S. Angel, de S. Thomé, de S. Miguel (pueblo nuevo), S. Catalina. Entre o rio Grande (hod. Jacuhy) e o rio Teababua (hod. Camaquam) podem-se ler os nomes: Hierbales de S. Borja, Estancias de S. Lourenzo, de S. Juan, de S. Xavier e a capella de S. Tecla. S. Amaro sobre o rio Grande apparece como Fuerte do mesmo nome e na barra do rio Pardo se lê Fuerte de Jesus Maria.

N'um mappa sem data está inscripto no padrão junto ao titulo: Sub Fernando VI, Rege catolico; este morreu em 1760.

8) Em um mappa por Willem J. Blaew † 1638 encontra-se ao O. d'um lago que mais ou menos corresponde á hodierna Lagoa dos Patos uma serra que figura sob o nome de "Sierra dos Patos". Talvez que posteriormente a lagôa recebesse emprestado o seu nome da antiga serra.

O que podemos n'elle colher para nosso paiz é o seguinte: A primeira vez faz sua entrada o R. Guayba significando o R. Jacuhy desde a barra do Rio Pardo; e o R. Jacuhy lança-se a 1.^a vez com este nome no Guayba, outrossim os rios Pardo e Taquary.

N'um lugar bem conhecido se lê "Biamon" e ao sul do Alto-Uruguay: "Uaqueria Destruída".

Não podemos deixar de mencinoar o "soberbo Mapa Geografico de America Meridional, levantado pelo cosmographo regio D. Juan de la Cruz Cano y Olmedilla em 1775, documento preciosissimo, pois irrecusavel, no litigio de fronteiras com a Republica Argentina"... 9). Com este mappa na mão fez Humboldt suas viagens nas regiões equinoxiaes da America. "O exemplar do mappa de Olmedilla que Humboldt tinha durante as suas viagens na America, está exposto no salão de honra da American Geographical Society em New-York" 10). Nelle figura Rio Grande como Ciudad del Rio Gr. de S. Pedro 11). Onde entra o moderno S. Gonçalo (este nome appareceu a 1.^a vez na carta de Mil-lau de 1770) na "Laguna grande de los Patos ou Rio Gr. de S. Pedro" acha-se o "Rincon de Turoretama" ao N. do "Pueblo Nuevo". Perto está o nome "F. (Fuerte) de S. Gonzalo", cujo signal, porém, nem por meio de lente se pôde encherger. O canal que liga as duas lagôas corre aqui sob o nome de "Desaguadero".

Uma lagôa estreita estende-se, parallela á Mirim e á costa proxima, sob o nome de L. de Samarumbú (onde está hoje a Lag. da Mangueira). — Lê-se mais **El Abardon**; entre o extremo septentrional da lagôa de Samarumbú e a Mirim acha-se um F. Taity e ao N. deste e ao Sul do Pueblo Nuevo uma lagôa pequena, denominada Callua.

A physionomia deste mappa já está se approximando á dos nossos modernos. Lemos os nomes Mostardas, Charqueada, Palmares. Na enseada de Ibpetuba corre a 1.^a vez o rio Mampituba. De lá para o N. no Estado hodierno de S. Catharina se lê: P.^{cia}ô Capitania del Rey.

Descobrem-se entre os rios o do Cahy, o Rio dos Sinos, mas pequenissimo até o Garabatahy (Gravatahy). Sin-

9) **Annaes da Bib. Nac.** vol. XIX. Resumo hist. p. 226.

10) **Exposição.** Vol. II, p. 180. Na parte inferior da moldura, lê-se: "The Map used by Humboldt in exploring South-America, with his autograph."

11) Desde 1761 continuou a cidade do Rio Grande a ser **ciudad hespanhola** até 1776, quando um militar allemão o coronel Boehm, empregado em serviço brasileiro, bateu os hespanhões.

gular é o apparecimento de novo e grande rio, a que se não pôde dar collocação no hodierno mappa. Acha-se entre o Cahy e o Teviquari, que por sua vez é degradado a tributario d'um R. Mboapiari. O autor parece laborar na confusão de diversos mappas, pois traz também duas Vaccarias: uma oriental, outra occidental. O trecho do Jacuhy de rumo meridional, que ainda conserva o antigo nome de Igay, aqui também tem o nome moderno de Jacuhy e da barra do R. Pardo até a L. de Viamão estende-se o Guayba, nome que ainda não fez seu apparecimento.

Ao Sul do Alto-Uruguay, onde se chama Goyo-En, lemos: "Sitio de las veinte mil Bacas". Veremos depois, porque realcei este ponto. Atravez do territorio Rio-Grandense, lê-se em letras grandes:

P. CIA. Ó G. NO DE BUENOS AYRES.

Vamos concluir este estudo de cartas com a menção d'um pequeno mappa manuscripto, copia do original que se acha no Deposito Hydrographico de Madrid, construido pelo já citado autor Milláu em 1770.

O título é: "Mapa que demuestra una parte de la provincia de el Río de la Plata, con algunas tierras y Pueblos de los Indios Guaranis, el terreno que poseen los Portugueses con sus Poblaciones de Viamon, Rio Pardo y Vagueria y una linea divisoria que separa sus terminos."

Comparando este com o primeiro mappa do mesmo autor observamos algumas mudanças introduzidas passados apenas dois annos. Lá no 1.º onde lemos R. Grande, topamos aqui a 1.ª vez com o nome de Jacuhy, distingue-se, porém, da parte que toma o rumo meridional que continúa sob o nome antigo de Igay 12). A 1.ª vez apparece o nome de S. Gonzalo, para substituir o antigo de Turetama para significar o canal entre as Lagôas Mirim e dos Patos; esta ultima é denominada "Laguna Grande" e a lagôa estreita, parallelá á Mirim, que o autor no seu 1.º mappa deixou sem denominação e Olmedilla apellidou de Lagôa de Samarumbú, figura neste sob a alcunha de L. dos Patos.

O Fuerte de S. Cayetano apparece outra vez ao S. de Viamão. Ao N. da povoação de S. Pedro, no lugar do moderno S. José do Norte, lemos: "Poblacion nueva de los Portuguezes."

Feita assim esta descripção para ter-se uma base solida

12) Este nome conserva-se ainda n'um tributario do Jacuhy que tem suas cabeceiras ao S. é E. da cidade de Cruz Alta.

de estudo e comparação dos primeiros mappas que tratam do R. Gr. do Sul, podemos proceder á exposição das nossas conclusões e resultados de nossas indagações.

II.

Abriremos esta 2.^a parte da nossa discussão com uma pergunta que a todos que estudarem as origens do nosso paiz, se deve apresentar: Porque S. Pedro do Rio Gr. foi tão tarde (conhecido) explorado e cultivado? Ao tempo em que entrou como parte organica no todo do Brazil, as outras capitánias ou provincias, já tinham percorrido um grande passado historico. Esta retardação, digamol-o de passagem, não o impediu de estar hoje ao lado das outras como uma das mais importantes, não só por sua posição estrategica, como tambem por seu valor e importancia intrinseca e absoluta. Qual foi porém a causa deste retardamento? O visconde de S. Leopoldo dá a seguinte: "Os riscos da entrada no porto de S. Pedro e a esparcejada costa sem abrigo nem surgidouro foram, sem duvida, os obstaculos que por tanto tempo retardaram fundações nestas planicies. 13)

E' por certo uma explicação que vem ao caso; mas, ao que parece, só parcial; seria sufficiente e total, suppondo-se que não houvesse outros meios e caminhos de acesso.

A esta supposição oppõem-se, porém, as entradas dos Jesuitas do Oeste como as correrias dos Paulistas de Leste, que cruzaram de ambos os lados muito cedo esta região, e n'um mappa de 1726 vimos delineada uma estrada que, sahindo da Colonia do Sacramento, passando perto da embocadura do Taquary, e subindo as alturas da Vaccaria busca a capitania de S. Paulo. Taes estradas supõem já muito tempo de existencia de commercio. Entre os impedimentos da colonisação não devem figurar em ultimo lugar a existencia de umas tribus ferozes, como particularmente a dos Charruas, de que foi victima o celebre navegador Solis e muitos outros. Mas o impedimento maior e que, como parece, podia só por si tudo explicar, era a posição deste paiz e a circumstancia que o fez por tanto tempo pomo de discórdia entre as duas nações que repartiram entre si a America do Sul. Sendo assim um canto disputado, duvidoso e como tal descurado, era naturalmente

13) Annaes da Provincia de S. Pedro, pag. 33.

pouco apto para fundações e colonisação, uma verdadeira campanha em que os ardores da guerra decidem da sorte das nações e paizes 14).

a) Diversas denominações geraes e particulares do Rio Grande.

Si agora passamos a tratar de como concretizou-se e chegou ao corpo actual o terreno Riograndense não é destituído de interesse o simples facto de ter tido diversos nomes que não é menos significativo para a historia. O nome mais antigo é o de **Paraguay**, de que faz parte, e sendo este então do dominio hespanhol, logo se vê, como este lhe imprimiu algum cunho ou physionomia propria, que o distingue das mais partes do Brasil, por exemplo pelo idioma chamado hispano-americano, de que herdamos muitos vocabulos e estes energicos e expressivos. Como parte do Paraguay encontra-se tambem no mappa de Seuter o de **Uruguay** ou **Uruguay**, comprehendendo por este nome quasi o hodierno estado do Rio Grande, lembrando aquelle possante rio, em cujo abraço se reclina á grande Republica Brasiliense.

Provincia do Governo do Prata ou tambem de **Buenos-Ayres** foi outro nome, que recebêra em 1620, quando se separou do Paraguay o Governo do Prata com a séde em Buenos-Ayres 15).

Passando para o dominio portuguez foi denominado **São Pedro do Rio Grande**. Sabemos que já muito antes gozava o porto deste nome e que depois do porto passou ao paiz.

Outro nome talvez mais antigo é o de **Tierra dos Tappes**, como vem tambem no mappa de d'Anville de 1748. O vocabulo **Tappe** quer dizer arraial grande. "Com effeito era devêras um povo muito grande e pela terra inteira corre a fama do povo de Tape" 16).

Conforme Southey 17), descrevem-no os jesuitas como ornado de todas as bellezas imaginaveis, de valles e mon-

14) O Dr. Zimmermann, *As Colonias Europeas*, Berlin, 1896, I, pag. 163, entende que os portuguezes descuraram o Rio Grande por causa do seu clima temperado, improprio para o cultivo de vegetaes tropicaes.

15) Southey, *Historia do Brasil*, III, 391—392.

16) *Conquista Espirit.* de Montoya, *Bibl. Nac.* (t. VI, p. 336). Nota aqui Nogueira, no seu *Vocabulario da lingua guarany*, que para dizer arraial ou aldeia grande, deve ser contracção de tapeguar ou algum outro.

17) Southey, *Historia do Brasil*, III, pag. 391—92.

O Padre Lozano, citando a Ruiz de Montoya, dá-lhe quasi as mesmas qualidades. Cf. Andres Lamas, *Conquista del Paraguay*, t. I. p. 12.

Nomes do Rio Grande

tes, debaixo d'um clima criador, districto montanhoso que limita pelo O. a provincia do Paraguay, extendendo-se por umas duzentas leguas para L. e O.

Viviam (os Tappes) em populosas aldeias, sendo tão numerosas, que Tappe se tornou nas reduções nome generico como o de Guarani, comprehendidas nelle todas as subdivisões. Não é preciso lembrar que a serra que hoje tem este nome, não é identica ou congruente com aquelle antigo territorio. O celebre historiador traz como habitante da Tierra dos Tapes um animal de qualidades e nome um tanto enigmaticos: "neste paiz... vive um amphibio feroz, chamado **Ao**, um pouco parecido com a ovelha na figura, mais voraz, porém, do que um tigre, e com não menos formidaveis prezas e garras quando um indio para escapar a algum, trepa a uma arvore, o animal o espera debaixo com paciencia, até que a preza caia exausta, ou reune com seus berros outros da mesma especie que quaes castores se põem a roer o tronco. Este "ao" suppõem elles que seja o famacosio dos primeiros naturalistas." Si isto é verdade, então pôde-se suppor que transmigrou este animal para o outro lado do Uruguay; pois hoje vive um famacosio no Paraguay, quadrupede do genero gato (***felis famacosius***), que dizem ser do tamanho de um cão de gado, não ter cauda e a cabeça assemelha-se á do tigre. Ou si algum dia existio este amphibio, não passou para o escuro dominio dos fosseis? Continuando a fallar d'um passarinho branco, chamado **sineiro**, por semelhar a sua voz ao toque d'um sino, logo conhecemos que é o nosso **ferreiro** ou araponga, porque a nós se parece o seu canto com o som de martello a dar na bigorna ou o som d'uma lima afiando a serra. Tambem os dois vegetaes que menciona, são conhecidos nossos: uma especie de palmeira rasteira, de cujas fibras se faz um fio fino como seda; não é o nosso **tucum**, de cujos filamentos fazem os caboclos aquelles admirados tecidos? E uma arvore chamada **escapu**, d'onde depois de nado o sol, cahe um orvalho copioso como aguaceiro, não é a nossa "**arvore de chuva**", ainda tão pouco conhecida e ainda menos aproveitada? 18)

18) Topei na minha viagem pelas Missões diversas vezes com arvores que me foram denominadas "arvores de chuva", p. ex. nos arredores da cidade de S. Luiz, onde, como notei no meu canhenho (pag. 182) meu vaqueano Galdino me mostrou "a arvore que chove ou pinga", o que realmente verifiquei. Por isso, para fazer aquisição de sementes não será necessario recorrer a palzes estrangeiros a procurar o que temos em casa. Que já se tem tratado disto pode-se ver na Revista Trim. do Inst. Geogr. da Bahia, vol. V, Dez. de 1898, onde

"Tambem por vezes tem sido chamado **Capitania d'El Rey**, por nunca haver pertencido a donatario", affirma Southey 19). Seria uma prerogativa que a distinguia das mais provincias e estados do Brasil e condiz com o caracter independente e alteroso do Riograndense, se um dos seus antigos presidentes, o visconde de S. Leopoldo, se não opuzesse, imputando áquelle autor um grave erro, pensando que o tirou por sua vez d'um mappa publicado em Londres em 1809, em que se encontrando com capitania del Rio, traduziu arbitrariamente capitania del Rei. Mas, por engenhosa que seja a explicação do supposto erro, desfal-a o mappa "irrecusavel e de grande auctoridade" do geographo Olmedilla de 1775, em que já vem claramente o nome de Provincia ou Capitania d'el Rey. E' verdade que comprehende este nome naquella mappa grande parte de S. Catharina e só pequena do Rio Grande; mas a origem está agora posta fóra de duvida e não é mais um ente phantastico.

Que outro nome, hoje quasi desconhecido, um tanto grandioso, o de **Continente**, ornava ao Rio Grande, assevera-nos o precitado visconde de S. Leopoldo 20). "Os campos, diz elle, propriamente ditos do **Continente** acham-se ao Sul do Ibicuihy e na extremidade da Serra geral". Concorde com isto o que lemos em Varnhagen 21): "Cremos que entre os colonos que comsigo levara (José da Silva Paes em 1737) alguns seriam da ilha de Santa Catharina... Nem sabemos de outro modo explicar o nome de **Continentistas**, com que desde principio vemos começarem a denominar-se os moradores do Rio Grande". Não seria por antithese a **Ilhéos**?

Quem não conhece, quem não falla todos os dias na **Campanha**? o paraizo terrestre dos gaúchos e dos monarchas das coxilhas e o refugio dos pracistas? Mas a quanto terreno se estende este nome poucos haverá que nol'o pos-

se lê pag. 670: "A ser incontestada a qualidade de pluviosa da Tóemia-Caspi (na Republica do Perú), será caso do governo federal fazer aquisição de sementes em abundancia e distribui-las pelos Estados do norte, inclusive este, victimas de repetidas e terriveis seccas... E' de notar que justamente quando os ricos estão mais rasos é que a arvore produz mais chuva." Nome popul.: "Rabo de bugio" ou "Maria preta", "que é singular pela propriedade que possui de gotejar pelas folhas como se estivesse ali chovendo durante mezes." Evar. Aff. de Castro. Not. Descriptiva da Região Missioneira. Cruz-Alta, 1887, pag. 202.

19) Southey, *Historia do Brasil*, t. VI, p. 522.

20) *Annaes da Provincia de S. Pedro*, p. 20.

21) *Hist. Ger. do Brasil*, t. II, p. 151 (1.^a edição). A. Varella, *Rio Grande do Sul*, p. I, 1897, Echenique e Irm. Porto Alegre.

sam dizer. Ouçamos uma autoridade 22). "Por **campanha** no Rio Grande do Sul entende-se a região demarcada por uma linha tirada da embocadura do rio Jaguarão na Lagóa-Mirim e prolongada pela margem occidental da mesma; rio S. Gonçalo, Lagóa dos Patos, Guahyba e rio Jacuhy até as suas origens. São pois da campanha as povoações além desta linha até a nossa fronteira com os estados vizinhos do Sul: Jaguarão, Bagé, S. Borja, Cruz Alta, Pelotas, etc.". Nada tenho achado a respeito da origem desta denominação. O Dicionário Geogr. do Brasil de St. Adolphe nem conhece este nome no Rio Grande, tão pouco Wapacæus e outros não satisfazem. **Campanha** é usado em sentido militar pelos nossos classicos. Também dizem: a campanha de Roma, entendendo territorio de Roma (Bluteau): "Mas, tomado genericamente, diz Norberto de Souza 23), por campo, campinas — pareceria hoje affectação de francezismos". Por conseguinte, fica em pé o sentido militar. E não é verdade que o Rio Grande nasceu na guerra, cresceu nella, que por sua posição limitrophé era sempre uma fortaleza e um campo de batalha? E de effeito, diz bem outro autor moderno: 24) O Rio Grande do Sul nascia da guerra e tinha de embalar-se, de crescer, de educar-se ao som e ao alarido dos toques de rebate e dos impetus da guerra. N'isso está o segredo do seu espirito altivo e bellicoso até hoje tão fortemente pronunciado.

b) Dos nomes. passemos ás cousas.

E principiemos pelo principio, o porto e a cidade do Rio Grande. Um manuscripto que ainda não se publicou, embora venha na "Exposição" do Barão do Rio Branco, que não é para o publico, levamos á disposição deste a primeira vez nestas linhas. E' uma descripção da cidade do Rio Grande em poder hespanhol. "O methodo que observam os Portuguezes para executar seus roubos é o seguinte: Nas cabeceiras do rio Cebollaty constroem certos postos fortes com fossos e palissadas que defendem os corraes, onde recolhem seus roubos". "Todas as terras que estão situadas entre os rios Jacuhy e Icavacua (Camaquam) tinham pertencido aos Guaranys que as occuparam com suas estancias até que a nova povoação do Rio Pardo as destruiu..." Depois de informar-nos o autor do ms. de que o pastio na costa é muito máo, de pouca força e substancia e que serve mais para manter o gado por algum

22) Revista do Inst. H. do Brasil, t. 43, p. 324.

23) Galliësmos, p. 253.

24) Moreira Pinto, Chorographia do Brasil, Rio Grande, p. 174.

b) Dos nomes passemos ás cousas.

Campanha

tempo do que para creal-o, continúa que apesar de produzir o solo legumes e arvores de fructo, não basta para o sustento da nossa povoação de S. Pedro, que é provida continuamente de carne e viveres de Montevidéo e Maldonado. Aqui menciona-se também "o Povo nuevo de Torretama" o hodierno Povo Novo entre Pelotas e Rio Grande. Logo ajunta o cosmographo uma descripção do povo do Rio Grande hespanhol.

"A força do Rio Grande consiste sómente em um pequeno fortim, construido ultimamente por nossa gente na ponta de terra que se adeanta ao rio é formado d'uma cerca de quatro fileiras de páos a pique que escorando-se uns aos outros cingem um taboleiro ou elevação de terra de leiva pisada, remontando em um planalto com seu parapeito e ameias com capacidade de receber seis ou oito boccas de fogo de 12. E' facil de defender porque todo o terreno em redor impossibilita qualquer ataque por ser de uma areia tão movediça que afunda se logo ao menor peso e o vento a transporta de uma a outra parte, formando continuamente novas dunas. Ao pé deste fortim está encostado outro recinto baixo e grande para moradas e armazens, construido com estacas, com suas cortinas e flancos até o Rio Grande, com seus canhões quasi á flôr d'agua, cuja margem está a mui pouca distancia. A povoação acha-se agora reduzida a uma rua de casas de madeira postas sobre páos a pique, a maior parte em estado máo, poucas cobertas de telhas e as demais com palha. A igreja é muito boa e de pedra. A. L. e S., entre a povoação e a Mangueira formão-se uns grandes comoros de areia que se mudam de uma para outra parte, incommodando as casas a que se acostam, sobrepujando-as com sua altura e embaraçando os caminhos ao mar... As hortas que lá tinham uns Portuguezes estão estragadas. Depois de estes terem recuperado o porto que chamaram a Guarda do Norte, fizeram lá a sua fortaleza principal em redor da qual augmentam de dia para dia casas e ranchos para alojar sua gente, cujo numero era este anno de 1500 almas. De quando em quando vem o governador de Viamão para vêr as obras e exercitar a tropa, dando assim a conhecer que tem antes a intenção de atacar, offerecendo-se occasião azada que defender-se d'aquelles de que estão certos, que não pensam senão em conservar o que lhes pertence."

Não é de somenos interesse ver como o autor hespanhol logo come a sua palavra apenas proferida:

"A povoação do Riogrande seria uma barreira vantajosa para a provincia de la Plata, se se tivesse ainda ad-

quirido a propriedade de Rio Pardo. Este estabelecimento tem por sua posição todas as qualidades desejaveis aos Portuguezes para os damnos que nos causam. Assim succede que resentindo-se de não haver conseguido a restituição do Rio Grande, sahem frequentemente com permissão tacita do seu governador para hostilisar os campos de Maldonado e Montevideo, voltando com grandes manadas de vaccas e cavallos de nossas estancias, a cujos insultos cooperam os nossos proprios desertores e vagabundos, que os incitam, vendendo-lhes por preço baixo o que levaram roubado. O castigo que tem soffrido alguns Portuguezes da parte de nossas guardas, em lugar de intimidar-os, não serviu senão para fazel-os mais cautos e a dispôr melhor suas medidas para continuar impunemente seus roubos..."

Até aqui o relator hespanhol.

Depois do Rio Grande, como já vimos, neste ms. figura **Rio Pardo** como um dos mais historicos e importantes lugares deste Estado. Si bem me lembro alcança o livro do tombo ainda existente na magnifica egreja daquella cidade, que pessoalmente consultei ainda o anno de 1739 ou 1737. Nelle encontra-se um documento, segundo o qual se pediu ao governo ecclesiastico do Rio de Janeiro o favor de poder-se mudar o orago de Sto. Anjo para o de N. S. do Rosario por terem os moradores uma grande devoção a esta invocação; graça que lhes foi concedida. No mesmo livro vem longas fileiras de nomes das familias de diversos cidadãos e estancieiros, como de seus escravos que se desobrigarão no tempo da quaresma.

Os começos da existencia historica daquella região sobem a muito mais idade posto que esquecida. O rio que deu a cidade seu nome hodierno, escoava outr'ora suas aguas sob outro. Foi mais que um seculo antes, isto em 1634, que se fundou uma missão jesuitica, San Christobal, á margem direita do Yegui ou Rio Verde; este não é outro senão o Rio Pardo de hoje e a missão achava-se um pouco ao nortê do lugar, onde assenta hoje a cidade do mesmo nome. Sendo de summo interesse conhecer e até estudar os costumes e a historia dos antepassados, consultemos a **Conquistista** do P. Ruiz de Montoya, S. J., que falla assim sobre o povo de San Christobal: 25) "A vida dos de S. Christovão não tem comparação ; os moradores dos outros arraiaes realmente só de muito esmero e penas do padre se ajun-

25) A traducção do guarany é do Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira, que de proposito se cingio muito ao original. *Ann. da Bib. Nac.*, vol. VI, p. 357.

tavam na povoação; os desta povoação porém elles mesmos por si se ajunctaram bem com o desejo de se baptizarem, e se empenharam muito por obterem um padre; porém, com tudo isso, como nós não eramos muitos, não era possível nós nos separarmos de algum arraial para mandarmos algum de nós ao sítio desta gente. Em consequencia elles mesmos mandaram os seus filhos á outra povoação onde havia padres, dizendo: Aos nossos filhos sómente ao menos ensinem os padres, e depois d'isso os nossos filhos por si mesmos poderão mui bem vir ensinar-nos. Junctamente com os meninos mandaram alguns moços para que se adestrassem na carpinteria, dizendo: "Nós faremos a egreja, a casa do padre tambem levantaremos; talvez em breve virá algum padre". Muitos habitantes da cidade do Rio Pardo como da vizinha comarca de S. Cruz terão prazer em saber, que outr'ora, ha mais de dois seculos e meio, naquella sua terra existia gente tão religiosa. Particularmente para estes ha de ser de muito maior interesse ouvir que sobre o rio Pardinho, não longe da séde da florescente villa de Santa Cruz havia tambem um povo de índios sob a invocação de Jesus Maria, onde dez mil almas foram baptizadas e lá se reuniram mediante as fadigas do padre Pedro Romero S. J., que depois foi substituído pelo padre Christovão de Mendonça. A' villa hodierna precedeu pois uma respeitavel povoação ou cidade de 10.000 guaranys. Ambos aquelles padres morreram depois ás mãos dos feiticeiros ou pagés. Para não ser longo demais deixo na pasta a descripção do martyrio do veneravel P. Christovão. Para determinar o lugar deste facto ao menos approximadamente, limito-me a collocar-o n'uma linha entre o valle inferior do Cahy, particularmente a região de S. João de Montenegro e a villa de Santa Cruz. A este juizo autorizam os mappas melhores, mas tambem não para mais, e a borda de um ribeirão, onde uma enchente fez parar ao padre e perto de uma serra.

Ao N. destas povoações existiam ainda S. Joaquim e S. Thereza, e sobre a direita d'um tributário do Jacuhy Natividade. Sobre S. Joaquim nada tenho encontrado. Em S. Thereza o P. Francisco Ximenes occupado com doutrinar a gente na lei de Deus, e a ensinar-lhe a cavar a terra, cuidava bem da alma e do corpo d'elles. Para cima de cinco mil pagãos se fizeram baptisar neste arraial.

Buscando um lugar para N. S. da Natividade chegamos ao albardão em que hoje assenta a cidade de Cruz-Alta.

Este lugar contava seis mil pagãos, dois mil e seiscentos baptizados e os outros já se preparando para isso.

A **Conquista** traz um episódio que merece ser inserido aqui por ser mais uma prova da intellectualidade e nobreza de vontade a qu'ese sabiam elevar os nossos antepassados tão calumniados neste ponto. A' Natividade com desejo de se baptizarem de muito longe tinham chegado um homem, sua mulher e quatro filhos e da longa jornada adoeceram. "O padre foi vê-los, e a mulher disse assim ao padre: Muitas graças, meu pae. — Então tu vieste? — De minha terra muito distante até aqui venho pelo meu desejo de ser baptizada sómente; eu sou muito pobre de todas as cousas realmente, mas sem embargo não lastimo esta minha pobreza, pois na realidade não vim á procura de alguma cousa attinente ao meu corpo, vim sómente até aqui para me fazer baptizar. Isto disse em verdade a mulher, e o marido d'ella também assim fallou. O padre, depois de os instruir a respeito da palavra de Deus, os baptizou e no outro dia morreram ambos. Dos filhos orphãos cuidou o padre, e trez morreram logo depois de se baptizarem, indo-se para o céu, para onde tinha ido sua defunta mãe" 26).

Naquellas regiões septentrionaes havia outra povoação sob a invocação de S. Anna com seis mil habitantes. Entre elles distinguia-se o **tuxava** (nós estamos acostumados a dar aos chefes das tribus o título de **cacique**; entretanto a palavra tupy ou guarany era **tuxava** ou **morobixaba**), cujo nome merece ser arrancado da sepultura do esquecimento. **Ayerobia**, assim se chamava, era verdadeiro pae de seus subditos e morreu por elles n'uma batalha contra "los de San Pablo", que queriam leval-os para a escravidão. Antes tinha-lhes construído uma egreja. Se admiramos um Pedro II da Russia aprendendo a carpinteria, porque não podemosol-o fazer neste filho das selvas, tambem soberano, aliás pouco inclinado para occupação desta sorte, que aprendeu a mesma arte para erigir um templo de Deus para seu povo?

Da bacia do Iguahy ou Jacuhy transportemo-nos á do Ibicuhy. Ahí encontramos outro grupo de povoações; começemos por aquella, cujo sitio sahe mais claro e é o mais occidental, o de **S. Thomé**, sobre a margem direita do Itú então Tibiquarin, conforme o mappa de Carrafa, ao NE. da cidade de Alegrete. 27).

Se teve difficuldade em crêr o apostolo de que traz o nome a povoação, esta não experimentou menos em acei-

26) **Annaes da Bibl. Nac.** de Rio de Janeiro, t. VI, p. 357.

27) No mappa de d'Anville de 1748 vem sobre o Ibicuacuy, e um pouco mais para L.

tar a fé. Não obstante exalta muito o autor da **Conquista** a fama deste povo dizendo: Com effeito era deveras um povo muito grande e pela terra inteira corre a fama deste povo. Sendo esta gente toda a mais arrevezada, submetteu-a Deus mediante a sanha das onças. Ao pagãos que se escondiam dos padres por não quererem ouvir as suas practicas, aconteceu toparem-se com onças e estas mataram muitos. Alguns aterrorisados pelos tigres, entrincheiraram-se com cercas bem altas e por esta maneira as onças os forçaram a ficar durante quatro dias inteiros, sem lhes permittir sahirem á cata de qualquer cousa de que necessitassem; e por isso os índios humilhando-se perante Deus afinal quizeram ouvir a palavra de Deus. Mas a antiga natureza selvagem reincidiu ainda duas vezes na vida atôa e rebelde á civilisação e mais duas vezes foram castigados. Os moradores armaram debalde para cima de 200 mundéos (armadilhas); apanharam com effeito alguns cães e veados; de onças, porém, nem uma, ao menos deixou-se lograr, chegaram estas ás vezes até a comer os cães ou veados que estavam nos mundéos, porém tiraram-nos sem se offenderem em nada. A gente considerou sobre o que lhe acontecia e ao mesmo tempo que pedía a Deus perdão, alevantou-se contra o feiticeiro arredando-o de seus desmandados costumes. Por esta maneira, depois de tornar a si a gente, tambem os tigres largaram-se d'alli, indo-se. E d'ora em diante continuavam fieis desde que se renderam a Deus, conformaram logo a sua vida ás regras dos christãos seis mil pessoas, que foram baptizadas e que tinham verdadeira fé em Deus.

Conforme o mesmo autor póde-se tambem vêr o quanto tinham de lutar os missionarios contra a polygamia e devassidão.

Quando mais rebeldes no principio á fé e á civilisação, tanto mais fundas raizes lhes deram no coração. Entre alguns factos que são relatados ouçamos o seguinte: "Olhe lá, disse uma moça christã a um petulante que insidiou-lhe a honra, que sou uma pessoa que costuma tomar o Senhor; não me toques em mim; arreceia-te do castigo que te ha de dar Deus. Fallando a moça por esta maneira, eis que sobrevêm ao rapaz grandes angustias de coração que lhe não permittiram satisfazer os seus desejos e a moça salvou d'elle a sua virtude." 28)

A O. e sobre o rio Torupy fica a gente de **S. José**, ao Norte da hodierna estação de Umbú e perto de S. Vicente. Fundador deste povo foi o P. Cataldino, um dos dois primeiros missionarios que em 1610 chegaram para o Paraguay. As tres mil pessoas deste povo foram atacadas por uma epidemia (pois já então havia doenças epidemicas entre os indios) e depois veiu a fome tambem. Tocante é o que se refere nesta occasião d'uma moça e duas irmãs mais pequenas, orphãs de pai e mãe. Ellas apressaram-se em procurar a povoação, porém as duas irmãs mais moças tendo ficado muito cansadas não podiam mais caminhar; com receio que ellas morressem não baptizadas, a mais velha tratou de chegar ao arraial a todo o custo. Em consequencia ella ergueu sobre os hombros uma das irmãs, junto com ella avançou longo caminho, deitou-a no chão e voltou para traz ao lugar aonde tinha levado a outra. Desta maneira ella caminhou durante dois dias inteiros, carregando uma primeiro e pela outra depois voltando atraz; no terceiro dia afinal entrou ella na povoação, trazendo sobre os hombros uma das irmãs, e o padre mandou pela outra e fez com que a trouxessem para o arraial, onde foram baptizadas e pouco depois morreram, e a mais velha, que já era baptisada havia mais tempo, morreu logo atraz, indo para o céu cinco dias depois que tinham morrido as irmãs.

Do grupo de Ibicuhy ainda nos restam os povos de S. Miguel e de S. Cosme. Por contrahirem erroneamente por demais os antigos mappas o terreno riograndense no sentido L. O., hoje é quasi impossivel dar a exacta posição destes dois e dos mais extinctos povos. No mappa das **Lettres Édifiées**, encontra-se **S. Miguel** ao S. de S. Anna, emquanto no de d'Anville está ao NO. de S. Anna e quasi ao S. de Natividade. No mais antigo de Carrafa, que considero como o mais authorisado, tem S. Miguel quasi a mesma posição que na d'Anville; porém não traz os nomes dos tributarios do Ibicuhy e estes não exactos. Parece-nos, por isso, menos erroneo apontar a séde e os arredores da cidade de S. Maria como os lugares em que assentaram antigamente S. Miguel e S. Cosme. D'aquelle diz a **Conquista** que foi dos poucos que procuraram um missionario para os ensinar a verdadeira religião e não foi outro senão o celebre martyr o P. Christovão de Mendonça.

Parece que em **S. Cosme** tambem impediram os pagés ou feiticeiros a conversão dos pagãos, de que não obstante conseguiram os missionarios descender das serras e entrarem neste arraial perto de cinco mil almas que se bapti-

zaram. Aqui temos nova confirmação do facto que já naquella tempo havia epidemia ("a peste"), e os padres empenharam-se muito em cuidar da alma e do corpo dos moradores. "Achando-se doentes os moradores, não se fizeram roças, e portanto para que houvesse plantação e se achasse o que comer na miseria, os padres mesmos por suas proprias mãos trabalharam e fizeram grandes roças. Deus abençoou as canceiras dos seus vigarios, fazendo com que produzisse bem o que elles plantaram para se dar de comer a tantos doentes, e até os que andaram espalhados pelos mattos com a noticia da fartura tornaram a se ajuntar na povoação."

"Todos esses estabelecimentos foram tomadas pelos Paulistas sob o commando de Rapozo Tavares 29), ou abandonados pelos Jesuitas e seus indios, depois de renhidos combates feridos em Jesus Maria e S. Christovão em 1636... e em S. Nicoláu em 1638. Os Jesuitas conduziram para o lado occidental do Uruguay os indios que poderam escapar á catastrophe, incorporando-os aos das antigas missões que alli mantinham ou formando outras que tomaram os nomes das que acabavam de ser destruidas. Foi então que se estabeleceram entre o Uruguay e o Paraná as missões de S. Thomé, Apostoles, S. Carlos, S. José, Candelaria, Martyres, S. Cosme, Sant'Anna, S. Nicoláu e S. Miguel." 30)

Tendo reconquistado os territorios que entendiam pertencer-lhes, passaram os Paulistas a empregar-se principalmente no descobrimento e exploração das minas de ouro nos sertões do Brazil (Minas Geraes e Goyaz) e no extremo Oeste (Matto Grosso). Poderam assim os Jesuitas voltar ao lado oriental do Uruguay, transferindo para ahi em 1637 as missões de S. Nicoláu e S. Miguel e creando cinco outras, S. Luiz Gonzaga (1637), S. Borja (1690), S. Lourenço (1691), S. João Baptista (1698) e S. Angelo (1706).

Muitas provas temos de que este nosso torrão Rio-Grandense é uma terra classica da historia universal e particular. Por breve que seja o tempo em que sahiu das sombras da prehistoria, hoje figura entre os seus irmãos, estados muito mais antigos, em primeira plana.

29). Antonio Rapozo. (c. Archivo do Est." de S. Paulo) Vol. IX., pag. 92. Enganou-se o Barão de Rio Branco trocando o paulista Ant. Rap. que devastou as reduções de Guayrá com o portuguez Ant. Rapozo Tavares que naquelle tempo de 1631 em diante andava na guerra contra os Hollandezes. Concorde Southey t. 3, p. 420 (Trad. de Oliv. Castro).

30) Exposição, vol. II, p. 211.

Lembrando-me agora d'aquelle bom povo que mora ao longo do rio da Varzea e outros affluentes do Uruguay, da Vaccaria e toda Serra, como se teriam admirado estes gaúchos se lhes tivesse contado que nestes seus pagos já tinham andado astrónomos e geographos e que pelos terem achado gravaram uma inscripção de não menor valor que um, "Te Deum laudamus".

Quantas vezes tenho ouvido da bocca destes bravos vaqueiros as palavras: Se Deus quizer! ou: O homem põe e Deus dispõe. Parece que os ares levam estas e semelhantes exclamações d'um coração bem formado, como se as tivessem aprendido ou ouvido naquellas inscripções de que as fronteiras e rios do nosso Rio Grande abundam. Talvez ainda hoje ache-se na fóz do Pepiry-Guaçú a inscripção cravada n'uma chapa de cobre e pregada lá n'uma árvore: "**Hucusque auxiliatus est nobis Deus, Pepiri-Guaçú 1788.**" (Até aqui Deus nos tem ajudado). O astrónomo portuguez Saldanha escreveu: "**Sine auxilio tuo, Domine, nihil sumus, Pepiri-Guassú 1788.**" (Sem vosso auxilio, Senhor, nada somos).

2.ª PARTE

Investigações sobre o idioma fallado no Brasil e particularmente no

Rio Grande do Sul

"A palavra é a primeira historia das nações: e por isso são os vocabulos populares, ousa dizel-o, o archivo e a mais rica mina dos documentos historicos, d'um povo." Em. Celesta. 1)

"Die Sprache als die älteste und erste Offenbarung, der Seele ist an und für sich ein Massstab, um den Geist eines Volkes zu messen". — Weiss, Weltgeschichte, Bd. 1. Einleitung p. 27.

Pode parecer, á primeira vista, ter pouca relação com o objecto da "Poranduba" o assumpto acima proposto. Longe porém de sahir das suas raias este estudo vai ter a

1) La parole é la prima istoria delle nazioni: e perciò i parlari plebei sono, oserei dire, gli archivi e la piu ricca miniera dei documenti d'un popolo. Annaes da Bibl. Nac. XIII, II p. pag. 14.

um archivo onde jazem documentos históricos tanto mais valiosos quanto menos conhecidos e apreciados. Ninguém sabe melhor isto do que os historiadores modernos que não julgam conhecer a história de um povo si não conhecem a fundo a sua **língua** e até a história e ethnologia della.

Assim diz um:

"A lingua de uma nação é o unico distinctivo infal-sificavel do seu character nacional" 2)

Este auctor considera, pois, a lingua o documento mais valioso da historia d'um povo, no qual interesses ás vezes muito indignos não são capazes de introduzir suas falsificações.

Outro de muita auctoridade no fóro da sciencia alemã, o Dr. J. B. Weiss affirma: "A lingua como a mais antiga ou a primeira manifestação da alma é por si só um padrão para medir e apreciar o espirito de um povo." E o pranteado Baptista Caetano que diz: "Na palavra, no verbo manifesta-se o homem, dá-se a conhecer o povo com as suas idéas, usos e costumes, e distingue-se a raça. 3) Si a litteratura de um povo é a mais completa expressão da sua individualidade, sendo tão instructiva como a sua propria historia, não menos podemos affirmar o mesmo da sua lingua, o vehiculo, o vestido, a incarnação dessa litteratura. Pela lingua se conhece o homem, diz o livro dos livros. Si é verdade que o estylo é o homem, não o é menos que a lingua é o povo. O que falla exhibe a si mesmo externamente. O externado ou enunciado é sua imagem, conforme o seu conteudo intellectual e sua apparencia material, por isso se diz muito bem — **externar-se** em vez de falar. Segundo Clemente Alexandrino procedem dos costumes todas as palavras: **verba omnia ex moribus emanant**; por conseguinte as palavras, a lingua são a fiel imagem dos costumes de um povo. O celebre orientalista Frederico Müller, de Vienna d'Austria, escreve no **Globus** 4) de Horatio Hale, ethnologo e linguista de grande renome não só na America do Norte como tambem em todo o mundo scientifico: "O auctor professa a mesma theoria que eu e é de opinião que só e unicamente a lingua, com a base do pensamento e das instituições da humanidade, 'permite uma concepção e clasificação scientifica dellas. Suas dis-

2) The national language is the only safe exponent of the national character. Döhne. Annaes da Bibl. Nac. l. c.

3) Cantos do P. Anchieta, no "Diário Official" de 11 a 15 de Dezembro de 1882.

4) "Globus", Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde, Braunschweig 1892, vol. 62, n. 1, pag. 15.

sertações e conclusões são de rara força logica. Assim como a mineralogia tem por objecto scientifico a pedra, a botanica a planta, e a zoologia o animal, da mesma forma trata a anthropologia do homem e delle não como **zoon** porém como **zoon politicon** (animal politico). Hale observa no fim do seu tratado: "Solely by their language can the tribes of men be scientifically classified, their affiliations discovered and their mental qualities discerned. These premises compel us to the logical conclusion that linguistic anthropology is the only true science of man." 5)

Convido, pois, meus leitores a concorrer para o mais bello monumento intellectual, que se pode conceber, e que é refazer a historia do pensamento espontaneo e primitivo dos nossos antepassados.

Quem começa a estudar o idioma deste paiz, não nas grammaticas portuguezas ou nos livros somente, mas no meio que o fala, no proprio povo, a lingua viva e no seu connatural desenvolvimento, topará logo com maiores ou menores divergencias da lingua portugueza figurando como lingua do paiz. 6) Ninguém extranhará este phenomeno desde que observar como quasi tudo que tem sido transferido da Europa para aqui, sob a influencia do clima e do ambiente physico e social pouco a pouco tem mudado, realizando-se um facto que se costuma chamar acclimação.

Muitas plantas exóticas perdem ou ganham certas qualidades, como viço, aroma, alguns animaes mudam de costumes, as aves de algumas pennas ou do canto, alterando assim a sua lingua — e os proprios homens, — sem falar n'aquelles que logo depois de passar a linha lançam ao mar certos principios qualificados de preconceitos — digo os **creoulos** (os nascidos aqui de pais europeus) como differem logo dos seus pais! Estes falam só e bem da sua antiga patria, com certo desdém da adoptiva, ao passo que os seus filhos têm muito amor ao berço do novo mundo. Os pais difficoltosamente aprendem a lingua do paiz, ou ao

5) Confirma essa theoria o que diz o moderno Reynaud, **Origine et philosophie du langage** (Paris 1888): "Nihil in dictu, quod non antea fuerit in intellectu." A lingua é a imagem fiel da mentalidade humana.

6) O portuguez do Brasil está irremediavelmente modificado pelo tupy e ao passo que os annos se forem accumulando, essa modificação ha de cada vez ser mais sensivel, porque os germens modificativos são, por assim dizer, de força propria e continuam a operar... O operario inconsciente dessa transformação é o povo illitterato. Couto de Magalhães, **O Selvagem**, Part. II § 6." Dia virá em que a lingua do Brasil será tão diversa do portuguez, quanto este é do latim." Id. *ibid.* Parte I, pag. 80.

menos o seu sotaque, emquanto que os filhos com facilidade e gosto se exprimem no idioma da terra natal. Esta observação, fê-la já o P. Cardim: "Os filhos dos portuguezes cá nascidos a (língua tupi) sabem melhor que o portuguez". Os crioulos aceitam mais facilmente os costumes, os trajes, os viveres do paiz, emquanto seus pais adherem tenazmente a seus costumes e maneiras de viver, mesmo a ponto de se imporem sacrificios resultantes da sua incompatibilidade com o clima e todo o ambiente. E', por exemplo, como cousa indubitavel e assentada no Rio Grande do Sul, que um europeu nunca consegue manejar com destreza o laço, ao passo que o filho do mesmo quasi não fica, nesta habilidade, inferior ao gaúcho. Esta mudança, tão notavel em tão pouco tempo, de pais a filhos, e uma tal ou qual discrepância de sentimentos e maneira de ver as cousas provenientes d'aquella me tem lembrado muitas vezes a galinha que chocou patinhos, que logo correm para a lagôa a mergulharem n'agua ao passo que sua mãe angustiada os chama com desespero, não podendo segui-los e querendo afastal-os de um elemento que não é o seu.

Quem não sabe quanto é differente, já não digo o sotaque mas toda a pronuncia portugueza dos portuguezes e a brasileira! Esta é branda e quasi cantada, aquella é proferida rapidamente e parece se muito com a pronuncia dos inglezes que também neste ponto parecem fazer sentir o seu ascendente sobre o velho Portugal. Aqui articulam-se todas as syllabas e onde há diphtongos ou triphthongos, algo difficil de proferir, sente-se, ou, mesmo, ouve-se a tendencia de intercalar uma abrandante vocal, como que um lubrificante para evitar o attrito e amaciar o jogo da machina, e lá a propensão de eliminar estes meios abrandantes e de carregar certos sons pouco harmoniosos e fortemente chiantes.

Como o rio-grandense logo conhece o **bahiano** 7) pela maneira de montar, assim o portuguez logo se trahe pela sua pronuncia. "Portuguez de origem, diz Mello Moraes Filho, embora ha longos annos no Brasil, a sua pronuncia denunciava-lhe de prompto a nacionalidade." 8)

Porém para não antecipar a materia, vou encetar o assumpto com certa disposição. Depois de verificarmos **primeiro** algumas differenças entre o hodierno idioma de Portugal e o do Brasil sob os tres aspectos do costume —

7) Nortista, em geral. Conf. Annaes da Bibliotheca Nacional, vol. XIII, p. 2, pag. 68.

8) Festas e Tradições populares do Brasil, pag. 465.

da pronuncia (prozodico), do vocabulario (etymologico ou lexicologico) e da linguagem ou phraseologia (syntaxico), podemos em **segundo** lugar indagar as razões destas alterações linguisticas, e em **terceiro** em particular dar uma idéa do genio da lingua geral do tupi ou guarani no antigo Rio Grande do Sul.

I

Quanto á **pronuncia** desço das observações geraes, já feitas acima, a umas mais particulares. A consoante **s** tem na escripta a mesma forma para os brasileiros e os portuguezes, mas na pronuncia brasileira é sempre sibilante e na portugueza é sempre chiente. "Para nós os brasileiros, diz o auctor do **Idioma Hodierno**, por exemplo, a cousa é muito differente: a continuação dos sons de **x** não faz ao nosso ouvido o effeito de uma cascata mas de uma duzia de frigideiras. Ouçam: Achaxtex e tumaxtex extex coxtumex lá por ond' andaxtex." 9)

Nós extendemos a nasalisação tambem ao **a**, **m** ou **nh**, ainda mesmo pertencentes á syllaba seguinte. Os portuguezes pronunciam **á-mo** e **hã-o** como nós **âmo**; elles **ingá-no**, nós **engâno**; elles **cá-ma**, **fâma**, e nós **câma**, **fâma**; lá **picá-nha**, e cá **picânha** e em quanto lá dizem **mêu mánu**, dizemos nós **mêo mão** (irmão). 10) Até o artigo ante substantivo que começa por **m**, **n**, **nh**, sujeitamos á mesma operação. 11)

No littoral onde prevalece mais a influencia portugueza é frequentissimo ouvir **elegre**, **kemisa**, **gheivota** por **alegre**, **comisa**, **gaivota**, permutando o **a** pelo **e**. E' a tendencia portugueza para a suppressão das vogaes de som claro, pronunciando **'legre**, **k'misa**, **gh'ivota**. "Elle êhi vem, elle ê vem", ahí vem. Tambem dão o som do **a** ao **e** e nasalizado por **m**, **n**, **nh** como em **bem**, **convem**, **tenho**, **mantens**, **parabens**, pronunciando **bâi**, **cunvâi**, **tânho**, **mantâx**, **prabâx** e rimando com **mãe**, **mães** (**mâx**). Não podemos, pois, como um litterato nosso fez, censurar que o poeta portuguez rime **mães** com **tens**, e **Jerusalem** com **mãe**; elles pronunciam **tâi**, **j'ruzlâi**, **mâi** e a rima é perfeita.

O citado diccionario diz ainda que lá em Portugal ha

9) O Idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil, Rio de Janeiro 1879.

10) Diccionario Brasileiro, Annaes da Bibl. Nacional. vol. XIII, parte II, pag. 13.

11) L. c. pg. 14, col. 1.

até impossíveis em bocca brasileira, como um **a** fechado, usual entre ingleses.

Em regra não embebemos o **a** na vogal antecedente.

A phrase: "porque a nau arribou" pronunciamos **por-kê â náu arribô**; os portuguezes: **purecanáu arbô**. Assim o attesta o **Diccionario Brasileiro**. 12)

No diphtongo **ai** no Brasil sempre se abre o **a**, fazendo soar pouco a vogal **i**, por exemplo em **cáixa**. Em Portugal fogem do **ó** fechado, pronunciando-o aberto ou como **u**. Em geral o **ú** é a vogal sympathica dos portuguezes.

Outro caracteristico da pronuncia portugueza é a eliminação das vogaes e accumulção das consoantes: **xp'rança**, **xp'lunca**, **txtamento**; o contrario ocorre no Brasil. 13)

.

Tambem na **phraseologia** (syntaxe) salientamos as seguintes discrepancias. E' sabido que na lingua portugueza é uma das cousas mais difficeis o uso corecto das preposições, que constitue não só uma belleza deste idioma, mas um quasi segredo no manejo da lingua. E' porque nos demoramos um pouco neste ponto, bastando-nos **uma** só preposição para mostrar o que nos preoccupa agora, a differença dos dous idiomas. A preposição **prediecta** e quasi sempre adoptada dos portuguezes é **a**, que parece aos brasileiros não poder ser senão a preposição **de**, para exprimir a relação entre dous substantivos. Diz o autor do **Diccionario Braz.**: "Onde regularmente empregamos **com**, **de**, **para**, **por**, os portuguezes empregam somente **a**, como nos demonstram os exemplos seguintes:

PORTUGUEZ

Trabalhar *a* preceito.....
Consentem *á* grande pena.....
Ter medo *á* pobreza.....
Pescar *á* canna, *á* linha.....

BRAZILEIRO

com preceito.
com muita pena.
da pobreza.
pescar *de* pindahiba, *de* linha,
de anzol.

12) L. c. pag. 14, col. 1.

13) Como a nasalisação propria no Brasil se deve attribuir á influencia do guarani, assim devido á mesma, nota-se uma inclinação de não pronunciar a **r** final nos infinitos do verbo em **ar** e não só a pronuncia até a escripta e não só no Brasil mas nos mais paizes sul-americanos resente-se desse facto, que já foi notado pelo erudito philologo Adolpho Coelho. Observação que tambem fez o Dr. Macedo Soares que os hespanhoes-americanos escrevem **comulgá**, **participá**, por **comulgar**, **participar**. Cf. **Revista do I. H. Br.** t. 43. I p. pag. 166. O tempo de imitarmol-os está chegando com a inevitabilidade de uma lei social.

PORTUGUEZ

Caçada ao leão (fr. *la chasse au lion*)

Cheiro nauseabundo á carne queimada

Telheiro coberto a zinco e vidro.

Basta olhar para elle para a gente se escangalhar a rir V. *Gazeta de Not.* 3 fev. 1884.

Vir a ferias, ir a ferias, estar a ferias Não são noivos... que pôdem então ser elles um ao outro?

Fructas verdes com que se estraga diariamente o estomago ás crianças. *Diario de Not.* 12 maio 1886.

Distancia que equivale 8 vezes a volta ao mundo. *Diario de Not.* 18 jul. 1886

Cortinas de cassa abertas ao centro e prezas a cada lado. Ram. Ortigão, *A Hollanda*, 551

Por mais que olhasse em torno a si. *Diario de Not.* 4 maio 86.

Luvas brancas pospontadas a preto á toda medida do braço. R. Ortigão. *Holl.* 399

Escriptorio á rua do Ouvidor; residente á rua da Lapa; ao largo do Capim; ao campo de S. Anna.

De grão a grão enche a gallinha o papo. Fr. Domingos Vieira, *Grande Diccion. Portug.*

Ter felicidade ao jogo. Ao 1.º de março

A rir-se á janella.

Estava á janella, encostada na grade.

A vasa cuja existencia mal se suspeitava ao fundo das aguas tranquilllas. *Gaz. de Not.* 83.

BRAZILEIRO

caçada de onça, de paca, de veado, de tatú, de leão.

cheiro de carne, cheiro de peixe, cheiro de flôr.

coberto de zinco, coberto de vidro, de telha.

a gente se escangalha de rir. de ferias, em ferias.

que pôdem ser um do outro?

o estomago das crianças.

a volta do mundo.

abertas no centro e prezas de cada lado.

em roda, de si, em redor de si.

de preto em toda a medida.

na rua do Ouvidor; na rua da Lapa; no largo, no campo, no becco, na praça.

de grão em grão.

no jogo.

no primeiro.

rindo-se na janella.

estava na janella, encostado á grade.

(Dr. Bap. Caetano de Almeida Nogueira, o nosso eminentissimo americanologo.) Rasc. 138. no fundo das aguas.

PORTUGUEZ

O almoço está á mesa. *Folha Nova*,
out. 84 _____

Sentar-se ao throno. *Gazeta de Not.* 24
maio 1885 _____

Uma vez ao anno. *Gaz. de Not.* 24 maio
de 1885 _____

Cancellia de ferro que fecha, á toda lar-
gura, a embocadura da ponte. *Ram.*
Ortigão. Hollanda, 63 _____

Entre Bonn e Reiragen (Remagen?) o
rio espraia-se a uma grande largura.
Id. ibid. _____

Collocado pela história á toda a altura
da sua legenda. *Id. ibid.* 81 _____

A's mezas que guarnecem á toda a sua
extensão o tombadilho é difficil en-
contrar um lugar devolutó. *Id. ibid.*
65. _____

Entrecortado de longe a longe *Id.* 404
E ao meio de uma oração. *Corr. Europ.*
9 jun. 86. _____

E a figura de bronze posta ao centro
da praça. *Gazeta de Noticias* 7 set.
1886 _____

O attentado... foi motivado, segundo
se pensa, á exaltação politica do ag-
gressor. *Gazeta de Not.* 12 maio 1886
Responder topico a topico. *Jornal do*
Com. 30 nov. 86. _____

Traduzir palavra a palavra _____

Apenas de quando em quando, atraves-
sa ao fundo. *Ram. Ortigão. cit.* 417

Vai para a rua de S. Jorge tentar for-
tuna ao vispora. *Gazeta de Noticias*
7 set. 1886 _____

Ficou o paiz com um engenheiro vul-
gar a menos e um actor distincto a
mais. *Folha de Lisboa no Jornal do*
Com. 1 jan. de 1887 _____

A' noute, á tarde _____

BRAZILEIRO

na meza, está na meza, em ci-
ma da meza, sobre a meza.

no throno.

uma vez no anno, por anno.

fecha em toda a largura.

espraia-se em grande largura.

collocado em toda a altura.

nas mezas que guarnecem o
tombadilho em toda a sua
extensão é difficil encontrar
lugar vazio.

de longe em longe.
no meio de uma oração.

posta no centro.

motivado pela exaltação.

topico por topico.
palavra por palavra.

atravessa pelo fundo.

vai á rua de S. Jorge tentar
fortuna no vispora.

um de menos, um de mais.¹⁴⁾
de dia.

A *sympthia*, diz o autor do *Idioma Hodierno*, pela preposição *a* traz mais uma differença. Isto se dá quando a preposição favorita precede os infinitos com o fim de os tornar capazes de substituir os participios do presente que nós empregamos depois dos verbos *estar*, *ir*, *andar* para exprimir o estado actual ou o effeito progressivo, continuo da acção significada pelo verbo. 15) Enquanto que nós dizemos: *estou escrevendo*, dizem elles: *estou a escrever*. "Esta substituição do participio presente é característica da linguagem delles e por si já indica que o orador é um Portuguez ou que é um Brasileiro convencido da inferioridade do falar do Brasil em relação ao de Portugal..." diz approximadamente o mesmo autor.

Differenças se observam no uso de alguns dos pronomes. Os encliticos *me*, *te*, *se* collocam os Portuguezes de hoje *constantemente* depois dos verbos, tambem nas proposições incidentes, enquanto no Brasil são collocados ás vezes depois, mas quasi sempre antes delles.

Ha quem accuse os mesmos portuguezes de fazerem hoje com os casos *si* e *sigo* e *se* o que os antigos nunca ousaram dizendo p: ex. elle falla *consigo*, isto é com o Sr. ou com Voscê elle falla muito de *si*, isto é de Voscê. Que isto não é uma ficção prova-o o facto de terem, se me não engano, ha 15 annos, contra tal abuso que ameaça invadir o nosso meio, lavrado um protesto energico os corypheus do jornalismo Porto-Alegrense.

Outra differença consiste no uso do *lhe*, que tambem não depõe em favor do idioma hoje fallado em Portugal e que, dizem, se encontra tambem em Roquette, p. ex.: Não se cançaram de *lhe* ouvir propôr; sem duvida, querem dizer, de o ouvir propôr, mas não pôde significar com a mesma razão: não se cançaram de ouvir propôr-lhe um problema?

Quando dizem: eu ouvi dizer ao boticario, fica-se sem saber si foi o boticario quem disse, ou si alguém disse alguma cousa ao boticario.

O Portuguez emprega o verbo *ter* não só para indicar a propriedade, mas tambem a possessão actual. No idioma brasileiro, porém, reservam-no para dizer que alguém é

14) Vide Annaes da Biblot. Nacional, vol. XIII, pag. 16, 17.

15) O Idioma do Hod. Portug. etc. pag. 34.

dono d'uma coisa: **tenho** o livro; enquanto para exprimir o estado actual de estar em poder de alguma coisa, diz: eu **estou com** o livro.

Não sei mais quem lhes imputou o elevar um pobre paciente á categoria de agente sem serem autorisados para tanto, dizendo: **está calor**, em vez de: está fazendo calor.

Se, porém, os accusam de usar o antes de **que** interrogativo, pede a justiça, declarar que uma das suas primeiras autoridades litterarias (Candido Figueredo) censurou esta contravenção.

Pelo contrario parece sisuda a seguinte observação do autor do "Idioma": "**O qual** em lugar de **que** relativo é muitas vezes superfluo: não precisa se referir ao ultimo substantivo que precede; porque ninguem gosta de tomar precauções superfluas (ao menos em cousas de tão pouca morte). Os esforços de um auctor cançam ao leitor, porque participa delles. Ex.: a historia do povo de Deus, **que** **forma** a consolação de F. — não é necessario dizer **a qual**; sabe-se que se refere á historia.

Sabido é que no uso dos adverbios repetidos constitue uma belleza da lingua a suppressão da desinencia **mente**, conferindo-lhe um ar masculino e energico. Os Portuguezes, porém, imitam aos francezes, que devem se arrastar com toda a sua longa cauda dos adverbios em **mente**. Assim escreveu Ram. Ortigão: O movimento litterario foi subitamente e violentamente refreado...

No Brazil frequentissimas vezes, até na linguagem popular, eliminam a terminação **mente**: Corre violento como apressado... por corre violentamente.

A repetição de **seu, sua, um, uma** sem necessidade é outro francezismo do Chiado, diz o cit. auctor do **Diccion. Brasileiro**.

As differenças que até aqui indicamos procedem mais de Portugal; as que vamos apresentar no seguinte resumo lexicologico provém mais, senão exclusivamente, do Brasil e carregam em sempre crescentes divergencias. Não posso pretender mais aqui do que offerecer uns poucos especimens da qualidade dos vocabulos que constituem o dictionario brasileiro e suas relações com os portuguezes.

Apresentando uma parte mui resumida do já extenso **dicionario** brasileiro, tencionamos só completar o retrato do Povo Brasileiro e em particular Riograndense assim como se reflecte na chapa da camara escura da historia.

achando-nos de accôrdo com illustres contemporaneos e patricios, como Pacheco Junior e outros: "O Vocabulario, diz este, representa as forças livres e espontaneas da humanidade, é a photographia do saber de um povo é o psychographo que indica e deixa registrados os successivos grãos por onde o espirito foi ascendendo" 16). Reprodiz o vocabulario d'um povo, suas phrases, proverbios o seu proprio caracter; é pois a imagem fiel deste povo; porque espontanea e naturalmente, sem legisladores nem deputados, assembléas e decretos, formam-se as palavras que retratam inequivocamente o pensar e sentir do povo, os seus costumes, as suas aspirações, os seus ideaes. Refletem as palavras o meio e a atmosphaera propria com a convivencia e o contacto com os povos visinhos; reproduzem seus successos, epochas de dependencia ou independencia, o influxo que recebeu ou exerceu sobre outros.

No seu vocabulario encontram-se archivadas as guerras que o devastaram, as victorias que alcançou, as derrotas, privações, calamidades publicas por onde passou. Para não ficarmos em termos geraes, declinemos uns exemplos: Só a palavra **amo**, senhor, dono de escravos é um compendio da escravidão dos indios no Brasil, euphemismo que um bispo de Pará (1762) estigmatizava de tartufo, como tambem illicitos captiveiros palliados com o especioso titulo de **resgates**;... 17) "Esse euphemismo de amo por senhor, essa dissimulação de resgate em vez de redução ao captiveiro... prova que a lei não consentia nesses abusos, mais que abusos, crimes, tanto mais nefandos quanto eram infames os motivos da perpetração: contra o sexo fraco, a concupiscencia sem o freio da moral; contra os homens, a molleza da ociosidade, atolando-se o portuguez, o paulista, o **boava**, em toda a sorte de vicios com o ganho do suor do indio escravizado.

A legislação portugueza, observa Machado de Oliveira, "teve ao menos a **virtude philologica de modificar a palavra** sem que mudasse a essencia da coisa sobre que dispunha... Si antes della os indigenas viviam na condição explicita e genuina de escravos, nesta condição persistiram elles subsequentemente, embora o legislador procurasse neutralizal-a; mas e mvez de serem chamados es-

16) Revista Brasil. V. 1880, p. 493.

17) Revista do Inst. Hist. Brasil. 1847, 68.

cravos, como d'antes, foi esta palavra substituída pelo epitheto menos odioso, de **administrados**, que em nada alterou a primordial condição." 18) E a palavra **capoeira** não resume em si o caracter d'uma classe e sim do americano em seu contraste com o europeu? "O europeu luta com a espada, floréte e páo. O brasileiro luta com a faca e com a agilidade do corpo, tendo neste caso por unica arma a cabeça e os pés arma terrível para um bom **capoeira**; este modo de lutar é também aborigene, e, longe de ser perseguido, como é, devia ser dominado, regularisado em nossas escolas militares, porque um bom **capoeira** é um homem que equivale a dez homens. Já vi vinte soldados, armados, tentarem prender a um desarmado, mas **capoeira**; este derrubou a todos, e só poudo ser preso á bala. Tal é o systema de luta americana." 19)

Não encontramos no nosso vocabulario registradas as nossas origens, a nossa dependencia hespanhola, depois portugueza e as diversas formas de governo por onde passamos? Os nomes de nossos rios, serras, mattos, lagoas, ventos não patenteiam a cada passo que os nossos antepassados e os antigos senhores deste bello paiz eram índios? Quando ouvimos um doce arrulhar nos mattos não dizemos que é da **jurity**? e não chamamos **gerivá** a palmeira que nos saúda de longe com seu verde cocar? Quando ouvimos uma voz sonora e melodiosa persoar as nossas praias, dizemos que é do **sabiá**. Ora dizemos **siriema**, ora **colhereiro** ou garça côr de rosa, cujo leve perpassar daquella nos campos e deste á beira da slagoas nos arregala os olhos. Os nomes bellicos, os costumes cavalleiros e cavalheros expressos nos vocabulos attestam que pela div. Providencia fomos feitos um povo viril, guerreiro rijo e **barra**, apto para formar um muro inexpugnavel contra o inimigo commum; bastante retemperado e avigorado para reagir contra uma especie de momação moral que ameaça invadir e definhavar a força vital de irmãos menos favorecidos.

Segundo o celebre americanista Couto de Magalhães: "a lingua portugueza fallada no Brasil já não é o portuguez de Camões, João de Barros, ou Frei Luiz de Souza: está em sua grammatica, em seus seres e em centenas de ter-

18) Annaes da Bibl. Nac. vol. 13, p. 11., pag. 40.

19) III Centenario do Ven. Joseph de Anchieta. Discurso de Couto de Megalhães, pag. 272.

mos populares, cruzada com a lingua tupi ou nheengatú, como o demonstrei em minha obra *O Selvagem*. Aqui em S. Paulo, então, os nomes tupis, enxertados no portuguez, são por centenas senão por milhares. Quanto duas senhoras brasileiras conversam, ouve-se muitas vezes este dissyllabo — em em, ora este em-em é o sim das senhoras — na lingua tupi." O mesmo auctor assevera que os meninos em S. Paulo cantavam a seguinte quadra:

O Virgem Maria,

Tupan cy été,

Aba pe ara pora

O có endé yabé.

Traduzida diz o seguinte: "O' virgem Maria; mãe de Deus verdadeira, os homens deste mundo estão tão bem com-vosco."

Outros autores não menos competentes, como Affonso Celso, asseveram-nos a mesma differenciação. "Muito intelligentes, tem as suas legendas, as suas cantigas ao som da viola, a sua linguagem especial. Deriva dessa linguagem um dos principiaes elementos para a estrutura do idioma brasileiro que ha de um dia differenciar-se do portuguez como este se differenciou do latim, e que já possúe, prosodia, vocabulário e construcções syntaxicas peculiares, perfeitamente distinctas." 20)

Sem causa certa, determinada, diz um historiador moderno, não se enche uma palavra com conteúdo novo. Grande é o numero das palavras portuguezas cujos envolturos (cascas) para assim dizer, foram occupados por um sentido americano ou tupi, como no seguinte exemplo, que notei no meu dictionário de vocabulos brasileiros. Na pag. 100 lê-se: "Nascer v. intr. escapar a um perigo de vida. Etym., parece traducção do guarani ar (tar) nascer com sua significação propria acima indicada. Tenho ouvido diversas vezes usar este vocabulo neste sentido. Um dia tendo escapado a um grande perigo, disse-me o meu companheiro: "O Sr. nasceu hoje! Confirma esta opinião o que encontro em Bapt. Caetano, *Grammat.* (n. 117) onde sobre ar, nescer diz: "nasceu-me mais um carneirinho a custa de tracto," dizia uma caboclinha mostrando um carneirinho sem mãe que ella tinha conseguido criar, dando-lhe leite de vacca." Nascer hoje em portuguez tem sen-

20) Affonso Celso, *Porque me ufano do meu palz.* 2.^a edição. Rio de Janeiro, pag. 82.

tido inteiramente differente do brasileiro, a saber, ser de curta idade, ter experiência curta idade, ter evr?etão in curta idade, ter experiência curta (Aulete)."

II

Reconhecida a mudança do idioma que se fala no Brasil e a sua sempre crescente differenciação do portuguez surge naturalmente a indagação das causas que explicam este phenomeno. A esta curiosidade responderemos com uns ensaios explicativos a respeito.

A linguagem nada tem de morto nem de estatico. Inspira-se e modifica-se no pensamento que a vivifica. A quem foi dado acompanhar a historia de uma lingua não deve ter escapado que os valores significativos das palavras se acham n'um vagoroso porém perceptivel movimento. O pensamento descobre vivas relações e semelhanças, descortina novos mundos de idéas; a lingua espelho do pensamento, reflexo do processo ideal, não pode ficar immovel. Poucas linguas têm sido estudadas de modo que possamos traçar o seu desenvolvimento historico. Uma excepção faz o grupo indo-germanico, cujas raizes foram escavadas e postas á disposição dos interessados. D'estes resultados da sciencia moderna tirarei um só exemplo para mostrar em que movimento continuo se acham as linguas vivas. Escolheremos a raiz **ma**, **man**.

A significação primordial de **ma** é **medir**.

Desta se formam, por meio de suffixos, numerosas expressões para significar **medida** (assim no sanskritto **matra**, grego ; dahi **metrou**, symetrico.)

Da mesma origem é o latim **mos**, contrahido de **ma-os** costume, onde como medida das cousas é considerado o costume e o uso; d'ahi as palavras **moral**, **immoral**, **desmoralisar** etc. Em **meta** apparece o alvo ou termo como medida do caminho ou das forças a gastar. Da mesma raiz deriva-se **modo**, a maneira de fazer alguma cousa; idéa que se reduziu na palavra **moda**. Mas que riqueza de palavras não decorre só do vocabulo **modo**, p. ex., na significação de moderar, modestia, modesto, modico, modificar, modelo, modalidade etc.! Os globos do céu tem a tarefa de medir os tempos e entre os indos especialmente a lua. No sanskritto chama-se **más**, o que mede, daqui **mása** o mez, o medido.

Conforme attestam os factos linguisticos, formou-se de **mâ** um participio passivo que no sanskritto tem a significação de: medido escassamente, dahi as palavras **escasso**,

manco; donde outra vez muitas palavras derivam-se: no sanskrito **matra** só, **mandam** igual ao latim **mendum**, vício, que encontramos em emendar; **manack** de menos, em latim **mancus**, em portuguez **manco**, no hollandez **mank**, no allemão **Mangel**. Da idéa **medir-se**, pautar, vem a idea imitar do sanskrito **mami**, do grego , donde o nosso mimo, mimico.

O já mencionado vocabulo sanskrito **mâtra** significa tambem materia, elemento o proprio **mã** tem em uma composição a significação de realisar, crear formas. E com effeito quem crêa e forma, mede conforme a medida da sua idéa; formar ou crear parece pois uma variação da idéa de medir. Daqui **mater**, mão, a formante, materia, o fertil seio das formas.

De **mã**, **man** medir, fazer, desenvolve-se no grupo romano **mensa** o medido, o feito — com muitas derivações: **manus**, mão como o que mede, fôrma. Uma palavra que significa um instrumento tão activo deve ter rica descendencia: Vejamos e estudemos aqui a mabilidade da lingua: **mansueto**, costumado á mão. isto é. manso; **manipulo** uma mão cheia. numero de soldados. depois um panno para a mão; **manifesto**, aquillo que se pode topar com a mão, aberto, conhecido: com **manus**, mão, relaciona-se o francez **manier**, o portuguez **manejar** e daqui **maneira**; de mão vem o vestido da mão, **manca**, **manche**, **manchette** — manufactura, manuscripto, manual, emancipação etc. etc.

Das significações materiaes levantam-se as numerosas immateriaes ou translatas. De **ma**, **man**, medir no sentido material forma-se o metaphysico de pensar como d'um medir e formar intellectual. **Man** é o sanskrito pensar. no allemão **meinen**. Mui ricas formações originaram-se no latim e grego e seus derivados **mens**, **mente**, **mentir**, **menção**; , etc. De mente denominou-se a representante do pensar **Menerva** ou **Minerva**. **Monere**, admoestar tem um significado causativo e quer dizer: **fazer pensar**; de **nomere** vem **monumento**, **moneta**, **monstrum** etc.

No sanskrito encontramos outro grupo de idéas derivadas da raiz **mã**, como **mâga** com a significação de fallacia, logro; quem pensa muito está exposto a isso; donde do latim **mentire**, o portuguez **mentir**, **mentira**, etc.

Da mesma raiz deriva-se **man** o homem. o que mede. o que pensa. como no allemão **Mann**, homem. Que correnteza poderosa essa que percorre a Asia e a Europa oriunda desta pequena fonte ou olho d'agua. a raiz **mã**, **mã** medir! Que desenvolvimento, que movimento, que mudança!

As linguas nunca param, mas sempre mudam ora cor-tando ou eliminando, ora abrandando conforme as zonas como nas tropicaes, tornando-se mais rijas nas frias. A mesma lingua, pois, fallada em dois meios e climas diffe-rentes ou transplantada para região diversa naturalmente ha de distanciar-se da sua origem pelo correr do tempo. Voltemos outra vez, mas brevidade, á historia da lingua indo-germanica. Lá encontram-se palavras que nem uma letra tem de commum que, entretanto, pela indagação histo-rica foram provadas completamente derivadas. Vejamos um processo complicado de transformações morphológicas. A palavra allemã **Herz** (coração) originou-se, conforme uma lei constante de morphologia, do gothico **hairto**; este **hairto** é conforme certas leis respectivas ás linguas clas-sicas identico ao **cór** (cordis), coração (em portu-temos ainda o latim **cor** na phrase adverbial **de cór**, saber). As formas classicas tem seu correspondente sanskritto em **hríd** que por sua vez é um abrandado **hard** (card) — o sans-krito **h** na sua viagem para a lingua bactrica transforma-se em **s** brando torna-se no persico antigo **d**; por conseguinte o sanskritto **hard** torna-se **sard** no bactrico, no persico an-tigo **dard** — o persico antigo **rd**, porém, vem a ser **l** no neo-persico e, mais um abrandamento, temos conforme uma lei constante **dil** e este mesmo identico com **Herz** e este com **coração**.

Quem o ácreditaria possível, se não estivessem ahi os documentos históricos e as diversas litteraturas que nos mostram e contam as transições e membros entremelados que lançam as pontes sobre essas distancias tão pronuncia-das! Ninguém ousaria affirmar tal, e se a propria historia passo nos não conduzisse, ninguém diria que cousas tão diversas como: **dil**, **coração**, **Herz** **cürd** eram identicas e fi-lhas da mesma mãe, se as indagações rigorosas das linguas compradas não necessitassem de tanto. Mais clara está a mudança da lingua e das suas palavras effectuada na via-gem atravez das diversas regiões e zonas. 21)

e em geral pela mudança da zona e do clima a das linguas é mais promovida, augmenta-se esta por circum-stancias particulares physicas e ethnicas. Insulanos ou marítimos transferidos para o interior d'um paiz devem es-quecer seus habitos de pescadores e marinheiros para sub-stituil-os pelos da patria nova. Assim o emigrante dos Açores que manejava o batel de pescador o trocou pelo ca-valho do Rio Grande; entrava em uma nova esphera de oc-

cupações e idéas e consequentemente formava ou encontrava um opulento ról de vocabulos relativos a esse compaheiro de trabalho no meio que o rodeava e o distinguia dos costumes europeus, como o prova uma lista incorporada a este ensalo.

Toda a geographica physica com suas montanhas, rios, sua fauna e flora encáixa na lingua do immigrante uma longa serie de palavras.

O contacto com os indigenas ou com outros immigrantes anteriores, como o hispano-americano, a dependencia delles nos usos e costumes do paiz, na agricultura, a necessidade de aprender e apanhar delles o saber viver no novo paiz, o cultural-o e outras necessidades augmentam sensivelmente o vocabulario do colono europeu. Já existem varios e estão se preparando diccionarios de vocabulos brasileiros de extensão maior. Elles todos provam o que já dizia Varrão: "*Usus loquendi est in motu*". O erudito Dr. Weiss, auctor d'uma das melhores historias universaes, formulou bem o nosso pensamento na seguinte phrase: "Até povos originariamente parentes em pouco tempo diversificam-se, tornando-se diferentes suas condições de vida e até encarando elles as cousas por lados diversos." 22)

Ajunto aqui como prova do que deixo dito e como applicação d'essas considerações ao nosso paiz um breve elenco do vocabulario brasileiro.

Alguns especimens do vocabulario brasileiro:

BRASILEIRO

Abacaxi s. m. _____

Aggregado s. m. _____

Angú s. m. _____

Andorinha s. f. _____

Araponga s. f. _____

PORTUGUEZ

primorosa variedade de ananaz.

lavrador pobre que em falta de terras proprias se estabelece nas fazendas alheias, com licença dos respectivos proprietarios, mediante certas condições.

especie de massa feita de farinha de mandioca (pirão).

especie de carro destinado ao transporte de mobiliaes.

ave da ordem dos passaros, notavel pelo som metallico do seu canto (ferreiro).

22) "Selbst einander ursprünglich stammesverwandte Völker weichen bald von einander ab, wenn ihre Lebensbedingungen verschiedener wurden und sie die Dinge von anderer Seite zu betrachten gelernt haben." Weltgeschichte 1. Bd. Einleitung S. 27

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Araçá s. m. _____*Bandeira* s. f. _____*Bandeirante* s. m. _____*Bandeirista* s. m. _____*Banhado* s. m. _____*Beijú* s. m. _____*Bichar* v. intr. _____*Bicheira* s. f. _____*Bonde* s. m. _____*Bugre* s. m. _____*Cabanáda* s. f. _____*Cabôclo* s. m. _____*Cábra* s. m. e, f. _____*Cachaça* s. f. _____*Cafajêste* s. m. _____*Cafundó* s. m. _____

fructa do araçazeiro.

expedição armada que sob a direcção de um chefe se dirige aos sertões para explorar-os ou castigar os selvagens etc.

sujeito que faz parte de uma expedição cham. bandeira.

charco encoberto por hervagem.

especie de filhó feito de tapióca ou da massa da mandioca e cozido no forno da farinha.

encher-se de bichos.

ferida nos animaes proveniente das larvas de certos insectos.

conhecido vehiculo que percorre as ruas sobre trilhos de ferro.

nome depreciativo dado aos selvagens do Brasil.

nome pelo qual se designou a revolta de Panellas de Miranda, a qual, tendo começo em 1832, na provincia de Pernambuco, se estendeu logo á de Alagôas e durou mais de tres annos, terminando em 1835, pela intervenção do venerando bispo de Olinda, D. João da Purificação Marques Perdigão. Esse nome passou depois a designar a revolta do Pará iniciada em 1835 e terminada em 1838, pelos esforços do general Soares d'Andréa, depois Barão de Caçapava. (Beaurepaire-R.)

significa tanto os descendentes civilizados dos indigenas como os mestiçados com a raça branca.

mestiço de mulato e negro e vice-versa.

conhecido producto da canna; fig. paixão dominante.

homem de nenhum apreço; de pouca importancia.

lugar de difficil accesso, ermo; logar escuro na casa.

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Caipóra s. m. e. f. _____

nome de ente phantastico que infelicitiza aquelles que se encontram com elle. Fig. pessoa, cuja presença pôde ter o mesmo effeito —; individuo malfadado que apesar de suas boas intenções e esforços não logra melhorar de posição e vê-se constantemente contrariado nas suas aspirações.

Caiporismo s. m. _____

Ad. infeliz, desafortunado.
estado do infeliz acima descripto.

Calundú s. m. _____

mão humor, que faz insuportaveis certas pessoas.

Capanga s. m. _____

guarda-costas de quem lhe paga, para auxiliá-lo em obter satisfação de quem o offendeu etc.

Capão s. m. _____

matto ou bosque isolado no meio do campo.

Capim s. m. _____

nome commum para as diversas especies de grammas, relvas eervas rasteiras enquanto servem de pasto aos gados.

Capinar v. tr. _____

limpar um terreno de capim ou de herva má.

Capoeira s. f. _____

o matto que nasce no lugar do matto virgem (extincto).

Catinga s. f. _____

cheiro forte e desagradavel do corpo humano, sobretudo do dos Africanos; tambem de certos animaes e vegetaes.

Catingar s. f. _____

exhalar má cheiro.

Caximbo s. m. _____

conhecido aparelho para fumar.

Chapada s. f. _____

planicie no alto d'uma montanha.

Chapadão s. m. _____

augment. do precdeente.

Cháta s. f. _____

embarcação de duas proas, de fundo chato e pequeno calado.

Cipó s. m. _____

nome para significar as plantas trepadeiras.

Cuia s. f. _____

vasilha applicada a diversos usos, particularmente para tomar maté.

Cupim s. m. _____

nome commum para designar a todas as especies de termitas.

Descalabro s. m. _____

desgraça, derrota etc.

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Desencaiporar v. tr.fazer cessar a infelicidade de alguém
v. intr. cessar a infelicidade de alguém.*Desencilhar* v. tr.

dessellar.

Destratar v. tr.

insultar, maltratar com palavras.

Empalamado adj.pallido, de pessoas hydropicas ou de
hypoemia intertropical.*Encaiporar* v. tr.

infelicitar a alguém.

Encarrapichar-se v. pron.

encher-se de carrapichos.

Encestar v. tr.

arrecadar em cesto quaesquer objectos.

Engenho s. m.estabelecimento agricola destinado á
cultura da canna e á fabricação de
assucar.*Esparrame* s. m.apparato, ostentação. — O commenda-
dor offereceu uma festa de —.
A condessa apresentou-se com ves-
tuario de —.*Faceiro* adj.

elegante, taful.

Faceirice s. f.

ostentação de elegancia.

Falhar v. rt.p. ex. uma viagem, interrompel-a por
causa de algum contratempo.*Fazenda* s. f.herdade para grande cultura, — de
criação (Rio Grande do Sul) — de
lavoura.*Fumo* s. m.

tabaco; a planta.

Garápa s. f.nome de diversas bebidas refrigeran-
tes.*Gauderio* s. m.parasita, amigo de viver á custa
alheia.*Gramado* s. m.

terreno plantado de grama.

Jaboticaba s. f.

fructo da jaboticabeira.

Jacaré s. m.

crocodilo americano.

Jararaca s. m.

ophidio venenoso.

Limpado s. m.

terreno limpo de matto.

Mandioca s. f.o conhecida planta de cultura (*Ma-
nihat*).*Mandubi* s. f.nome tupi do *hypogaea*.*Maracujá* s. m.fructo da *Passiflora*.*Marimbondo* s. m.vespa conhecida (do tupi *mberú*, mos-
ca, *ybõ*, flecha).*Mascate* s. m.mercador ambulante. Este nome fi-
gura na hist. do Brasil, em 1710,
em que houve a celebre *Guerra dos
Mascates*.

BRASILEIRO

Mátte s. m.

Mingáu s. m.

Molêque s. m.

Neblinar v. intr.

Nó-republicano s. m.

Ouriço-cacheiro s. m.

Passôca s. f.

Patáca s. f.

Pipóca s. f.

Pirão s. m.

Porandúba s. f.

Puchiron s. m.

Quitanda s. f.

Rancho s. m.

Rapadura s. f.

Saúba s. f.

Taba s. f.

Tapéra s. f.

Trapixe s. m.

Tucum s. m.

Umbú s. m.

PORTUGUEZ

folha de Congonha que posta de infusão constitúe uma bebida indispensavel na America Meridional.

preparação de farinha ou de polpa de fructas, temperada com assucar etc. negrinho: fig. pessoa de procedimentos baixos.

choviscar quasi imperceptivelmente. modo engenhoso de atar o lenço que usavam a tiracolo os republicanos rio-grandenses de 1835. O lenço com esse nó especial constituia para aquelles patriotas como que um distinctivo, um symbolo. Cf. o *Anuario do Est. do Rio Gr. do Sul* para 1892.

o mesmo que quandú.

comida de carne secca misturada com farinha de mandioca, mui propria para viagem.

quantia de 320 réis.

especie de milho de grão miudo, que se faz estalar ao lume.

comida de farinha de mandioca cozida (misturada com carne).

historia, noticia, investigação, pergunta.

auxilio mutuo que se prestam os vizinhos para realisar a colheita, acompanhado da festa familiar.

mercado de hortaliças, fructas, etc., fig. industria qualquer.

palhoça sobre esteios ou telheiro sem paredes.

assucar mascavo ordin. em fórma de pequenos tijolos.

formiga grande e notavel pelos estragos que causa nas plantações.

aldêa.

casa abandonada e em ruinas; fig. •povoação em decadencia.

do mexicano trapiche, armazem.

especie de palmeira cujas folhas em fios se usam para tecidos.

fructa do ambuzeiro.

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Xarque s. m.

carne secca.

Xarqueada s. f.

grande estabelecimento em que se prepara o xarque.

Passemos agora á indicação de vocabulos especiaes ao Rio Grande do Sul.

Vocabulos Rio-grandenses que se referem ao cavallo

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Pêlos

"Azulêgo ad. e. s. m.

cavallo oveiro, de pintas miudinhas brancas e pretas, o que de longe o faz parecer azul, e constitúe uma variedade rarissima (Coruja). (Anuario do E. do R. Gr. do S. 1904).

Bragado s. m.

c. que tem manchas brancas atravessando a barriga (Cesimbra).

Branco, couros-neg. adj.

pêlo completamente claro e mesmo alvo do c. cujo couro é negro. Em geral não soffrem da ramella como os chamados — melados e são mui proprios para montaria.

Cabos-brancos adj., plur.

cavallo cabos-brancos é o que tem brancos os quatro pés: Baio (Coruja).

Cabos-negros adj. pl.

c. cabos-negros é o que tem negros os quatro pés: Baio cabos-negros (Idem).

Colorado adj.

c. de pêlo avermelhado.

Douradilho adj. e s. m.

côr do cavallo castanho.

Gateado adj.

Diz-se do cavallo baio com as crinas côr de flecha, segundo outros, é amarello-avermelhado.

Gargantilho adj.

c. com manchas brancas na garganta, pêlo côr de lobo.

Lobuno adj. e s. m.

c. que se distingue por qualquer signal no pêlo (com pronuncia hespanhola).

Malacara adj. e s. m.

c. que tem listra branca sobre o chanfro (da testa até as ventas).

Melado adj.

c. que tem o pêlo e a pelle brancos (no norte do c. que tem côr de mel).

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Mouro adj. e s. m.*Orelhano* adj.*Reiúno* adj.*Oveiro* adj.*Pangaré* adj. e s. m.*Picaço (pigarço)* adj. e s. m.*Quadrilha* s. f.*Rosilho* adj. e s. m.*Rubicano* adj.*Ruano* adj.*Salino* adj. e s. m.*Sebruno* adj. e s. m.*Tobiano* s. m. adj.*Tordilho* adj. e s. m.c. que é mais escuro que o tordilho negro (*Coruja*).

c. que não tem marca ou signal na orelha.

Erra Aulete dizendo o contrario.

c. que pertence ao Estado e leva cortada a parte de uma das orelhas, de ordinario a da direita.

o mesmo que azulêgo.

c. mais claro que o douradilho (em S. Paulo c. estragado, sem mais prestimo algum).

c. de côr escura com a fronte e os pés brancos (côr de sal e pimenta). porção de cavallos mansos de diferentes pêlos.

c. *vermelho* ou *escuro* com uns cabellos brancos; *prateado* em que predominam estes.

c. que tem fios brancos no rabo vermelho.

c. em geral mais claro que o alasão, tendo as crinas esbranquiçadas, bem como a ponta do focinho, as orelhas e os cabellos das mãos.

pêlo de uma côr, porém salpicado de pintas brancas (*Corrêa*). Em allemão *Scheck?*).

c. de côr meio escura.

c. de manchas brancas e compridas. — T. vermelho. — T. escuro. — Baio tobiano. Diz *Corrêa* que deriva de *Tobias*, porque o brigadeiro Raphael Tobias introduziu o c. tobiano em São Paulo, donde também trouxe alguns exemplares para Rio Grande do Sul, ha meio seculo. O c. tobiano é muito apreciado nas colonias allemãs por ser animal mui voluntario e até um tanto feroso.c. pêlo salpicado de branco e preto. T. *negro* é aquelle em que sobre-sahe a côr escura; e T. *sabino*

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Tropilha s. f.*Zaino, a* adj. e s. m.*Zargo* s. m.

quando é salpicado de branco e vermelho; T. *vinagre* quasi o mesmo que o sabino; T. *branco*, em que sobresahe o branco.

porção de cavallos amadrinhados e do *mesmo* pêlo; tropilha de mouros.

c. de pêlo de castanha carregado.

c. que tem os olhos ou um só olho branco.

Virtudes

Baguál s. e adj.*Cabresteador* adj.*Cabrestear* v. intr.*Campeão* s. m.*Cancheiro* adj.*Changueiro* s. m.*Clínudo* adj.*Dar á mão* loc.*Flête* s. m.*Fletaço* s. m.*Estado* s. m.*Monarcha* s. m.*Parelheiro* s. m. e adj.*Pingo* s. m.*Pingaço* s. m.*Pingada* s. f.*Piquête* s. m.

cavallo vistoso.

c. que cabrestêa bem.

sujeitar-se o animal a ser conduzido pelo cabresto sem a menor resistencia.

cavallo do vaqueiro quando este sahe em procura e tratamento do gado. (J. Galeno).

c. acostumado á cancha, que é mestre numa cancha.

c. para pequenas corridas, parelheiro regular. (Aulete escreveu erradamente Chanqueiro).

c. que tem crina mui abundante.

empregada com referencia ao cavallo que facilmente se entrega.

c. bom e bonito ensilhado com luxo.

Tambem significa cavallo em geral, augmentativo de flête.

o cavallo tem estado si está em condições de poder correr.

cavallo que caminha com garbo.

cavallo acostumado a correr parelhas e ensinado para isso.

cavallo bom e tambem do cavallo em geral.

o augmentativo de pingo.

grande numero de pingos e tambem os cavallos em geral.

o cavallo ou os cavallos que estão sempre prompts.

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Doce de bocca adj.*Cavallo de redeas no chão**Sacar a orelha* loc.*Andam batendo a orelha* loc.*Sahio com luz, sahio com fluz**Variado* adj.

cavallo docil.

cavallo manso.

é chegar o parelheiro á raia com a orelha livre, isto é, adiantado do outro parelheiro apenas o espaço da orelha (Coruja).

Dous parelheiros igualam-se.

c. que adianta do outro parelheiro
* com muito espaço entre ambos.

cavallo variado e cavallo ensinado a correr parelhas.

Defeitos

Abombar v. intr.*Aguachado* adj.*Aplastrado* adj.*Aporreado* adj.*Arreganhar* v. intr.*Arreganhado* adj.*Aruá* adj.*Apudva* adj.*Assonsar* v. intr.*Baguari* adj.*Baguál* s. e adj. m.

diz-se que o c. *abombou*, quando tendo feito grande viagem em dia de calor, ficia em estado de não poder mais caminhar; mas, depois de refrescar pôde continuar a marcha (Coruja).

c. mui gordo e descansado, devido a longo repouso e assim improprio para viagem maior.

o mesmo que abombado (do castelha-
no aplastar, amassar, machucar).

c. mal domado, ou que se não conseguiu domar (Cesimbra).

cerrar os queixos do cavallo cançado, de tal sorte que não se lhes pôde tirar o freio, batendo-lhe muito o coração e distendendo-se as ventas em consequencia de uma viagem forçada em tempo de muito calor.

c. improprio para serviço pesado.

c. espantadiço que não se deixa facilmente apanhar.

espantadiço.

quasi abombar.

1) c. vagaroso, lerdo. 2) corpulento, pezadão, molle.

cavallo indomito e independente de qualquer sujeição. 2) c. ruim, trô-tão.

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Basteirar v. tr. _____*Basteriar* v. tr. _____*Basteiras* s. f. pl. _____*Basteirado* adj. _____*Bichôco* adj. _____*Bróca* adj. _____*Caborteiro* adj. _____*Carreteiro* adj. _____*Chimbé* adj. _____*Chucro* adj. _____*Cilhão* adj. _____*Couceiro* adj. _____*Dessocado* adj. _____*Dessocar* v. tr. _____*Disparador* adj. _____*Despalmilhado* adj. _____*Despalmilhar-se* v. pr. _____*Empacador* adj. e s. m. _____*Empacar* v. intr. _____

fazer o lombilho no lombo do cavallo signaes de basteiras ou escoriações,

logares no lombo (de cada lado da espinha) onde assentão os bastos.

2) manchas de pêlos brancos ou provenientes da acção do lombilho nesses logares (Corrêa).

animal que tem no lombo o signal de basteiras, isto é manchas de pêlos brancos provenientes de cicatrizes causadas pelos bastos do lombilho; 2) ligeiras escoriações nesses logares, da mesma proveniencia.

c. que fica com os pés inchados por falta de exercicio (Beaurepaire-Rohan).

cavidade na raiz do casco do cavallo que vai minando até a parte superior do vasio.

c. manhoso, velhaco (tambem cavor-teiro).

o c. que enlaçado estcia o laço.

o animal que tem o focinho chato como os dogues (Beaurep. Roh.)

c. brabo, quasi bagual.

c. que tem o espinhaço encurvado onde se põem os arreios mais baixo que a anca e as cruces.

c. que facilmente dá couces.

c. que soffreu a operação de dessocar. fazer certa operação nas mãos do animal matreiro ou uma incisão nos tendões com o fim de diffcultar a carreira.

c. acostumado a disparar; que foge quando o querem prender.

c. molestado na parte molle do casco. molestar-se o animal na parte molle do casco.

animal que tem o máo habito de empacar.

emperrar o burro ou cavallo; parar especialmente passando arroios etc.

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Estrelleiro v. intr.*Fuá* adj.*Gavião* adj.*Gavionar* v. intr.*Harangano* adj.*Largado* adj.*Lunanco* adj.*Lunanquear* v.*Matungo* s. m.*Matungada* s. f.*Mesquinho* adj.*Montado* adj.*Nambi**Partista* adj.*Passarinheiro* adj.*Passarinhar* v. intr.*Pecêta* s. m.*Pescocero* adj.*Pilungo* s. m.*Petiço* s. m.*Petiçote* s. m.*Pôtra* s. f.*Pôtro* s. m.

sem que possa o cavalleiro forçá-lo a proseguir no caminho.

c. que quando galopado levanta exageradamente a cabeça, tornando-se assim imprestavel para o serviço de campo (parece olhar para as estrellas e é assim impedido de ter marcha segura e veloz).

o mesmo que aruá. (Beaurep. Roh.)

c. difficil para ser apanhado.

não se deixar apanhar.

c. difficil de se pegar.

c. abandonado, desprezado por indomavel, ou tambem do c. manso mas não mais montado.

c. que tem uma anca mais alta que a outra.

ficar lunanco.

c. velho e sem prestimo.

porção de matungos.

c. que só com muita difficuldade consente que lhe ponhão o freio.

animal domestico que se tornou bravo e vive fóra.

c. que tem uma das orelhas cahida (do tupi nambi, orelha).

c. arisco, manhoso, assustadiço.

c. que na viagem se espanta de qualquer cousa.

cavallo passarinheiro.

c. inferior, de mão commodo, feio, lerdo.

c. laçado pelo pescoço que não obedece aos tirões do laçador.

c. ruim, sem prestimo.

c. anão, que tem as pernas curtas.

(Petição augm., Petiçada, porção de petiços).

dimin. de petiço.

fem. de potro; bravia, chucra, ainda não mansa.

cavallo de tres annos para cima e ainda não domado.

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Potranco s. m.pôtro de um a dous annos; a fêmea é *potranca*.*Potrilho* s. m.pôtro de menos de um anno de idade, a fêmea e *potrilha*. *Potrêco*.*Puáva* adj.o mesmo que *fuá* ou *aruá*, espantadiço, indocil.*Redomão* s. m.

c. novo entregue ao domador.

Retalhado adj. m.c. não completamente castrado. — *Retalhar*, v. tr., do castelhano *retajar*; cercear.*Rodador* adj.c. que a cada passo e facilmente roda e cahe; *Rodada*, queda para a frente do cavallo.*Rancheiro* adj.c. que pára ou dirige-se a todas as casas proximas do caminho. — *Revolto*, adj., rodomão que obedece com difficuldade. — *Quebra*, adj. e s. m., máu. — *Quebra-freio*: *Quebralhão*, *Quebra-largado*.*Sentada* s. f.

parada repentina que o cavallo faz galopando.

Sentador adj.

c. do cavallo que preso a uma estaca ou cêrca pelo cabresto ou redeas, se atira para traz e assim quebrando o laço se livra.

Sentar ou *assentar* v.

diz-se 1) do cavallo sentador. 2) do cavalleiro, fazendo parar o cavallo em galope.

Sonador adj.

cavallo que a galope faz sahir pelas ventas e bocca um ruido como que roncando.

Molestias

Cuêra s. f.ferida incuravel ao lado do fio do lombo dos cavallos; o mesmo que *unheira*.*Cuerrúdo* adj.cav. que soffre da *cuêra* ou *unheira*.*Despalmilhado* adj.

cavallo incommodado na parte molle do casco.

Despalmilhar-se v. pr.

molestar-se o cavallo na parte molle do casco.

Fôlho s.

molestia nas mãos ou pés do cavallo.

Macêta adj.

diz-se cavallo doente das mãos ou

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Mal-de-vaso s. m. _____*Máta* s. f. _____*Matádo* adj. _____*Ováo* adj. _____*Rodilhudo* adj. _____*Tocar* s. m. _____*Travagem* s. f. _____*Unheira* s. f. _____*Unheirudo* adj. _____*Quebra-bunda* s. m. _____*Quebrado da bocca* ad. _____

com defeito nellas, isto é, que tem os machinhos mais grossos do que é o c.

ferida cancerosa nos cascos dos cavallos. Vaso em castelhano sign. tambem casco de cavallo.

mata-dura; ferida no lombo do animal feita pela sella, cangalha.

c. cheio de mataduras.

c. doente dos machinhos; [vem provavelmente de *ovas*, certa molestia do cavallo.]

c. que apresenta grandes inchações chronicas de fórma arredondadas ou de rodilha nos machinhos e joelhos (Corrêa).

molestia originada por mingua de sal. (Visc. de S. Leop. Annaes p. 230.)

inflamação das gengivas que hypertrophiam-se e crescem a ponto de quasi cobrir os dentes, impedindo assim o cavallo de pastar pelo que fica muito magro.

matadura incuravel aos lados do lombo dos cavallos, pisaduras do lombillo.

do animal que soffre de unheira.

epizoótia, em consequencia da qual os cavallos ficam descadeirados; ataca-os nas regiões paludosas e os inutilisa para sempre. (No Maranhão = mal d'escancha.)

c. que soffreu pisadura grave ou fractura nos queixos; á menor pressão do freio corre sangue e o torna inutil.

Costumes

Acciado adj. _____*Amanonciado* adj. _____*Amanonciar* v. tr. _____

cavallo que montado caminha com garbo.

cavallo manso, sem que seja montado. deixar bem manso sem ser montado.

Amanonciador s. m. _____

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

<i>Andador</i> s. m.....	c. de certo andar proprio para senhoras.
<i>Amadrinhar</i> v. tr. e intr.....	acostumar-se o cavallo a viver em tropa.
<i>Amilhado</i> adj.....	c. costumado a comer certas rações de milho.
<i>Aquerenciar-se</i> v. p.....	acostumar-se o cavallo a um certo e determinado logar.
<i>Aquerenciado</i> adj.....	dos cavallos que são acostumados a certo logar como tambem dos animaes acostumados a viver juntos.
<i>Boliviano</i> adj. e s. m.....	cavallo que anda sem dono. (Theatino).
<i>Cabrestear</i> v. intr.....	sujeitar-se o animal a ser conduzido pelo cabresto — o animal <i>cabrestêa</i> bem, cabresteador.
<i>Embarrigar</i> v. intr.....	crear barriga; ficar pançudo como vacca.
<i>Guacho</i> s. m.....	cavallinho creado em casa; <i>guachito</i> , s. m. dim. de guacho.
<i>Madrinha</i> s. f.....	nome que dão á egua que serve de pastora e guia de uma tropa, com uma sineta no pescoço.
<i>Manotaço</i> s. m.....	pancada que costuma dar um cavallo com a mão para adiante ou para o lado.
<i>Manotear</i> v. tr. e intr.....	do cavallo que costuma dar manotaços ou pancadas com as mãos.
<i>Pechador</i> adj.....	do cavallo que dá pechadas ou encontros frequentes.
<i>Forjar</i> v. intr.....	do cavallo que costuma fazer barulho com as ferraduras e parece bater com o martello.
<i>Lombear-se</i> v. pron.....	torcer o lombo o cavallo meio arisco quando é montado.

Logares

<i>Pelechar</i> v. intr.....	mudar o animal o pêlo.
<i>Canha</i> s. f.....	logar onde um parelheiro está acostumado a correr. Estar na sua — é estar em logar conhecido, onde é mais forte.
<i>Invernada</i> s. f.....	pastagem convenientemente cercada

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Circo s. m. _____

onde guardam cavallos para descansar ou recuperarem as forças perdidas ou para engordarem etc.
rôda que no meio do campo fazem os campeiros a pé ou montados com o fim de conter reunidos em um pequeno espaço os cavallos que vão ser laçados para substituir os que estão cançados, aproveitando-se dos obstaculos nat., arroios, mattos ou cercas. (Mudador).

Mudador s. m. _____

logar nas estancias, protegido por pedras, arroios, mattos onde se costuma reunir os cavallos por falta de curral, para soltar os montados, substituindo-os por descansados. Se isto não ha, faz-se circo (Corrêa).
pequeno campo cercado com pasto e aguada destinado a animaes cavall. e muars.

Potreiro s. m. _____*Prado* s. m. _____

planicie cercada, circumdada ás vezes de especie de amphitheatro para os espectadores, onde se realisam as corridas (hypodromo).

Querencia s. f. _____

logar onde o animal costuma parar; tomando-lhe affeição, de sorte que lá sempre se encontra.

Quadra s. f. _____

extensão de 132 metros: cavallo de duas, quatro quadras.

Mangueira s. f. _____

curral grande para onde podem-se manguear animaes mansos e bravos.

Arreios e outros pertences. Apeiro 1)*Açoiteira* s. f. _____

chicote curto de que usam os cavalleiros 2.º) plur. as pontas das redeas, que tambem servem de chicote.

1) *Apeiro*, s. m. apparelho de guascas com prata ou com corredores de tentos para uso do cavallo; consta o apeiro das redeas, do boquete, e cabresto, da mancia, cabeçadas, rabicho, peitoral e da trava que se prende á mancia para assegurar alem das patas dianteiras uma das trazeiras. (Cesimbra.)

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Badana s. f. _____*Baixeiro* adj. _____*Barrigueira* s. f. _____*Basto* s. m. _____*Bastos* s. m. plur. _____*Bichará* s. m. _____*Biqueira* s. f. _____*Boçal* s. m. _____*Boçalete* s. m. _____*Boccal* s. m. _____*Bólas* s. f. plur. _____*Bombaxas* s. f. plur. _____*Bota* s. f. _____*Cabrestilho* s. m. _____

pelle macia que se põe por cima do coxonilho.

suadouro-baxeiro é o que colloca-se sobre o lombo do cavallo.

aquella parte da cincha que passa por baixo da barriga do animal.

especie de lombilho de cabeça mui rasa e pequena.

as partes acolchoadas e parallelas do lombilho (Corréa).

especie de poncho de lã grossa com listras brancas e pretas ao compri-do. (Poncho de Mostardas).

especie de embornal ou sacco de couro posto no focinho do cavallo para este não pastar.

caberstos com focinheira.

boçal aperfeiçoado.

pequeno tubo de prata ou metal em roda do lóro na parte immediata ao estribo para proteger aquelle contra fricções). O termo boccal em Portuguez, além de outras significações tambem usuaes no Brasil, serve para designar a peça do *freio* que entra na bocca do animal.)

arma de apprehensão, que consiste de tres guascas ou tiras de couro cru em cujas extremidades se acham tres pedras esphéricas, de que uma, a menor, se chama *manica*.

especie de calças muito largas, que se abotoão logo acima do pé e usadas pelos cavalleiros.

o calçado proprio para montar cavallo (sentido mais restricto do que em Portugal onde comprehende tambem botina, botina de homem e senhora).

(dim. de cabresto) correias estreitas de couro ou corrente de metal que ajudam a segurar a espóra.

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Carôna s. f. _____

Chapeado s. m. _____

Chiripá s. m. _____

Chilêna s. f. _____

Chouriço s. m. _____

Cincha s. f. _____

Cinchador s. m. _____

Cinchão s. m. _____

Cópas s. f. plur. _____

Coscós s. f. _____

Coxinilho s. m. _____

Fiador s. m. _____

Garras s. f. _____

Ginête s. m. _____

Guampinha s. f. _____

Guayáca s. f. _____

Ilhápa s. f. _____

Látego s. m. _____

Lombilheiro s. m. _____

couro quadrado que se põe por baixo do lombilho.

cabeçada guarnecida de prata.

baeta encarnada que os peões costumam trazer ao redor da cintura.

espora grande de haste virada para cima e grandes rosetas.

parte acolchoada do rabicho que passa por baixo da raiz da cauda do cavallo.

cilha ou cinta que serve para apertar os arreios de um cavallo encilhado, compõe-se do *travessão*, *barrigueira*, *quatro argolas*, *látego* e *sobrelátego*.

peça de ferro ou couro presa á cincha, com uma argola, na qual se prende a extremidade do laço oposto á outra extremidade que tem uma argola.

cinta larga de tecido que substitue a sobrecincha.

discos convexos de prata que guarnecem o freio; freio de copas.

rodélla presa no freio para fazer barulho pelo movimento da lingua.

tecido de lã tinto de preto, que se põe sobre os arreios para commodo do cavalleiro.

boçal sem focinheira.

arreios velhos e grosseiros (*Corréa*). especie de sella grosseira da qual usam os vaqueiros.

chifre pendurado no lombilho, preparado para, em viagem, servir de copo para beber agua.

bolsa de couro presa a uma cinta na qual o viajante guarda dinheiro e outros objectos.

a parte mais grossa do laço, e presa na argola.

tira de couro crú com a qual se apertam os arreios, faz parte da cincha. o que fabrica e vende lombilhos.

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Lombilho s. m.*Manêa* s. f.*Maneador* s. m.*Manear* v. tr.*Manica* s. f.*Pala* s. m.*Pellêgo* s. m.*Pê de amigo* s. m.*Perneira* s. f.*Pessuelos* s. m. plur.*Picoá* s. m.*Peiteira* s. f.

peça principal dos arreios que substitue a sella ou serigote ou sellim. correia de couro trançada com que se peiam as mãos do cavallo.

tira de couro crú, porém, garroteada e serve no fiador ou buçal.

pôr a manêa às mãos do cavallo (Em portug. *manear* exprime o mesmo que manejar. Aulete).

a menor das tres bolas.

especie de poncho feito de uma fazenda mais fina que a do *bixará*, mais leve.

pelle de carneiro com lâ que substitue o cochinilho.

especie de pã, que consiste em passar-se pelos encontros e cruces do animal uma corda (laço) que, ahí bem segura, envia um prolongamento que vae segurar uma das partes trazeiras a qual é erguida, ficando assim o animal em tres patas e impossibilitado de fugir ou dar couces; supomos, diz Corrêa, que tal pé tanto pôde-se dizer de amigo como de inimigo.

especie de bota de couro crú, que tiram inteiriça da perna do potro e que immediatamente enfiada se molda á perna do cavalleiro.

alforges, malas de couro que em viagem se carregam á garupa do cavallo; constam de dois saccos de sola presos um ao outro por uma correia de certa largura. (Nas colonias allemãs *Ransen*.)

mala de algodão ou linho para conduzir roupa ou mantimentos em viagem. Também sapicoá. Na campanha parece pouco usado, mais no Norte do Rio Grande do Sul.

peitoral, peça dos arreios que cinge o peito do cavallo.

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

<i>Poncho</i> s. m.	capa de panno de lã forrada de baêta, bem conhecida, propria para quem anda a cavallo.
<i>Rabo de tatu</i> s. m.	rebenque feito de couro trançado; não tem cabo de madeira ou ferro.
<i>Rebenque</i> s. m.	chicote pequeno.
<i>Rossilhonas</i> s. f. plur.	botas de montaria compridas.
<i>Seio de laço</i> s. m.	é o meio d'elle quando atado por uma extremidade no cinchador e preso no animal pela outra.
<i>Serigóte</i> s. m.	lombilho mais curto que o lombilho commum.
<i>Sobrelátigo</i> s. m.	tira de couro crú como o látigo que une o travessão á barrigueira por meio das duas argolas de um e outra e serve para apertar a cincha.
<i>Socado</i> s. m.	lombilho de cabeça alta que usam os domadores.
<i>Sovéio</i> s. m.	laço de dois ou tres tentos torcidos, muito mal trabalhados; grosseiro, porém extremamente forte.
<i>Tentos</i> s. m.	pequenas tiras de couro crú presas na parte posterior do lombilho, onde se prende o laço ou qualquer outra cousa que quer-se levar á garupa.
<i>Torçal</i> s. m.	especie de cabresto para melhor dominar os animaes ariscos.
<i>Tres-Marias</i> s. f.	as bolas ou boleadeiras.
<i>Travessão</i> s. m.	a parte larga da cincha que fica sobre o lombilho.
<i>Xerga</i> s. f.	tecido de lã com labores nas beiradas que se põe por baixo da carona (Coruja).
<i>Xergão</i> s. m.	o mesmo que o portug. enchergão, isto é, tecido de lã que se colloca no lombo do cavallo logo abaixo da carona ou da xerga quando ha uma.

Cavalleiros

<i>Arrieiro</i> s. m.	gerente de uma tropa de animaes de carga: deve inspecionar diariamente os animaes antes e depois do trajecto do dia, curar os que es-
-----------------------	---

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

<i>Arriador</i> s. m.	o mesmo que arrieiro.
<i>Atropilhar</i> v. tr.	reunir os cavallos em tropilha.
<i>Belendengues</i> s. m.	cavallaria de veteranos para defender a fronteira.
<i>Bahiano</i> s. m.	cavalleiro que tem maneira differente de montar e logo se conhece por tal etc.
<i>Campeiro</i> s. m.	tem a seu cargo procurar arrebanhar as rezes perdidas, reunil-as no rodeio etc.
<i>Campear</i> v. tr.	andar a cavallo pelo campo em procura e tratamento do gado.
<i>Campeador</i> s. m.	campeiro.
<i>Cargueiro</i> adj. e s. m.	mão cavalleiro — maturrengo — que monta mal e que em vez de guiar é quasi que guiado pelo cavallo.
<i>Cavallariano</i> s. m.	soldado da cavallaria (nas provincias no Norte é mercador de cavallos) (Beaurep.)
<i>Changuí</i> s. m.	dar changuí ou não dar, isto é, fazer ou não concessões ao adversario ou rival, especialmente empregado em relação ás corridas.
<i>Cinchar</i> v. tr.	ter o animal preso pelo laço e este pela cincha.
<i>Corredôr</i> s. m.	individuo que cavalga nas corridas, jockey.
<i>Compôr</i> v. tr.	um cavallo ou parrelheiro é preparal-o para a corrida.
<i>Compositôr</i> s. m.	pessoa que trata o cavallo para prep. para a corrida.
<i>Compostura</i> s. f.	esta acção, o tempo que emprega, tambem o estado do cavallo sujeito ao tracto, este cavallo está em compostura, esté em boa comp.
<i>Dar de redêa</i> loc.	fazer com que o cav. volte-se para rumo differente do que seguia.
<i>Desenfrenar</i> v. tr.	tirar o freio do cavallo.
<i>Desencilhar</i> v. tr.	dessellar, tirar os arreios do animal.
<i>Desmanear</i> v. tr.	tirar a maneiã do cavallo.
<i>Desgarronar</i> v. tr.	cortar o garrão ou jarrete do animal.

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

<i>Desflorar</i> v. tr.....	uma tropa, tirar-lhe as rezes melho- res; — um cavallo, arruinal-o.
<i>Destopetear</i> v. tr.....	cortar o topet edo cavallo para que lhe não caia sobre os olhos.
<i>Encostar o relho</i>	é esbordoar, castigar.
<i>Encompridar</i> v. tr.....	alongar alguma cousa, tornando-a mais comprida; — o loro do estri- bo, o rabicho etc.
<i>Enfrenar</i> v. tr.....	enfrear, não é geralmente usado. (Beaurepaire-Rohan).
<i>Enlaçar</i> v. tr.....	laçar o animal.
<i>Enquadrilhar</i> v. tr.....	1) reunir muitos cavallos. 2) reunir- se muitas pessoas: andam sempre enquadrilhados.
<i>Enrabar</i> v. tr.....	prender pelo cabresto um animal á cauda de outro para conduzil-o em marcha.
<i>Entropilhar</i> v. tr.....	reunir cavallos em tropilha, isto é, reunir animaes do mesmo pêlo.
<i>Encilhar</i> v. tr.....	sellar o cavallo, pôr-lhe os arreios.
<i>Entabular</i> v. tr.....	formar uma manada para reprodu- ção.
<i>Embretar</i> v. tr.....	1) metter ou encerrar animaes em brête (curral), 2) sitiar, enrincor- nar.
<i>Embuçalar</i> v. tr.....	1) pôr o buçal no animal. 2) enga- nar.
<i>Floreio</i> s. m.....	1) exercicio a que esujeitam um ani- mal de corridas. 2) susto, derrota; tomou um — que muito o incom- modou.
<i>Gaúcho</i> s. m.....	habitante do campo, oriundo, pela maior parte de indigenas, portu- guezes e hespanhóes, notavel por seu valor e agilidade (Beaurepaire- Roh.); animal ou objecto gaúcho e que não tem dono.
<i>Gaúchada</i> s. f.....	acção propria de gaúcho, astucia, ar- dil.
<i>Gaúchaço</i> s. m.....	gaúcho ás direitas, completo. <i>Gaú- chito</i> , dimin. de gaúcho, <i>gaúchinho</i> .
<i>Gaúchar</i> v. intr.....	praticar o gaúcho os seus costumes, ou imital-os outrem.
<i>Ginete</i> s. m.....	cavalleiro.

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Ginetaço s. m.*Guasca* s. m.*Laçador* s. m.*Laçar* v. tr.*Lombiar* v. tr.*Luz* s. f.*Lombilhar* v. tr.*Marca* s. f.*Maturrengo* adj.*Monarca* s. m.

que cavalga bem e com garbo.

O que diz Beaupaire desta palavra, que era de notável injustiça a alcunha applicada aos habitantes do Rio Grande do Sul já não é mais verdade; é tão honroso este nome como gaúcho.

homem dextro no exercicio de laçar (Cesimbra).

aprehender um homem, um cavallo ou boi por meio do laço.

ferir a sella o lombo do animal.

espaço do terreno que um dos parelheiros n'uma corrida leva de dianteira ao outro. *Dar luz* na sahida ou chegada se diz quando se dá como vantagem que um dos cavallos contendores saia na frente do outro ou na chegada — que haja um espaço facilmente apreciavel entre os dois: *Tirar luz*, é tirar a dianteira do competidor. *Ganhar de luz* é quando o cavallo vencedor chega ao ponto terminal com um avanço sobre o outro, de um espaço que poderia occupar um corpo de cavallo ou mesmo maior. *Luz morta, luz curta*, espaço curto de vantagem (Corrêa).

um cavallo, é encilhal-o e montal-o a miudo; piquetear.

instrumento de ferro para marcar os gados. Os cavallos levam a m. na perna e as eguas na picanha. — *Contra-marca* é a estampada em dois logares. *Marcar*, tambem ferir, *Marcção*; *Marcador*.

mão cavalleiro; o mesmo que *Maturrengo*.

1) homem do campo, vestido como tal e carregado de armas (Coruja), 2) gaúcho que monta com garbo mostrando-se faceiro em seu pinga. *Monarchear, monarchia*.

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Paletear v. tr.

esporear o animal na palêta ou espada.

Paradôr s. m.

cavalleiro que tem facilidade em sahir de pé quando o cavallo em que anda, roda ou cae.

Pecháda s. f.

encontro impetuoso de dois cavalleiros yindos de lados oppostos.

Pechador adj.

o que dá pechadas ou encontrões frequentes, 2) fig. pedinchão, o que tem o habito de pedir dinheiro emprestado.

Pechar-se v. intr.

chocar-se um cavalleiro com outro.

Pealo s. m.

o acto de arremessar o laço e por meio deste segurar o animal pelas patas anteriores.

Pêlo a pêlo loc. adv.

viajar de pêlo a pêlo é fazer uma viagem sem mudar de animal.

Penca s. f.

carreira entre quatro, cinco ou seis cavalleiros (Cesimbra).

Pisar na orelha

expressão que diz que ao cahir do cavallo sahe em pé o cavalleiro na frente do animal cahido.

Pialador s. m.

cavalleiro que laça um animal pelas mãos.

Pialar v. tr.

proceder como o pialador.

Piquetear s. m.

encilhar frequentemente.

Quarteador s. m.

pessoa que a cavallo auxilia a puxar um carro p. ex. de bondes.

Quartear v. tr.

proceder como quarteador.

Rebenqueador s. m.que castiga frequentemente. *Rebencaço*, golpe dado com o rebenque. *Rebencada*.*Rabonar* v. tr.

cortar o rabo ou cauda do animal.

Rascadeira s. f.

especie de pente ou pentes de ferro para limpar o pêlo do cavallo.

Rasquetear v. tr.

limpar o cavallo com rascadeira.

Racionar v. tr.

dar a hora certa uma ração determinada de alimento ao cavallo parelheiro.

Raia s. f.risco que se faz a ferro em braza e substitue a contramarca; *Raiar*, v. tr. acto de redomonear.*Redomoneação* s. f.*Redomonear* v. tr.

sujeitar o cavallo novo nos primeiros galopes.

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Rebolear v. tr.*Recruta* s. f.*Recrutador* s. m.*Repasada* s. f.*Repasse* s. m.*Repontar* v. tr.*Repontador* s. m.*Repechar* v. tr.*Ricunar* v. tr.*Refugar* v. tr.*Registrar* v. tr.*Rodar* v. intr.*Rodada* s. f.*Rodeio* s. m.*Rompida* s. f.*Sahir* ou *sahir em pé*

o laço ou as bolas, é dar-lhes o movimento de rotação para lançá-los contra o animal.

1) comitiva de peões de uma fazenda que anda de estancia em estancia arrebanhando os gados pertencentes á dita fazenda, 2) a porção de gado recrutado.

que *recruta* os animaes perdidos. nomes com que se designa o numero de vezes que um pôtro tem sido montado com o fim de ser domado; um cavallo tem 4 ou 6 repasses ou foi montado tantas vezes pelo domador.

enxotar os animaes para um lado ou também para a estrada quando em viagem.

o cavalleiro que faz este serviço. vencer ou subir a cavallo um cerro ou uma ladeira, *repecho*.

cortar a ponta de uma das orelhas do cavallo que passa então a pertencer ao Estado.

separar, apartar gado etc. uma tropa é tomar nota do gado alheio que nella se acha com o fim de poder-se indemnizar os respectivos proprietarios.

cahir o cavalleiro com o cavallo indo a galope.

queda do cavalleiro para a frente.

Reunião, ajuntamento de gado. *Parar rodeio* é reunir, ajuntar o gado.

Dar rodeio é quando um vizinho o pede para nelle separar o seu gado.

1) sahida, 2) o acto de começar a correr. *Rompida* na cóla é o partido, quando um dá a outro a vantagem de dianteira da extensão do corpo do cavallo.

signif. ficar em pé quando cuspidado do cavallo, cahindo este em galope ou corcoveando.

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

<i>Sahidor</i> s. m.	cavalleiro que calhe facilmente em pé, <i>parador</i> .
<i>Sofrenação</i> s. m.	acção de puxar as redeas para fazer parar o cavallo, <i>sofrenão</i> , <i>sofrenada</i> .
<i>Sofrenar</i> v. tr.	sofrenar o cavallo para paral-o ou recuar.
<i>Talaveira</i> s. m.	o portuguez; por analogia = matur-rengo, o que não sabe montar etc.
<i>Talaveirada</i> s. f.	grande porção de talaveiras; grande numero de portuguezes.
<i>Tiro de laço</i> s. m.	o acto de jogar o laço.
<i>Tiro de bolas</i> s. m.	o acto de atirar as bolas contra o animal.
<i>Tironear</i> v. tr.	dar tirões, puxar o queixo do pôtro pelas redeas para fazel-o obedecer.
<i>Tocada</i> s. f.	dar uma tocada n'um parelheiro é sujeital-o a uma corrida de ensaio na qual é chicoteado etc.
<i>Tocador de rodeio</i>	individuo que espanta o gado para conduzil-o ao rodeio.
<i>Tôsa</i> s. f.	tosquia.
<i>Tôso</i> s. m.	certo modo de tosar o cavallo ou cortar-lhe a clina.
<i>Tosar</i> v. tr.	sujeitar o cavallo ao tôso.
<i>Tranco</i> s. m.	marcha natural do cavallo em viagem, sem que seja preciso tocal-o.
<i>Variar</i> v. tr.	ensinar o cavallo a correr parelho com outro.
<i>Verdear</i> v. tr.	o cavallo, dar-lhe ração de capim verde.
<i>Verdeio</i> s. m.	1) este tratamento do cavallo, 2) forragem verde para o cavallo de trato.

Termos promiscuos

<i>Clina</i> s. f.	crina.
<i>Cóla</i> s. f.	cauda do cavallo.
<i>Encontros</i> s. m.	peito do animal.
<i>Garrão</i> s. m.	nervo d aperna. <i>Lado esquerdo</i> é o lado de montar; e o lado de laçar é o lado direito do cavallo. <i>Táboa</i> do pescoço — cada um dos lados do pescoço do animal cavallar.

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Locuções tiradas do cavallo

<i>Cancha</i>	"Estar na sua cancha", achar-se no seu elemento, no seu paraíso, achar-se em posição favorável etc.
<i>Carona</i>	<i>Abrir cancha</i> , dar lugar para passar. <i>Levar</i> ou <i>tomar carona</i> se diz em linguagem militar — do official que é preterido por outro em sua promoção. <i>Não aguentar carona dura</i> , é não supportar insultos ou desafôros sem reagir. <i>Andar pelas caronas</i> — andar mal, falho de recursos — em apuros — em situação crítica. (Corrêa).
<i>Cavallo</i>	<i>Abra o cavallo</i> ou <i>trie o cavallo da chuva</i> — Importa isto em dizer: <i>retire o que dissê</i> . (Cesimbra).
<i>Embuçalar</i>	<i>Enganar</i> : <i>Quizeram embuçar-me</i> ; mas não conseguiram pôr o buçal no animal.
<i>Empacador</i>	<i>Embaraçador</i> , enganador, velhaco. contumaz, teimoso, que por habito gosta de pôr obstaculos.
<i>Enquadrilhar</i>	<i>Andam sempre enquadrilhados</i> — de enquadrilhar cavallos.
<i>Enrabar</i>	Andar sempre junto a outro; perseguil-o: <i>O cobrador anda enrabado com aquelle devedor</i> .
<i>Garrão</i> (nervo do cavallo)	<i>Afrouxar o garrão</i> — dobrar as per-e cahir; mostrar-se pusillanime e sem energia, desistir de qualquer cousa por se conhecer inferior ao adversario.
<i>Gavião</i> (cavallo matreiro)	<i>Vivo finorio</i> .
<i>Gavionar</i>	<i>tanto andou, tanto gavionou</i> , que afi-nal se casou.
<i>Galope</i>	admoestação, censura, castigo, capi-na: <i>um forte galope que lhe ser-virá de lição</i> . (Corrêa).
<i>Largado</i>	diz-se do homem, quando se perdeu a esperança de o corrigir.

BRASILEIRO

PORTUGUEZ

Largada

Fulano tem boas largadas, isto é, ditos chistosos ou boa sahida etc.

Manguear

(repointar os cavallos para a mangueira ou curral): *Ando mangueando aquelle sujeito para ver se o convenço. Você está me mangueando para ver se eu caio n aesparrella* (do Rio da Prata e Chile.)

Marcado

homem que gosta de enganar os outros, applica-se particularmente áquelle que negocia; *marcados* — os da cidade, suppostos sempre como dispostos a illudir os dos campos.

Pellêgo

A cousa tem pelêgo, isto tem sua difficuldade.*Pellêgo branco*, nome dado pelos da fronteira aos *nortistas do Estado* e aos *moradores do Taquary* (Corrêa).

Pescoceiro

caloteiro. *Aquelle sujeito é pescoceiro para satisfazer suas dividas.*

Poncho

Forrou o poncho (fez bom negocio).*Sacode o poncho* = (dar o signal de desafio). *Pisar no poncho a alguem*, offender sem ser repellido:*“Que atrevido me pisou no poncho?”* (Goucho forte, ap. Corrêa)Proverbio: *Poncho do pobre é o sol. Ponchada* = grande porção

Puáva

(cav. espantadiço) *homem colérico.*

Quebra

(cav. mão) *Fulano é um quebra* — *quebralhão* — *Quebra-largado.*

Rodilha

Pessoa de armada grande e bastante rodilha é pessoa exagerada, parladora, espalhafatosa e mesmo mentirosa etc.

Registrar

tomar nota dos cavallos alheios que se acham na tropa para poder indemnisar os respectivos proprietarios. Este vocabulo é um monumento da justiça e bons costumes dos habitantes da campanha erguido no campo da sua linguagem.

3.^a PARTE

... é facil, elegante e suave e copiosa; a difficuldade d'ella está em ter muitas composições.

O Padre Fernão Cardim, S. J. Rev. J. H. Br. t. 57 p. I. 205.

Ha poucas cousas do nosso passado que tanto desafiam a nossa attenção como a lingua dos nossos avoengos, esta lingua geral que ainda agora ou antes que de novo agora é o estudo e a delicia dos americanistas e de muitos outros sabios.

Antes de tudo convém constatar que ella não é morta, mas vive ainda em grande parte da America do Sul e continúa tambem a viver entre nós, pulsando muitas veias do seu genio em a nossa lingua. O seu influxo sobre o nosso idioma é patente, tanto mais que, relativamente ha pouco tempo, era ella fallada ainda no Rio Grande como nos relata a historia.

Conforme affirma o sabio Martius nas suas "Contribuições para a Ethnographia", ainda em 1814 (segundo o recenseamento geral da população do Rio Grande do Sul) subia a mais de oito mil o numero de indios que viviam em nosso territorio, e com isto concorda o Diccionario Geographico de Milliet. Todos estes indios fallavam o guarany.

Nicol. Dreys que vivera 10 annos no Rio Grande do Sul e estudára os costumes rio-grandenses, escreveu em 1839:

"A lingua usual das Missões é a lingua guarany sonora, euphonica e extremamente pittoresca; principia já a ser popular desde o Rio Pardo e nesta ultima villa fallasse mesmo indifferentemente e quasi com a mesma facilidade a lingua portugueza e a lingua indigena; pois a população das Missões consta pela mór parte dos restos da nação guarany, nação branda, docil e soffredora, sem todavia ser extranha ao prestimo militar; deixaram fama no R. Grande os valentes lanceiros a cavallo outr'ora denominados do General Abreu, inteiramente formados de natu-raes das Missões." 1)

1) Noticia descriptiva da Provincia do Rio Gr. do S. Pedro do Sul. cp. II, i. pag. 105. — No Tricentenário do Ven. Joseph Anchieta p. 259, escreve Couto de Magalhães:

Em uma memoria lida no ultimo Congresso de Americanistas,

E por certo não devemos nos envergonhar de um parentesco tão íntimo. Os conhecedores mais profundos a elle se referem com os termos mais honrosos. Não é só o Padre Cardim: tambem outros de ainda maior fama exaltam as virtudes deste idioma. Assim escreve Dahlmann: "Não foi só a importancia, mas a belleza e as qualidades proprias das linguas americanas, que attrahiram as attensões para o estudo do tupy-guarani." 2) E um velho missionario pensa até: "Quem não quereria com gosto, transpôr o atlantico para obter alguns conhecimentos desta lingua, á guiza dos Romanos que passaram o mar Jonio para na propria terra dos hellenos poder provar as bellezas do grego?"

O erudito indianista Dr. Theodoro Sampaio qualifica-o um idioma rico no vocabulario e bastante expressivo." 3). O Padre Figueira, S. J., autor da celebre grammatica tupi do seu nome, diz que a lingua é amena e elegante e ao mesmo tempo abundantemente rica e na sua architectura totalmente extranha a nós. 4) O Padre Ruiz de Montoya, S. J., autor da grammatica e do verdadeiro thesouro desta lingua, qualifica-a de rica e amena e diz que pode hobrear com as linguas as mais celebres, e tão significativa nos seus termos que se lhe pode applicar as palavras da Genese: *Omne quod vocavit Adam animae viventis, ipsum est nomen ejus.*" 5) O Padre d'Aragona que, n'uma obra especial, só trata das particulas do Guarani, diz "que nestas

cujas sessões tiveram logar no Mexico em 1895, o sr C. Poma, encarreg. ahí da Legação da Italia, dá a lista de cêrca de trinta periodicos publicados nas duas Americas, em linguas americanas. Destes a maior parte é publicada pelos yankees dos E. U. do Norte, mas muitos por outros Estados da America e entre outros pela Guayana Ingleza. No Brazil, segunda potencia da America, nem um!

A explicação deste enunciado de C. Magalhães, quanto ao Brazil dá-a o proprio Baptista Caetano, n'uma carta dirigida no vol. VI. dos Annaes da mesma, onde escreve assim: "Extremamente penhorado por esta bondade (de confiar-me trabalho) fico muito e muito agradecido a quem assim depara-me occasião de publicar estudos, que a não ser isto, teriam de morrer na gaveta. E' bem sabido que principalmente na nossa terra, escriptos que não forem de litteratura ligeira, ou não versarem sobre politica, escriptos que não entenderem com as posições dominantes do dia, não têm assignantes nem para fazer face ao terço ou metade das despesas da edição."

2) Dahlmann, S. J. "Die Sprachkunde und die Missionen", Freiburg 1891. pag. 81.

3) "O Tupi na Geographia Nacional", por Theodoro Sampaio, S. Paulo, 1914, 2. ed.

4) Figueira P. Luiz, S. J. "Grammat. da lingua do Brasil". Novamente publ. por Julio Plazmann, 1878 Introducção.

5) L. c. p. 85.

é que se manifesta a belleza propria desta lingua." Não menos favoravelmente se exprime o autor da "primeira historia do Brasil": "... todos os indigenas fallam uma mesma linguagem e esta aprendem os religiosos que os doutrinam por uma arte de grammatica que compoz o Padre Joseph de Anchieta, Varão Santo da ordem da Companhia de Jesus, he linguagem mui compendiosa e de alguns vocabulos, **mais abundante que o nosso Portuguez**", porque nós a todos irmãos chamamos irmãos e a todos os tios, tios, mas elles ao irmão mais velho chamão de uma maneira, aos mais de outra. O tio-irmão do pae tem um nome, e o tio-irmão da mãe outro, e alguns vocabulos tem de que não usam as femeas, e outros que não servem senão aos machos e sem falta são mui eloquentes, e se presam alguns tanto disto, que da prima noite até pela manhã andam pelas ruas e praças pregando, excitando os mais á paz ou á guerra, ou ao trabalho, ou qualquer outra cousa que a occasião lhes offerece, e entretanto que um falla todos os mais callam, e ouvem com attenção, mas nenhuma palavra pronunciam com f, l, ou r, não só das suas, mas nem ainda, das nossas, porque se querem dizer **Francisco**, dizem **Pancicú**; e se querem dizer **Luiz**, dizem **Duhi**"... 6).

São admiraveis os estudos, as grammaticas e os vocabularios verdadeiros thezouros de sciencia e não pudemos comprehender como os missionarios no meio de seus trabalhos apostolicos e de educadores dos indios nos diversos ramos da civilisação acharam ainda tempo para trabalhos desta ordem que absorvem de per si uma vida inteira.

Quanto ao methodo, deviam naturalmente estabelecer suas grammaticas conforme ao conhecido europeó e admiramos como conseguiram isso. Elles não tinham tempo nem meios para estudos mais profundos da lingua, e nem sabiam que a organização e a estructura desta nova lingua, de que pretenderam antes de tudo compôr artes, isto é, methodos practicos para outros missionarios com maior facilidade e menos dispendio de tempo poderem aprendel-a, se diferenciava das europeás, a que a encostaram. Nem existiam já naquelles tempos os trabalhos preparatorios e recursos linguísticos de hoje, que teriam tornado possivel uma comparação scientifica das diversas familias das linguas humanas. A nós que possuimos não só as diversas obras sobre as linguas americanas mas tambem outros re-

6) Historia do Brasil por Frey Vicente do Salvador, l. i. cap. 12. cf. Annaes da Bibl. Nac. vol. 13.

curros, como uma sciencia toda moderna, a das linguas comparadas não é tão difficil entrevér que a lingua tupi-guarany é d'uma indole pouco homogenea senão toda heterogenea das conhecidas europeas. Na minha humilde opinião, me parece que tanto da substancia como do espirito da lingua americana muito escapou aos esforços de querer comprimir-a e quasi encarcerar-a nas formas grammaticaes europeas, posto que correctas, porém rijas e estreitas demais. Não nego que é difficil sahir e elevar-se sobre as formas que regem a nossa educação, que regem por seculos as nossas sciencias e artes; não é facil, digo, de elevar-se a outras formas não menos intellectuaes, ou, antes, em vez de pensar pelas costumeiras tradicionaes e quasi inevitaveis, pensar, conceber e fallar por meio de concepções que o idioma, o seu genio, a maneira de vêr as cousas apresentam e exigem. Não posso deixar de notar a sagacidade e as vezes a espirituosidade e a verdadeira habllidade com que aquellos missionarios acharam o que procuraram para a grammatica, formas europeas na lingua tupi, em quanto o material desta devia se dizer senão intratavel ao menos indifferente para tal e tal forma grammatical; mas prestou-se e assim serviu e muito bem. 7) Mas basta de reflexões. E' tempo de estudar alguns caracteristicos da lingua que nos occupa.

Reduzindo tudo a uns poucos de pontos, observo que é classificada como pertencente ao grupo das aglutinantes. E' denominada tupi-guarani porque se admite a quasi identidade das duas. "Que ellas são quasi identicas, diz uma grande autoridade na materia, não ha a menor duvida para os que a tem ouvido fallar pelos naturaes" 8). Quem começa a estudar este idioma logo tem de topar com uma cousa extranha; os autores ou grammaticos jesuitas que

7) Já tinha escrito estas linhas quando se me deparou um trecho dum mestre na materia, o Dr. Baptista Caetano Nogueira, que comprova esta opinião: "grammaticas existentes da lingua geral que foram modeladas segundo as regras da grammatica latina, as quaes poderão ser muito boas mas não se adaptam aos factos de outra lingua, onde a concepção, seguindo sempre as leis logicas do espirito humano, comtudo desenvolve-se por caminho e em direcção diversa, e converte-se n'uma forma externa, que se não pode traduzir litteralmente"... o que é certo em geral é que nem sempre foram a expressão da verdade em relação aos factos da lingua. Assim os pronomes *a, se, o* desde tempos antigos apparecem empregados com os participios, quando tal não consta das grammaticas..." Annaes da Bbl. Nacion. Vol. VI. pag. XIII.

8) Couto de Magalhães, "O Selvagem", p. III. cap. 3. Rio de Janeiro, 1876.

tratam no mesmo assumpto parecem propor-nos um inteiramente diverso. Quem entender os exemplos e regras do P. Figueira não comprehenderá logo as mesmas propostas pelo P. Luiz Montoya. Participa esta lingua de certo character de protéu devido tanto ás circumstancias exteriores como a sua estructura interna. Encontrando os missionarios esta lingua só na bocca de selvagens que não sabiam escrever não nos foi transmittido monumento algum de sua escripta e alphabeto, se jámais tiveram tal. Os proprios missionarios deviam, pois, com muita difficuldade apanhar aquelles sons estranhos e fixal-os em alphabeto totalmente destituido de semelhantes. Li e admirei um trecho nas obras do P. Vieira em que elle confessa, que tantas vezes tinha posto o ouvido sobre a bocca do indigena para apanhar-lhes aquellas vozes e consoantes tão differentes das nossas, sendo que, conforme Montoya, possúe quarenta e dois sons vogaes, que este indicou pelas seis vogaes com sete accents cada uma. 9)

Por exemplo o bem conhecido y guttural não é só isto, é muito mais; é um ente linguistico que parece ser a esphinge glottica com cabeça, corpo e cauda de entes diversos, que surge lá do fundo, como vindo de além do diaphragma e subindo chega mudado em especie de u francez para expirar em não sei que som dinamarquez. Apesar de haver mais de uma duzia de annos que importunei um erudito conhecedor do tupi-guarani, como o provam os seus escriptos, aqui nesta cidade de Porto Alegre, lembro-me ainda que elle como entre Scylla e Charybdis não ousou ensinar-me a pronuncia daquella multifaria letra.

Não possuindo, pois, em toda a gamma das letras europeas uma representante, os grammaticos deviam fazer uma convenção que tal e tal letra ou signal a significasse e uns escreveram um **I** italico, outros escreveram um **i** encimado de um ponto, outros com um ponto sublinear; estes escreveram um **y** com um accentto, outros **yg**. Portanto escreveram de quatro maneiras a mesma palavra de sorte que parece haver quatro expressões para designar a palavra agua **y**. E como os missionarios hespanhoes naturalmente serviam-se de seu alphabeto e desta circumstancia occasionaram-se outras differenças apparentes, especialmente para aquelles que não ouvem fallar a lingua, conforme C. de Magalhães o affirma do sabio Martius.

Outra fonte de differenças apparentes attribue o dito

9) Raf. Galanti S. J. "Compendio da Hist. do Brasil", pag. 97.

auctor a circumstancias geographicas; porém ha de procurar-se em causas mais remotas e fundas e porque estas nos mostram mais a indole da lingua vou ao menos tocal-as. Assim se diz no Paraguay gallinha: **uraguaçu**, no Pará **çapucaia**. Tão differentes são estas duas palavras para designar a mesma cousa que parecem pertencer a duas linguas totalmente diversas, e não obstante, quem conhece a lingua não o estranha, pois uraguaçu quer dizer perdiz grande; pois para quem conhece outras aves, pode dizer que assemelha-se mais á gallinha emquanto os do Pará onde não ha perdizes tomaram a denominação do canto ou grito e dizem **çapucaia** que quer dizer: o que grita. Mas disse que a razão está mais funda. Explica-a o padre Barcena S. J. 10): a razão é porque os indios se exprimem por meio de circumloquios, rodeios e por semelhanças." Um diz um termo para significar uma cousa e outro diz outro termo para significar a mesma cousa e até o mesmo indio perguntando varias vezes, responde ora de um modo ora de outro para significar a mesma cousa. Para dizerem **Egreja**, uns dizem "casa de Deus", outros "casa da Virgem", outros "onde se reza", outros "onde se enterra". Para dizer **ferreiro**, uns dizem "Aquelle que faz freios", outros "Aquelle que faz esporas", outros "Aquelle que faz cunhas", outros "Aquelle que dá golpes".

Grande influencia exerce nos vocabulos o accento que muda o sentido da mesma palavra: v. gr. **Túpa**, réde de dormir; **tupá**, raio; **tupã**, Deus. **Púa**, cousa redonda; **puã**, levantar, empinar. Donde **ita-púa**, pedra redonda e tambem prego; **itá-puã**, pedra levantada.

O som nasal antecedente nasaliza o consequente e vice-versa: de **nheê** lingua e **catú** bom se forma **nheêngatú**, porque o ê de **nheê**, sendo nasal, faz nasal o **ea** de **catú** e o converte em **nga**.

Donde resultam diversas inversões exigidas pela lei da **euphonia** que tem dominio extenso nesta lingua.

A distincção de masculino e feminino não existe, como entre os espiritos.

Lucien Adam 11) considera como um dos caracteristicos mais salientes da morphologia do Tupi o possuir duas maneiras de exprimir a relação de possessão e da relação do

10) Annaes da Bibl. Nacional. Rio de Janeiro, 1879. Vol. III. pag. 602.

11) *Materiaux pour servir á l'établissement d'une Grammairée des dialectes de la Famille Tupi* par Lucien Adam, Lauréat de l'Institut, Paris, 1896, pag. 22.

genitivo. Na primeira classe se exprime “**de elle**” pelo prefixo **s**, emquanto o de “**si**” pelo de **g**. Ex.: **s’-ugy**, o sangue delle, **g-ugy** o sangue de si.

Na segunda classe exprime-se “**d’elle**” pelo prefixo **i**, emquanto a relação de **si** se representa pelo de **o**. Ex.: **i-mbae** a cousa d’elle; **o-mbae** a cousa de si.

Em abaneenga (tupi-guarany) ha duas especies de **pronomes**, os pessoaes e os demonstrativos; relativos não os ha. Uns auctores os formam e assim é que fallam em relativos. Os pronomes pessoaes, a que nos limitamos aqui, distinguem-se em duas classes bem características, que Baptista Caetano Nogueira, como parece, com razão christmou de **agentes** a uma classe e **pacientes** a outra, porque se referem os primeiros ao nominativo ou paciente.

Os pronomes pessoaes do nominativo ou sujeito prepoem-se aos verbos da maneira seguinte por exemplo em **u comer**

a—u como
re—u comes
o—u come

ya—u comemos (nós todos)
ro—u comemos (nós outros)
pe—u comeis
o—u comem.

Como se vê ha dois pronomes da primeira pessoa do plural; um a que chamam **exclusivo** “**ro**” e o outro **inclusivo** “**ya**”=**ña**.

O exclusivo empregam quando dizem nós outros, com exclusão por ex. de vós europeos, delles e dellas meninos e mulheres. Pelo contrario **ya** ou **ña**, nós todos, não exclue ninguém. Os tres principaes grammaticos Anchieta, Montoya e Figueira escrevem **ere** para a segunda pessoa do singular, e **oro** para a primeira exclusiva do plural. Baptista Caetano Nogueira attribue isto a engano de outiva do **r** **brando** inicial, que parece pedir uma vogal anteposta. Conforme o mesmo auctor tanto os paraguayos, como os indios do Brasil pronunciam **re**, **ro**, e nos escriptos modernos em guaraní assim vem escripto.

Os pronomes pacientes **che** me, **nde** te, **y** elle etc. prepostos immediatamente a vocabulos que figuram de verbos transitivos representam o paciente ou accusativo: **che—u** come-me ou comem-me, **nde—u** come-te ou comem-te etc. Prepostos aos que figuram como intransitivos ou a substantivos são verdadeiros genitivos e servem de pronomes ou adjectivos possessivos, por ex. **che quer**, o dormir ou o somno de mim, o meu somno, **h—og** a casa delle,

o—pá a mão de si, a sua mão, gu—og a sua casa, etc. 12) Da outra tarefa ainda mais importante destes pacientes veremos ao tratar do verbo.

Conforme Bapt. Caetano Nogueira e outros, em abañeenga são verbos e nomes a mesma cousa: "Os nomes primitivos são verdadeiros verbos no infinito ou antes todos os infinitos dos verbos são nomes..." 13) Abramoz o grande dictionario de abañeenga que o mesmo auctor compoz para a traducção da Conquista do P. Montóya e que comprehende mais de 600 paginas em quarto e comecemos pelo radical a; este significa ao mesmo tempo tanto nomes como verbos:

a s. dia,	cáb, v. tr. ferir, picar;
— v. nascer,	— s. espinho; o que fere;
— v. tomar,	íb, v. intr. elevar-se;
— v. cortar,	— s. arvore, tronco, haste.
— s. cabelo.	

Mas conforme o citado auctor até não ha verbo nesta lingua e só nomes e estes se tornam verbos mediante particulas prepostas ou pospostas.

Dizer que n'uma lingua não ha verbo é para uma intelligencia europea, ainda estranha ás linguas americanas, o mesmo que: uma lingua que não é lingua, uma cousa sem amago, um homem sem coração, um soldado sem arma.

Pois só com o verbo se póde formar uma oração completa e dispensar tudo; mas sem elle como se pode operar logica e grammaticalmente?! Existindo não obstante essa contradicção, uma lingua que dispensa o que a todas parece indispensavel, sem prejuizo seu, e uma que é considerada entre as primorosas, deve abrir naturalmente grande appetite de saber o como destrinçar este embrulho. Os que procuram resolver este enigma dizendo que se fórma o verbo accrescentando ao nome uma particula não adiantam nada. Pois os nomes augmentados de particulas não perdem sua natureza de nomes e quando muito podem figurar ambos nesta sua pequena companhia; o que dizemos, pois, é que verbo não existe e sim sómente substituições. Mas a difficuldade vae augmentando de ponto e as-

12) No guarani moderno fallado no Paraguay a distincção entre pronomes agentes e pacientes hoje é quasi nulla e ha mais algumas alterações, também phoneticas dos radicaes.

13) Annaes da Bibl. Nac. Vol. VI, pag. 5.

sim o interesse de saber como sahir-se della ao ouvirmos que ha verbo substantivo, que é o proprio e para dizer o verbo por excellencia, isto é, que em todas as orações faz o papel da alma dellas, que faz na oração para que seja uma oração ou a expressão d'um juizo, que é por conseguinte aquillo que realisa a tarefa de cada lingua de incorporar ou encarnar o pensamento para assim communicar-o a outrem.

Ora não existe nada em *abalañeenga* que se assemelhe ao verbo ser ou que ao menos substitúa este "elemento vital de todos os outros." Quanto preocupava este facto linguístico da não existencia do verbo *ser* aos antigos grammaticos mostram suas opiniões encontradas e oscillantes a este respeito e os esforços de suppril-a da melhor maneira. *Anchieta* formulou a seguinte regra: Os nomes conjugados como verbos *inclúem* em si o verbo *sum*, *es*, *fui*, em duas significações, *scilicet* "ser" e "ter". *Montoya* vai mais longe; faz desses nomes verbos, quando conjugados com pronomes. *Figueira* confessa que "não ha nesta lingua verbo algum particular que propriamente corresponda ao verbo *sum*, *es*, *fui*, latino; mas esta falta se suppre bem com o pronome *che*." 14) Se as circumstancias o permittissem, seria aqui o logar de elevar-nos a algumas considerações sobre a philosophia da linguagem, sobre a logica da grammatica; entretanto limito-me a algumas breves conclusões d'um abalisado philosopho. *Balmes*, analysando o conceito do verbo, chega á conclusão final que o essencial do verbo é exprimir o tempo.

Nega a necessidade do verbo para exprimir a existencia ou identidade entre um nome e um predicado; e pode-se affirmar que nos indica um caminho para achar a solução do nosso problema no seguinte arrazoado: Se fosse o essencial do verbo, exprimir a identidade entre um nome e um predicado, o verbo não era necessario; pois se **exprimem muitos juizos sem empregar um só verbo**, como: **Cesar, grande general, habil politico, eminente escriptor**, foi victima da sua excessiva confiança. Sem os verbos o que nos faltaria, não seria a expressão da affirmação, mas a do tempo e por conseguinte se deveriam empregar circumloções que tornariam muito embaraçada a linguagem. 15) Mas se o philosopho hespanhol tivesse conhecido nossa lingua americana, não teria collocado a essencia

14) Revista Trim. de Inst. Hist. do Brasil tom. 43, p. I. pag. 181.

15) Philosophia Elem.

do verbo em affirmar o tempo; pois podemos fazer isso sem o verbo e sem incorrer nos embaraços ameaçados:

O facto de appôr o falante uma particula ou um vocabulo a um nome e esta composição ligada como parte organica a um todo mais estreito do que a oração não — americana é o que constitúe o verbo em abañeenga. Sendo este assumpto de algum folego, só no correr deste trabalho dar-se-á explicação satisfactoria e mais intima. Pelo que sei, neste ponto de explicar o verbo logico na oração abañeenga, confesso-o estou só; ao menos não tenho antecessores que positivamente o ensinaram, mas sim taes que negam a explicação contraria á esta theoria, como um erudito americanista que, áquelles grammaticos que querem que nas particulas se ache disfarçado o verbo, havendo ellipse do designativo verbal, refuta, e, como parece, com successo assim: "Ora, si não ha verbo que traduza esse, ser, como é que o havemos de suppor existindo, mas occulto! Não é verdadeira phantasia, ellipse de palavra que não existe e portanto, nunca póde apparecer clara? Tanto mais que a falta do verbo é essencial para a intelligencia do guarany e do tupi, que possuem meios de suppril-a." 16) Deveu-nos, porém, o citado auctor a explicação de como supprir aquella falta, o que tentei, repito-o, com muita hesitação, ousando uma affirmação ainda não' approvada por authoridade alguma. Externei esta theoria ou opinião minha aqui, bem que destituida de toda a authoridade e competencia no intuito de ser corrigido pelos competentes ou então ao menos excitar ao estudo desta bella lingua que é propria nossa do Brasil e que mais influencia tem exercido em nossa civilisação do que muitos imaginam. Disse pois que o facto de appôr-se a um nome p. ex. um dos pronomes **che** eu, **nde** tu, **g** (o) elle etc. nas circumstancias indicadas é o verbo que affirma o que a oração expressa, isto é um juizo que é um facto mental, ou um facto do nosso entendimento, em que se **liga um predicado a um sujeito** expresso externamente pela ligação de dois nomes: **checatu** sou bom, **nde porá** és bonito, **g pochi** é máu etc.

Longe de lançar-nos em embaraços, a falta do verbo constitue sua original e unica substituição uma das bellezas caracteristicas das linguas americanas. "A mais interessante particularidade dos nomes consiste no poder de exprimir o passado mediante o suffixo *êra*, v. gr. *akan-ga*, cabeça: *akanguéra*, caveira, isto é que foi cabeça e da

16) A. J. de Macedo Soares. Um manuscrito guarany. Revista do Instituto Hist. Brasil. Tom. 43 p. I, pag. 182. Rio 1880.

qual ficou quanto basta para indicar o que foi; *taba*, aldêa, *tapêra*, ruínas de uma aldêa, isto é, que foi aldêa e della ficou alguma cousa" 17) ou como diz Macedo Soares, "designando o estado anterior. Singularíssima formação lexicologica, não nos consta que exista em outras linguas." 18)

Este facto linguístico é outra prova da não existencia do verbo no abañeenga: pois é ao nome que se appõe o que chamamos os accidentes do verbo, isto é os designativos do tempo preterito e dos mais como veremos. Mas ouçamos o nosso authorized mestre o sabio Baptista Caetano. 19) "Ha dois designativos geraes de tempo para todos os modos, e que servem tambem e essencialmente ao infinitivo: são *euér* e *ram*. Estas duas dicções tem significações proprias attributivas: *euér* ser velho, antigo, passado, *ram*, ser novo, são, fresco. Porém, empregadas como suffixos perdem o carácter attributivo e servem para designar tempo preterito e tempo futuro. Por meio d'ellas e da dicção a que se appõem obtem-se cinco tempos... Estes designativos de tempo inteiramente separados do verbo e susceptiveis de serem appostos a outra qualquer dicção, constituem um dos caracteres, que dão ao abañeenga e a outras linguas americanas feição tão especial, que difficulta e até impossibilita a traducção litteral em outras linguas, por ex. como o portuguez, onde a designação do tempo pertence essencialmente ao verbo, com elle só varia, e não pôde ser feita por mudança de fórma no substantivo ou no adjectivo... Por quererem exprimir a todo o custo o tempo por meio do verbo e por não verem que elle podia ser determinado pelo substantivo, é que as grammaticas multiplicam os tempos nos modos pessoaes (indicativo, optativo etc.), desenvolvendo-os mediante adverbios annexados aos verbos, inventando tempos parallellos aos das linguas européas, e procurando fazer um accôrdo ou correspondencia impossivel dos tempos e modos da lingua americana com os das linguas européas."

Uma consequencia e ao mesmo tempo mais uma prova da não existencia do verbo *ser* é a falta da voz passiva, sendo *ser* "o elemento da passividade" dos mais verbos. 20) "We think we may affirm, that in this language there are wanting, not only the passive verb, but also the passive

17) Comp. da Hist. do Brasil pelo P. R. Galanti, S. J.

18) Rev. Brasileira, t. 8, p. 118.

19) Esboço grammatical. Annaes da Bibl. Nacional, vol. VI, n. 79.

20) Gram. analytica da Ling. Portug. pelo P. Massa, p. 79.

voice itself... In order, then, to denote something like the passive voice, it is, as a rule, sufficient to place certain words, which have themselves the meaning of passive participles, after the substantive or pronoun serving, as the subject; ex. Paul was killed = Paul inkávára, or Paul inka-pyra; = **inká** to kill + **vára** or **pyra**, suffix denoting the object of the action, — as killed." 21) Para dar uma idéa de como nossas concepções européas são bastante subjectivas e podiam ter sido concebidas em outras formas, ponho aqui um ou outro exemplo: Dizemos que aquelle que é amado por outrem é paciente e a forma grammatical que exprime esta relação chamamos passiva; pergunto, não se podia dizer com mais ou ao menos igual razão que o tal amado não é paciente mas agente, exercendo uma verdadeira tyrannia no seu amante? E aquelle que se chama erudito não se podia dizer que é agente e não paciente ou ao menos tanto isto como aquillo, sendo verdade que a sciencia que possúe o erudito é um poder e elle mesmo um pequeno poderoso e por conseguinte um agente que não merece figurar nem em grammatica como passivo e paciente? Concordam os proprios grammaticos. "Convem advertir, diz um delles, que os nomes **sujeito** e **agente**, apesar de logicamente distinctos, em grammatica equivalem á mesma idéa; 22) Sujeito equivale approximadamente a paciente e não obstante póde ser considerado como agente.

Assim depende tudo da maneira de conceber as cousas. Sómente é difficil de elevar-se acima das formas de que andamos imbuidos desde os nossos cueiros. Donde vem que Baptista Caetano não só uma vez se julga obrigado a fazer observações como a seguinte: Nada importa que sejam esturdias essas phrases em portuguez, e mesmo não tenham muito sentido; **a concepção é outra na lingua americana** e a fórmula da phrase o indica" 23) ... é extremamente inexacto querer-se traduzir como se faz sempre, em abañeenga nomes por nomes ... muito frequentemente o que dão por um nome em lingua indigena só póde ser traduzido em portuguez por uma phrase. 24)

Deixaria uma lacuna se preterisse o que diz o profundo Montoya a respeito das **partículas**: "O fundamento, diz elle no principio do seu "tesoro", o fundamento desta lin-

21) *The Brazilian Language* by Amaro Cavalcanti, Rio 1883.

22) Gram. analyt. do P. Massa pag. 247.

23) Esboço grammatical, pag. 24.

24) L. c. pag. 56.

gua são particulas, de que muitas de por si não tem significação; compostas, porém, com outras ou inteiras ou partidas formam vocabulos significativos; por isso **não ha verbo fixo**, porque se compõe destas particulas ou nomes com outras ... v. gr. **Ñ'emboé** se compõe de tres particulas, **ñê, mó, e**. O **ñê** é reciproco, **mó** particula activa; e destreza: e tudo junto diz **"adestrar-se"** e nós o traduzimos por **"aprender"**; porém indeterminadamente, porque não connota pessoa; pondo, porém a se faz verbo; **añêmboé**, Eu aprendo.

Penetrando na mysteriosa officina da morphologia desta admiravel lingua, percebemos que se falla em verbos, participios, gerundio, tempos preterito e futuro e que tudo isto propriamente não existe no tupi. Pois, como é lingua, se não existem nella os elementos da lingua? Existem no seu todo ou conjuncto e nos elementos de exprimir o pensamento humano, mas não nas repartições indicadas, isto é, as fórmãs da grammatica européa não correspondem a outras em tupi cujo conteudo seja igual ao d'aquellas. Por ex. temos uma proposição cujo pensamento ou conteudo figura no tempo passado mas não encontrareis em tupi verbo que isto possa indicar; mas agglutina-se a uma palavra da proposição tupi uma particula que designa o tempo passado e o vocabulo que figura de verbo continúa no tempo presente; mas sendo a oração tupi mais unida, mais uma e quasi que uma unica palavra grande, o tal verbo no presente participa do passado em que entrou toda a oração ou antes foi transferida ao tempo passado.

Esta unidade da oração se pôde ainda hoje observar na bocca dos indios conforme o missionario capuchinho, o R. P. Raf. de Taggiá:

"A difficuldade maior, diz elle, provem do organismo linguistico. Imaginemos que o indio traduz esta simples phrase: a cobra mordeu o menino. Depois de dizer que o indigena não distingue no conjuncto o que é cobra, menino ou morder, continúa: "Para elle a oração apresenta-se como um tóro, **um indivisivel**: tudo é cobra, tudo é menino, tudo é morder." 25) Cabe aqui o que lemos no "Esboço grammatical" que nos traz umas phrases construidas ha dois seculos.

"A-y-apo che co-râm hei de fazer a minha roça; che có-cuér o-mbobai **guira-cuer** a minha roça destroçaram os passarinhos. Aqui estão expressos o futuro e o passado

25) Diccionario Geograph. do Brasil por Moreira Pinto, III. vol. sob Xerentes.

no indicativo mediante **cuer e râm, não adherentes ao verbo, mas ao substantivo**, e demais o passado é indicado por **euér** duas vezes, e podia ser por uma só." 26) Lemos em Alfredo Maury, *La Terre et l'homme*, cp. 8, o seguinte trecho: Nas linguas americanas não é somente uma synthese que concentra em uma palavra todos os elementos da idéa mais complexa; ha ainda engranzamento das palavras, umas nas outras; é o que Lieber chama incapçulaçào, comparando a maneira porque as palavras entram na phrase á uma caixa na qual se conteria outra que a seu turno conteria terceira, esta uma quarta e assim por diante. A incorporação das palavras é por vezes levada á extrema exaggeração nesses idiomas, o que produz a mutilação dos vocabulos incorporados."

Por isso é que o verbo substantivo é dispensado: o todo da oração é um substantivo na concepção do indio, toda a phrase é um subsistente, uma só palavra. Não nego que esta concepção é toda nova, desconhecida; porém a justiça manda entrar no génio desta lingua e não emprestar-lhe idéas e maneiras de encarar as cousas que lá não existem e até contradizem aos factos linguisticos. Assim diz Luccock que achou em Southey, *Historia do Brazil*, uma phrase que é uma só palavra: "The long word **Cognantainseconima** found in Southey's History of Brazil N. 1. P. 5607 contains a sentence **cunhamtay' masecomeimam** I that I had come the child of a woman, i. e. as I unerstand it, without the aid of man." 27)

Pretendia ainda indicar na lingua que nos occupa certos vestigios e signaes que nos authorizam a suppôr que era propriedade d'uma nação decahida de uma civilisação de que não existe mais outro indicio; porém os limites deste trabalho não o consentem. Prefiro por tanto concluir com umas observações mui judiciosas do erudito americanista Macedo Soares: "O guarany, que o padre Hervas considera a mais difficil das linguas americanas, é... tão sujeito á irregularidades de toda a sorte que admira como se tem podido subjeitar a preceitos grammaticaes. Só mesmo a inspiração de um Anchieta, o profundo talento de um Montoya, a tenacidade intelligente de um Couto de Magalhães ou a incontéstavel superioridade de um Baptista Caetano, poderiam dictar a lei na anarchia grammatical e lexicographia da lingua geral nos seus ramos, tupi e guarany."

Fallando de um manuscripto guarani diz: A phrase

26) Annaes do Bib. Nac. vol. VI. n. 80.

27) Revista do Inst. Hist Brasil, tom. 43, p. I. pag. 271.

nem sempre é vasada nos antigos e correctos moldes da lingua; ao contrario, o guarany actual se resente muito já do jugo castelhano, e está n'uma phase nova de sua historia, como succede com o tupi do Amazonas e o tupi do littoral, em relação á lingua portugueza. Guarany e tupis, comtudo, se pôdem gabar de terem fornecido aos seus conquistadores não sómente palavras destacadas, porém phrases inteiras; não um vocabulario apenas, porém mesmo algumas fórmas grammaticaes; e por dezenas de palavras que receberam dos invasores, lhes deram milhares! São, principalmente, essas novidades indigenas que fazem do castelhano e do portuguez d'America uma lingua já assás differente do castelhano e do portuguez da Europa. **E' por ahí, mais do que pelas instituições politicas, que o Brasil e as republicas hespanholas vão affirmando sua individualidade, sua independencia, sua nacionalidade.**" 28)

As seguintes quadrinhas pertencem a um drama ou auto que o Ven. P. José Anchieta fazia os meninos representarem no pateo do collegio de S. Paulo:

Xe retama mooripa,	Terra minha venturosa,
Ore yú, xembigoe	De meu pae ora escolhida
Xe awé ndê roba-kê	Por morada, junto della
Ayu niê, borim, boripa.	Passar quero toda vida.
Tapui pepíra guabo	Gentios bravos dos mattos
Xe ramuya poracei;	Foram os maiores meus;
Xe Tupan rekó ayucei,	Mas eu, que peço o baptismo
Xe mbá relló peabo.	Quero ser filho de Deus. 29)

A canção do exílio de Gonçalves Dias:

Minha terra tem palmeiras
Ce retama oreco pindoeta
 Onde canta o sabiá
Mâmê çabiá onheen,
 As aves que aqui gorgiejam
Quirá onheengare ike uaá
 Não gorgiejam como lá
Inti aetá onheen aspe iauê. 30)

28) Rev. do Inst. Hist. Brasil tom. 43, p. I, pags. 168 e 190.

29) General Couto de Magalhães, 7.ª Conferencia para o Tricentenário de Anchieta. A traducção é do distincto litterato e poeta paulistano, Horacio de Carvalho.

30) Traducção do dr. Theodoro de Sampaio. L. c. pag. 40.

INDICE

	pag.
Cartas de D. Feliciano com notas de Alfredo Barbosa Nogueira.....	155
Memorias de Francisco Pedro Abreu (Barão de Jacuhy)	166
Descobrimento do Brasil — J. B. Hafkemeyer S. J.	211
A invasão paraguaya — Con. João Pedro Gay (Souza Docca)	220
Vocabulos tupis na geographia riograndense — Souza Docca).....	225
Porand'uba Rio Grandense por C. Teschauer, S. J.	228